

CELI SILVA GOMES DE FREITAS

**ENTRE A VILA QUILOMBO E A AVENIDA CENTRAL:
A DUPLA EXTERIORIDADE EM LIMA BARRETO**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História Política, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, como requisito para obtenção do Grau de Mestre, sob a orientação da Prof^a Dr^a Lená Medeiros de Menezes.

RIO DE JANEIRO

Dezembro de 2002

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

BANCA EXAMINADORA

Prof(a) Dr(a) Lená Medeiros de Menezes / UERJ

Prof(a) Dr(a) Lúcia Maria Paschoal Guimarães / UERJ

Prof(a) Dr(a) Angela Maria de Castro Gomes / UFF

CONVIDADO ESPECIAL

Prof. Dr. Décio Rocha /UERJ - Letras

RESUMO

A dissertação “Entre a Vila Quilombo e a Avenida Central: a dupla exterioridade em Lima Barreto” tem por objeto principal de análise a trajetória de Afonso Henriques de Lima Barreto em seus deslocamentos entre a Vila Quilombo e a Avenida Central, discutindo, nesses deslocamentos, os limites da modernidade republicana no período que se estende de 1881 a 1922. Tanto a Vila Quilombo quanto a Avenida Central estão entendidas como representações resultantes do processo de especialização dos espaços da cidade do Rio de Janeiro, em um contexto político que superpunha e contrapunha uma cidade velha em demolição e uma cidade moderna em construção. Como ator do político, Lima Barreto vivenciou a dupla exterioridade nas posições de negro-intelectual e de intelectual-negro, e produziu um discurso que tem sido utilizado como fonte documental para o conhecimento da História Política brasileira na temporalidade da República Velha. Na perspectiva teórico-metodológica, a dissertação está situada no campo multidisciplinar que interliga a História Política - com incursões no campo biográfico - e a Análise do Discurso. Nesse sentido pode ser considerada inovadora, à medida que propõe novos caminhos e novas abordagens.

PALAVRAS-CHAVE: Lima Barreto – Dupla Exterioridade – Negritude – Intelectualidade – Modernidade Republicana

ABSTRACT

The main object of the dissertation “Between *Vila Quilombo* and *Avenida Central*: the double exteriority in Lima Barreto” is to make an analysis of Afonso Henriques de Lima Barreto’s trajectory of movements across *Vila Quilombo* and *Avenida Central*. In this way, it discusses the limits of republican modernity through Lima Barreto’s trajectory from 1881 to 1922. Both *Vila Quilombo* and *Avenida Central* are considered as representations and they result of the space specialization process in Rio de Janeiro city, inside a political context which compared and opposed a demolishing old city and a building modern one. As an actor of the political, Lima Barreto lived the double exteriority positions as a black-intellectual and as an intellectual-black, and therefore he produced a discourse which has been used as documentary source of knowing Brazilian Political History in Old Republic period. The dissertation is theoretical and methodologically placed in the multi-disciplined field which connects Political History – with incursions in the biographic field – and Analysis of Discourse. As far as it proposes new paths and new approaches, this dissertation may reach an innovatory purpose.

AGRADECIMENTOS

Avalio que em primeiro lugar deva agradecer ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, pela acolhida e pelo zelo com que me conduziu ao longo do Curso de Mestrado em História Política. Destaco a enorme competência e a rica contribuição dos professores e professoras, além da segura orientação de Lená Medeiros de Menezes.

Aos colegas de Mestrado, pela cumplicidade das trocas e das conversas, meu sincero reconhecimento.

Muito especialmente, minha gratidão à Leila, velha amiga, colega de turma no Mestrado, interlocutora predileta, parceira de todas as horas.

Meu agradecimento ao Departamento de Ensino Fundamental do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, do qual sou docente, pelo incentivo, demonstrado concretamente através da carga horária de pesquisa que me foi concedida a partir de 2001.

Aos meus familiares, grandes responsáveis pelo meu “coração suburbano”. Ao meu pai Christodolino, o primeiro grande leitor que conheci. *In memoriam*, à minha mãe Juraci, de quem roubei muito tempo para me dedicar à leitura e ao estudo.

Aos amigos e amigas, companheiros e companheiras, com quem venho tecendo e tramando nesse longo caminho até chegar à pesquisa e à escrita da dissertação. Não citarei nomes, para evitar os lapsos inevitáveis.

Ao José Messias, pois o amor é fundamental!

Ao querido filho Bráulio,

a melhor criação, sempre

o grande amigo, agora.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	9
CAPÍTULO 1: DE LARANJEIRAS A TODOS OS SANTOS	32
CAPÍTULO 2: UM NEGRO-INTELECTUAL NA VILA QUILOMBO.....	67
CAPÍTULO 3: UM INTELECTUAL-NEGRO NA AVENIDA CENTRAL	95
CONSIDERAÇÕES FINAIS	124
FONTES	132
BIBLIOGRAFIA	135

O ESCRAVO

Detrás da flor me subjugaram,
Atam-me os pés e as mãos.
E um pássaro vem cantar
Para que eu me negue.

Mas eu sei que a única haste do tempo
É o sulco do riso na terra
- a boca espedaçada que continua falando.

Ferreira Gullar¹

¹ Ferreira Gullar. In: *Toda a poesia*. 5^a ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991, p. 84.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Segundo Bakhtin, “a palavra é o fenômeno ideológico por excelência”; “o modo mais puro e sensível de relação social”,² o que nos conduz às palavras de abertura do “Memorial” que preparei para o concurso público, no qual fui aprovada como docente do Departamento de Ensino Fundamental do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro:

Meu nome é Celi Silva Gomes de Freitas.
Nasci na cidade do Rio de Janeiro, em 21 de março de 1950. Vivi nos arredores do Méier - Maria da Graça, Todos os Santos, Chave de Ouro, Cachambi – até os trinta e dois anos, quando me mudei para a Tijuca – ou melhor, Aldeia Campista. Gosto de afirmar que Todos os Santos é terra de Lima Barreto e Aldeia Campista, de Nelson Rodrigues.

Ao reler o “Memorial”, encontrei na passagem citada algumas marcas e, ao mesmo tempo, percebi certas lacunas. Das marcas, prefiro destacar as mais antigas, ou seja, aquelas que se referem ao tempo “até trinta e dois anos”, ao espaço “nos arredores do Méier” e a um ator chamado “Lima Barreto”. Quanto às lacunas, estou ciente de que elas existem em qualquer texto e podem ser preenchidas de diversas maneiras. Assim, poderia escolher preenchê-las pela poesia, por exemplo. Nesse momento em que submeto à apreciação da Banca Examinadora a Dissertação de Mestrado “Entre a Vila Quilombo e a Avenida Central: a dupla exterioridade em Lima Barreto”, admito, porém, que as lacunas não devem ser preenchidas pela poesia, mas pelo discurso histórico.

² Mikhail Bakhtin. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 6ª ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1992, p. 36.

Em minha trajetória, a mudança de rumo frente às possibilidades de uso das palavras buscou a realização de um sonho antigo, que data do final da década de 1960, época na qual encerrava o Ensino Médio no Instituto de Educação do Rio de Janeiro e vivia o momento da difícil escolha entre Letras ou História. Optei pela Graduação em Letras, que cursei na Universidade Federal do Rio de Janeiro, nos anos duros da primeira metade da década de 1970. A História ficou para ser “levada a sério” no futuro, embora mantivesse com ela uma relação de “namoro” e nunca a tivesse abandonado. O futuro é agora, portanto.

Sobre a complexa tarefa de definir o objeto de pesquisa histórica, Lucien Febvre me instiga a pensar quando escreve: “O homem não se lembra do passado. Reconstrói-o sempre. (...) Parte do presente e é sempre através dele que conhece, que interpreta o passado”³. Nessa concepção, portanto, toda história é, de início, uma história contemporânea, na medida em que o(a) pesquisador(a) sempre escolhe um problema do presente que o(a) mobiliza para, dialogando com as fontes, investigá-lo no passado.

Ouso inserir aqui uma questão do meu tempo presente que me conduziu a um certo passado, cujo tempo-espaço determinado historicamente é analisado na dissertação. O problema do presente vem com a memória de certas passagens que vivenciei desde a infância de menina negra suburbana e, para estabelecer um elo entre a minha trajetória de vida vivida e a de pesquisadora em História, descreverei a seguir uma trama, com seu cenário e episódios significativos.

³ Lucien Febvre. *Combates pela História*. Portugal: Editorial Presença, 1952, vol. I, p.34.

Entre 1950, ano em que nasci, e 1982, ano em que passei a residir na Aldeia Campista⁴, morei em Maria da Graça, Todos os Santos, Chave de Ouro, no Engenho de Dentro e, por fim, no Cachambi, todos esses logradouros que participam da composição do chamado Grande Méier. Embora a estação de Todos os Santos, hoje extinta, date de 27 de dezembro de 1868 e a estação do Méier tenha sido inaugurada apenas em 13 de maio de 1889⁵, o Méier tornou-se um dos mais importantes subúrbios formados dentre os oriundos das oito estações de parada da Estrada de Ferro Central do Brasil que se localizavam no território da Freguesia do Engenho Novo.

Em minha memória, há o registro de que a distância física e social entre aquele cenário suburbano e a região do centro da cidade do Rio de Janeiro ainda era considerável, no período correspondente às décadas entre 1950 e 1980.

Em Maria da Graça, onde morei até 1962, convivi, por exemplo, com a carroça de lixo puxada por burros que, com freqüência, atolava em minha rua sem calçamento, esburacada e com ilhas de capim cercadas de barro por todos os lados. Se estas ocasiões representavam, por um lado, um transtorno para moradores e funcionários da limpeza urbana, por outro, eram motivo de diversão para nós, crianças, que acompanhávamos a lentidão do processo de desatrelar os animais da carroça tombada, desvirá-la, repará-la se fosse o caso, recolher o lixo espalhado, recolocá-lo na caçamba... Nós, as crianças, víamos com prazer os animais pastando na rua, por um momento livres, enquanto as providências iam sendo tomadas, com “a pressa habitual da burocracia oficial”, como diria ironicamente um certo carioca chamado Lima Barreto...

⁴ Esta é a localização da Rua Tomaz Coelho, onde resido desde 1982. Ver: *Revista Guia Rex* – edição carioca. Rio de Janeiro: Ed. Revista Guia Rex Ltda., Ano XLVI, 1980.

⁵ Francisco A. Noronha Santos. *As Freguesias do Rio Antigo*. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1965, p.33.

Contrastando com essa lembrança “de roça” do subúrbio de Maria da Graça, trago a memória mais antiga – e mais presente – de um episódio que bem descreve minha relação com o espaço “civilizado” do centro da cidade do Rio de Janeiro. Caminhava pela Avenida Rio Branco quando verbalizei alto e enfaticamente meu espanto de criança suburbana diante daqueles “enormes arranha-céus”, daquela “multidão” locomovendo-se apressadamente, enfim, daquele cenário tão distinto do outro, onde habitava e circulava. Ao comentar meu estranhamento, fui advertida severamente para que “deixasse de ser bicho-do-mato”. A memória deste acontecimento, intensamente nítida até agora, torna-se uma chave para a definição de meu caminho de pesquisadora.

Outra chave, também buscada em minha trajetória, descobre que a condição de “ser-menina” foi percebida mais cedo e certamente de modo menos traumático do que a condição de “ser-negra”, compreendida mais tardiamente e com dor.

Uma das lembranças mais fortes é a das freqüentes, demoradas e aborrecidas sessões de alisamento dos cabelos a que as mulheres adultas da família se submetiam e submetiam as meninas. Quanto aos homens, os cabelos eram “amansados” com uma touca de meia fina feminina durante algumas horas para que adquirissem uma aparência de “cabelo baixo e liso”.

Nas imagens e na linguagem, observo que a submissão ao processo de branqueamento seguia seu curso, reproduzindo gestos, naturalizando práticas, impedindo discussões acerca das minhas-nossas origens raciais. Ter “cabelo bom”, não ter “nariz abertinho”, ter “pele mais clara”, não ter “calcanhar grosso”, todas essas eram expressões bastante presentes nos discursos, significando a expressão de um desejo que valorizava

negativamente minha-nossa origem negra e buscava ressaltar minha-nossa origem branca, ambas presentes na “cor parda de minha-nossa certidão de nascimento”.

No espaço privado da casa, gastávamos muito do nosso tempo para que, ao sairmos para o espaço público da rua, as marcas fenotípicas da nossa negritude estivessem apagadas; e, principalmente, não investíamos qualquer tempo na reflexão acerca das diferenças que nos distinguiam.

No espaço público, a memória da escola se sobrepõe às demais, pois a formação intelectual pela via da escolaridade era valorizada positivamente em minha família. No entanto, a memória da escola guarda, também, a experiência do estranhamento, decorrente de uma tensão entre a condição de “ser-negra” e a de “ser-estudante”.

Quando iniciei a escolaridade básica, na segunda metade da década de 1950, nem mesmo o ingresso na escola estava democratizado, quanto mais a permanência de todos, crianças e jovens, indistintamente. Assim foi que a unidade escolar pública onde estudava promoveu uma “limpeza”, transferindo, compulsoriamente e durante o período letivo, um grupo significativo de alunos e alunas para uma outra escola mais distante que seria inaugurada. Estava nesse grupo, juntamente com outros “pretos, pobres e mulatos e quase brancos quase pretos de tão pobres”, como cantaram na década de 1990 em “Haiti” Caetano Veloso e Gilberto Gil.

Como outras escolas das redondezas realizaram a mesma operação, descobri que o Morro do Jacarezinho, que se avizinhava do bairro de Maria da Graça⁶, estava muito bem representado na comunidade de alunos da nova unidade escolar, uma construção mais simples, menos equipada, com uma área externa bastante acanhada. Acrescento ainda que,

para a construção da referida escola, o poder público subtraía um espaço destinado ao lazer dos moradores de um conjunto habitacional popular.

Daquele episódio da transferência, fiquei com uma impressão fortemente registrada na memória de que ali começava a construir uma imagem de quem eu era, o que me aproximava daqueles alunos e alunas que foram reunidos para formar um novo grupo na nova escola e, dialeticamente, o que me distinguia dos outros que permaneceram na escola antiga, “uma escola de ensino forte”, como todos diziam. A situação explicitou uma hierarquia, na qual os critérios como interesse da família, proximidade da residência ou mesmo (bom) desempenho escolar, por exemplo, nada significaram frente ao critério orientado pela questão da discriminação racial e social, esta sim, determinante da seleção dos alunos que inaugurariam a nova escola.

Em meu cotidiano suburbano, dizia que minha vida era de “de casa para a escola e da escola para casa”, ou então, “de casa para o trabalho e do trabalho para casa”. Nesse percurso restrito, não havia espaço para a discussão que buscasse a afirmação das diferenças, o combate às diversas formas de discriminação e a superação dos preconceitos. Havia o sofrimento, sua cicatriz e o silêncio, para muitos de nós. Nessa falta, nessa lacuna, situo “o problema do presente” e, a seguir, o trabalho de investigação que originou esta dissertação de Mestrado.

A trama rememorada e relatada de episódios, recortados do meu singular baú de memórias do conteúdo vivido no espaço-tempo da cidade do Rio de Janeiro em um período da segunda metade do século XX, ressalta alguns desses elementos que desqualificam a imagem do outro, especialmente se esse outro é negro, negra e/ou pobre.

⁶ Bairro de minha residência, na época, e, também, de localização da “escola antiga”.

Como transformar essa experiência em matéria para a pesquisa em História? Este foi o desafio enfrentado ao longo do curso de Pós-Graduação em História Política do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Muito devo à Professora Doutora Lená Medeiros de Menezes que, mesmo antes de meu ingresso no Curso de Pós-Graduação, e depois como minha orientadora, mostrou-se generosamente disponível para conversas, auxiliando-me na definição do tema da pesquisa. Na introdução do material apresentado para o Exame de Qualificação, realizado em dezembro de 2001, escrevi:

Precisa e provocadora, a Prof. Lená Menezes, tal qual Lucien Febvre, “ama a História” e tem declarado sua paixão pela História em cada encontro de orientação, o que dá sabor ao trabalho de saber, pois que “saber e sabor têm, em latim, a mesma etimologia”⁷. Relembro que a definição do tema da pesquisa se fez processualmente, ao longo de um período no qual, durante as conversas com a Prof. Lená, ora eu explodia em dúvidas, inseguranças e indefinições sobre a temática, ora, em mudanças súbitas de rumo ou paixões repentinas por novos temas e problemas. Como uma interlocutora experiente, Professora Lená Menezes soube aproveitar cada um desses momentos para me orientar no sentido de transformar a crise em crítica, de modo a avançar na definição mais precisa do desenho do projeto.⁸

Acrescento que a escrita da dissertação também se fez processualmente, com outras angústias e outras dúvidas, dentre as quais ressalto minha dificuldade para recortar precisamente o objeto. A firme orientação da Prof. Lená me fez, inúmeras vezes, voltar ao objeto e cortar, cortar os delírios – seria a poesia ? – que teimavam em se introduzir, sorrateiramente, na pesquisa.

⁷ Roland Barthes. *Aula*. São Paulo: ed. Cultrix, 1989, p. 21.

A dissertação de Mestrado – “Entre a Vila Quilombo e a Avenida Central: a dupla exterioridade em Lima Barreto” – focaliza a trajetória de Afonso Henriques de Lima Barreto, no cenário da Capital Federal brasileira durante o período da República Velha.

Mas...Por que Lima Barreto ?

Há, entre a minha trajetória e a de Lima Barreto, uma primeira aproximação de natureza espacial, que as “folhas 91-O/OP/P e 92-D/M” da “Planta da Cidade do Rio de Janeiro” da edição carioca do “Guia Rex”⁹ registram e que dizem respeito aos endereços de residência suburbanos de pesquisadora e pesquisado. Enquanto Lima Barreto viveu nas Ruas Boa Vista, atual Elisa de Albuquerque¹⁰ (fl. 92-D), e Major Mascarenhas (fl. 91-O), em Todos os Santos, minhas residências localizavam-se às Ruas Vasco da Gama (fl. 91-OP), também em Todos os Santos, Barão de Santo Ângelo (fl. 92-M), na encruzilhada denominada Chave de Ouro, no Engenho de Dentro, e Silva Mourão (fl. 92-M), no Cachambi. A Rua Galileu, meu primeiro endereço, aparece na folha 75-HI, que antecede a folha 92 no desenho da “Planta da Cidade do Rio de Janeiro” do referido “Guia” da cidade do Rio de Janeiro.

Embora essa aproximação espacial represente um dado curioso, que vem sendo orgulhosamente afirmado e reafirmado toda vez que falo ou escrevo meus “memoriais”, para a escolha de Lima Barreto concorreram outras motivações mais fundamentais.

⁸ Celi Silva Gomes de Freitas. “Entre a Vila Quilombo e a Avenida Central: a dupla-exterioridade em Lima Barreto” – Material apresentado para o Exame de Qualificação. UERJ, Programa de Pós-Graduação em História Política, Curso de Mestrado, 2001, p. 5.

⁹ Theophilo Giusti e Jorge Mattos (desenhistas). “Planta da Cidade do Rio de Janeiro”. *Revista Guia Rex* – edição carioca. Rio de Janeiro: Ed. Revista Guia Rex Ltda., Ano XLVI, 1980.

¹⁰ Francisco de Assis Barbosa. In: *A Vida de Lima Barreto: 1881 – 1922*. 7ª ed. Belo Horizonte; Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988, p.103.

Assumindo a perspectiva teórica de Bourdieu¹¹, posso considerar que a trajetória de Lima Barreto torna-se fonte para estudos históricos que investiguem, por exemplo, as distintas posições de negros e intelectuais duas gerações antes da minha, em uma temporalidade correspondente ao período da República Velha¹².

Ao tratar o “carioca da gema”¹³ Afonso Henriques de Lima Barreto como objeto de pesquisa em História Política, preciso enxergá-lo não apenas como autor mas como um “ator do político”¹⁴ que, como tal, participou nos espaços sociais da circulação – produzindo ou veiculando – de ideologias, cultura política e representações. Assinalo a importância do momento histórico que corresponde às primeiras décadas do século XX, quando Lima Barreto publicou seus textos, principalmente na imprensa.

Sob o título de “Porque Lima Barreto”, o historiador Afonso Carlos Marques dos Santos, no texto de introdução à exposição “O Rio de Janeiro de Lima Barreto”, comemorativa do centenário do escritor, destacou o significado dos escritos de Lima Barreto como fonte documental para o conhecimento da cidade do Rio de Janeiro, ressaltando ainda o fato de que o texto de Lima estava impregnado do vivido.

Em seus escritos, o próprio Lima Barreto defendeu o investimento em revelar “o sentimento da cidade, de suas várias partes e de seus vários aspectos, em diversas horas do dia e da noite”¹⁵. E ele prosseguiu: “Quase sempre, nós esquecemos muito dos aspectos

¹¹ Pierre Bourdieu. “A ilusão biográfica”. In: Marieta de M. Ferreira e Janaína Amado (orgs.). *Usos e abusos da História Oral*, p. 183-191.

¹² Por outra coincidência, o ano e mês da morte de Lima Barreto são os mesmos do nascimento de nossa mãe: novembro de 1922.

¹³ Lima Barreto. “Carta a Monteiro Lobato – Rio, 20-3-1922”. *Correspondência - Tomo II*, p.82. Em carta a Monteiro Lobato, Lima Barreto escreveu: “Olha, Lobato: eu sou carioca da gema.”

¹⁴ Jean-François Sirinelli. “Os intelectuais”. In: René Rémond (org.) *Por Uma História Política*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1996, p. 231.

¹⁵ Lima Barreto. “História de um Mulato”. *O País*, Rio, 17/4/1922. In: *Impressões de Leitura*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, p. 95.

urbanos, do ‘ar’, das praças, das ruas, lojas etc., das cidades que descrevemos em nossos livros...”¹⁶

“Entre a Vila Quilombo e a Avenida Central: a dupla exterioridade em Lima Barreto” insere-se na Linha de Pesquisa “Política e Sociedade” do Programa de Pós-Graduação do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Na perspectiva da História Política Renovada, a dissertação está situada no campo multidisciplinar que interliga História Política e Análise do Discurso, com incursões no campo dos estudos biográficos também renovados. A fim de obter o título de Mestre em História, o que busco é oferecer uma contribuição para o debate acadêmico contemporâneo acerca do entrecruzamento dos olhares entre História e Linguagem, tendo como objeto de análise a trajetória de Afonso Henriques de Lima Barreto enquanto ator do político na cidade do Rio de Janeiro da Primeira República.

“A trajetória de deslocamentos de Lima Barreto é exemplo paradigmático das polarizações presentes na sociedade brasileira da Primeira República” constitui, portanto, a hipótese central da investigação e, para que pudesse conduzir cientificamente o estudo, desdobrei-a em duas formulações, quais sejam: “A Vila Quilombo e Avenida Central são representações paradigmáticas que retratam a diversidade e os contrastes sociais presentes na cidade do Rio de Janeiro da Primeira República” e “Como ator do político, Lima Barreto vivencia a dupla exterioridade em uma trajetória de deslocamentos como negro-intelectual e como intelectual-negro”.

Na paisagem, a Vila Quilombo e a Avenida Central são representações e, como tal, funcionam como “metáforas”¹⁷ do “espaço social reificado”¹⁸. Na caracterização das duas

¹⁶ Id, ibidem. Estes dois fragmentos (notas 14 e 15) integram a crítica que Lima Barreto fez da obra *História*

representações, atribuo primazia aos significados políticos de uma fusão espaço-tempo que revela a simultaneidade de permanências e rupturas quando, por exemplo, superpõe e contrapõe uma cidade velha em demolição e uma cidade moderna em construção.

Da revisão historiográfica que realizei, destaco três trabalhos, que considero fundamentais para a elaboração da dissertação. O primeiro deles é a tese de doutorado de Nicolau Sevcenko, defendida no Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, em 18 de dezembro de 1981¹⁹. No trabalho, o pesquisador indica um modo de chegada aos “fenômenos históricos” através do “campo das letras”, este entendido como “fonte” a ser tratada metodologicamente pela História. Para Sevcenko, os escritores Lima Barreto e Euclides da Cunha estavam “em posição estratégica para abarcar toda a gama de conflitos que permeava a sociedade”²⁰, uma vez que os dois intelectuais, entrincheirados entre a massa e a elite, encontravam-se em um lugar desconfortável porém privilegiado para elaborar lucidamente um panorama das tensões políticas da sociedade brasileira de seu tempo.

Em meu percurso de análise histórica, observo que o processo de elaboração “lúcida” de um “quadro panorâmico da sociedade brasileira” por Euclides da Cunha e Lima Barreto se constituiu nos “deslocamentos” desses dois “agentes eficientes”²¹ – e eles eram sempre agentes – do político. Portanto, mais do que “premidos entre a massa e

de um Mulato, de Enéias Ferraz.

¹⁷ Lynn Hunt. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p.21 -22.

¹⁸ Pierre Bourdieu. “Efeitos de lugar”. In: ____ (coord.). *A miséria do mundo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997, p. 161.

¹⁹ Nicolau Sevcenko. *Euclides da Cunha e Lima Barreto: a literatura como missão (1900-1920)*. Publicada em livro: *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1999. A 1ª edição é de 1983.

²⁰ Id, *ibidem*, p. 244.

²¹ Pierre Bourdieu. “A ilusão biográfica”, *op. cit.*, p. 190.

a elite”, considero que a “superfície social”²² alargou-se para esses dois atores e, no caso específico de Lima Barreto, por intermédio dos seus constantes deslocamentos entre a “Vila Quilombo” e a “Avenida Central”.

O segundo trabalho destacado do conjunto que submeti à revisão historiográfica é também uma tese de doutorado, defendida no Curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, em 1996. Em “Imprensa, Poder e Público (Os Diários do Rio de Janeiro – 1880-1920)”, Marialva Barbosa apresenta uma imagem dos jornalistas que me interessa, sobretudo para reforçar meu interesse por Lima Barreto. Na pesquisa, Barbosa ressalta a importância política dos jornalistas “como produtores de mensagens, donos do poder”²³ simbólico e legitimadores de uma língua.

Observo que Lima Barreto distanciava-se em muitos aspectos dessa representação de prestígio do jornalista carioca, embora nascesse, vivesse, escrevesse, publicasse e morresse entre 1881 e 1922, portanto no mesmo período da pesquisa de Barbosa.

Uma outra contribuição que a tese de Barbosa oferece é o “Anexo I”²⁴, um quadro cujo título é: “Quem são os jornalistas?”. Do período estudado, estão listados oitenta e quatro nomes de redatores e repórteres, com indicação dos seguintes dados: local e data de nascimento, carreira no jornalismo, profissão do pai, formação escolar e outros empregos. O quadro “Quem são os jornalistas?” torna-se fonte para uma reflexão acerca das filiações e dos círculos de sociabilidade produtores dos jornalistas e, tendo em vista que Lima Barreto não integra esse quadro, sua exclusão representa mais um elemento que se soma para o estabelecimento da “brecha historiográfica” que encaminhou minha pesquisa.

²² Id, ibidem.

²³ Marialva Barbosa. *Imprensa, Poder e Público (Os Diários do Rio de Janeiro – 1880-1920)*. Niterói, RJ, UFF. Tese de Doutorado, 1996, p.379.

Por último, na revisão historiográfica elaborada, destaco o consagrado “História da Imprensa no Brasil”, de Nelson Werneck Sodré²⁵. Das quinhentas e oitenta e três páginas da obra, Sodré dedica exatas cento e sessenta e uma ao capítulo “A grande imprensa”, que se subdivide em seis partes: “Esboço”, “A empresa”, “Imprensa e literatura”, “Imprensa proletária”, “Imprensa política” e “A imprensa burguesa”. Correspondendo basicamente à temporalidade da Primeira República, esse capítulo cita Lima Barreto em trinta e duas páginas, nomeando-o cinquenta e nove vezes²⁶. Como podemos observar nesse levantamento, a trajetória de Lima Barreto deslocou-se por entre os diversos movimentos daquela temporalidade, sendo um deles – mas não o único – a literatura.

A análise do material oferecido por “História da Imprensa no Brasil” foi de encontro ao que verifiquei no trabalho de Marialva Barbosa e, desse modo, a “brecha historiográfica” para a pesquisa que elaborava ganhou mais corpo.

A fim de completar a justificativa do tema da dissertação, ainda assinalo que os textos de Lima Barreto têm sido utilizados frequentemente como fonte e como objeto de citações ou epígrafes por historiadores²⁷. Como “escritos de circunstância”, escritos altamente representativos de uma larga fase de nossa evolução social²⁸, há muito o que garimpar em uma produção que, quase sempre, “tem a marca de primeira e única redação – redação impulsiva, de um só fôlego”, ainda segundo Houaiss.

²⁴ Id, ibidem, p. 404-414.

²⁵ Nelson W. Sodré. *História da Imprensa no Brasil*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1977.

²⁶ Id, ibidem, p.287-448. No Capítulo “A grande imprensa”, é a seguinte a distribuição da ocorrência do verbete “Lima Barreto”: p. 347, 363, 365 – 4 vezes; p. 329,349, 382, 387, 389 – 3 vezes; p. 346, 348, 350, 357, 362, 386, 387, 388, 390 – 2 vezes; p. 291, 333, 343, 351, 361, 364, 369, 375, 376, 380, 383, 385, 391, 392, 394, 405 – apenas uma ocorrência em cada página.

Ao tomar a produção escrita de Lima Barreto como fonte histórica, delimito o *corpus* ao conjunto de artigos e crônicas, publicados originalmente nos periódicos da época e, posteriormente, estabelecidos nos volumes “VIII- Coisas do Reino de Jambon”, “IX- Bagatelas”, “X- Feiras e Mafuás”, “XI- Vida Urbana” e “XII- Marginália”, das “Obras de Lima Barreto”, estas reunidas em dezessete volumes, cuja primeira edição é de 1953, organizada sob a direção de Francisco de Assis Barbosa, o principal biógrafo de Lima Barreto, com a colaboração de Antônio Houaiss e M. Cavalcanti Proença. Acrescentei ao *corpus* da pesquisa a conferência “O Destino da Literatura”, publicada originalmente na “Revista Sousa Cruz”, em outubro e novembro de 1921, e a correspondência de Lima Barreto, que integra os volumes “XVI e XVII- Correspondência Ativa e Passiva - Tomos I e II”, da mesma Coleção.

Na definição do *corpus* da pesquisa, busquei recortar da produção escrita de Lima Barreto os textos abrangidos pelas tipologias mais diretamente constituídas no “discurso reportado, incluindo-se aí a intertextualidade, a menção, a citação, a alusão, a referência, a interdiscursividade e outras formas de reinstauração da fala de outrem”²⁹. Tais obras configuram-se em fontes primárias da pesquisa, publicadas que foram em periódicos diversos, começando pelo jornal de estudantes “A Lanterna”³⁰.

Deixei de fora, dessa vez, os romances e os contos, assumindo o risco de excluir um material que – grávido de elementos autobiográficos e, segundo uma parte da crítica

²⁷ Citamos, como exemplo: Lená Medeiros de Menezes. *Os indesejáveis. Desclassificados da modernidade. Protesto, crime e expulsão na Capital Federal (1890-1930)*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1997, p. 31, 36, 39, 151, 192.

²⁸ Antônio Houaiss. “Prefácio”. In: Lima Barreto. *Vida Urbana*. São Paulo: Brasiliense, 1956, [32].

²⁹ Beth Brait. *Ironia em perspectiva polifônica*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996, p. 76

³⁰ Lima Barreto tinha 21 anos na data da publicação, em 30-8-1902.

literária, próximo demais do testemunho – também revela, para a História Política da Primeira República, um grande potencial como documento.

Os volumes “Marginália”, “Bagatelas” e “Feiras e Mafuás” foram os três organizados em vida (1918) pelo próprio Lima Barreto. Nestas obras, como também em “Coisas do Reino de Jambon” e “Vida Urbana”, Barreto reuniu, indistintamente, artigos e crônicas publicados nos “quotidianos”³¹ e guardados zelosamente pelo próprio escritor. Vale ressaltar o significado do título “Marginália”, que se tornaria, após a morte de Lima Barreto, o volume XII de suas “Obras”:

Era tal a falta de uma segura orientação nos que se digladiavam [a propósito da questão entre os pescadores portugueses oriundos de Póvoa do Varzim e os japoneses recém-chegados como imigrantes ao Brasil], que só tive um remédio para estudá-la mais tarde: cortar as notícias dos jornais, colar os retalhos num caderno e anotar à margem as reflexões que esta e aquela passagem me sugerissem. Organizei assim uma “marginália” a esses artigos e notícias.³²

No artigo, fica evidente que as escolhas de leitura e, portanto, de escritura, são historicamente determinadas. Lima Barreto explicitou seu método, o qual estabelecia um vínculo estreito entre o ato de movimentar-se no espaço social, a observação atenta das questões que emergiam naquele contexto, a recepção cuidadosa dos textos que buscavam referenciar-se nos problemas cotidianos, a reflexão que pretendia integrar os fragmentos e, então, a escrita com a intenção de dar sentido ao mundo. Embora utilizando a

³¹ “Quotidianos” e “folhas volantes” são termos usados por Lima Barreto, para significar também “jornais”. Ver, por exemplo, em: Lima Barreto. “Estudos Brasileiros”, *Lanterna*, Rio, 26-1-1918. In: *Vida Urbana*, p. 127-128.

³² Lima Barreto. “A Questão dos ‘Poveiros’”. *Gazeta de Notícias*, Rio, 2-1-1921. In: *Marginália*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, p.32.

“circunstância” como matéria-prima, tratou-se, de fato, de um trabalho complexo, ainda mais porque Lima Barreto se expunha no discurso:

Eu não me canso nunca de protestar.

Minha vida há de ser um protesto eterno contra todas as injustiças.(...)

Eu creio (vejam que gosto sempre de falar na primeira pessoa) eu creio que o Senhor Venceslau Brás [o então presidente da República] deve saber a Constituição; (...)³³

Na crônica em questão, Lima Barreto protestou contra a presença de frades e padres nas embarcações oficiais brasileiras, justificando sua posição com o texto da “Constituição” – com letra maiúscula –, que ele transcreveu e endereçou ao “presidente da república” – assim mesmo, com letra minúscula:

(...)Vejam, Senhor Venceslau Brás, o Art. 72, Secção II, “Declaração de Direitos”, parág. 7: “Nenhum culto ou igreja gozará de subvenção oficial, nem terá relações de dependência, ou aliança com o Governo da União, ou dos Estados”.³⁴

Com a marca da ironia, Lima Barreto solicitou ao Presidente o embarque de distintos chefes religiosos após listar um conjunto de personagens e suas respectivas escolhas religiosas: “um parente que é simplesmente espiritista, e como tal tem direito a essa assistência”; em seguida, um amigo luterano, “descendente de uma família hanoveriana”; depois, “um oficial da marinha, das minhas relações de colégio, [que] é positivista enragé”; por último, Lima Barreto acrescentou, para fechar a crônica, mais uma evidência discursiva de sua subjetividade ousada e da crítica contundente:

Eu, Senhor doutor Venceslau Brás, sou budista, e, quando embarcar, quero um bonzo ao meu lado, mesmo que seja o

³³ Lima Barreto. “Padres e Frades”. *Lanterna*, 23-3-1918. In: *Vida Urbana*, p. 140.

³⁴ Id, *ibidem*.

Pelino Gomes. O que esses padres querem é solidificar a burguesia, à custa de fingir caridade e piedade.

Mas eu fico aqui sempre com os meus protestos.³⁵

O “relato”³⁶ evidencia uma das “formações discursivas”³⁷ mais importantes na pesquisa. Ele funda a identidade por um “posicionamento sócio-histórico”³⁸ claro e saturado de marcas de “subjetividade enunciativa”³⁹, recorrentes nas crônicas, artigos, cartas e na única conferência de Lima Barreto.

O trabalho de pesquisa caminha metodologicamente através da investigação das formações discursivas presentes nos relatos de Lima Barreto. Tais formações estabeleceriam uma “simbólica da distinção”⁴⁰ entre as grandes oposições sociais que se afirmavam para negros e intelectuais naquele tempo-espaço historicamente determinado, a Primeira República na Cidade do Rio de Janeiro.

Ao definir as duas posições ocupadas por Lima Barreto, negro-intelectual e intelectual-negro, o percurso de análise remete ao conceito de sua filiação. Seguindo as tendências contemporâneas na pesquisa acadêmica, não pretendo diluir a questão racial mas, ao contrário, afirmar que a identidade racial marcou toda a trajetória de Lima Barreto. Na nova ordem de sociedade competitiva de classes que começou a emergir com a

³⁵ Id, ibidem, p. 140-141.

³⁶ M. Certeau. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, p. 199-217. Segundo Certeau: “Onde o mapa demarca, o relato faz uma travessia. O relato (...) instaura uma caminhada (“guia”) e passa através (“transgride”). O espaço de operações que ele pisa é feito de movimentos: é *topológico*, relativo às deformações de figuras, e não *tópico*, definidor de lugares. O limite aí só circunscreve a modo de ambivalência. Ele mesmo, um jogo duplo. (p.215)

³⁷ Dominique Maingueneau. *Termos-chave da análise do discurso*. Belo Horizonte, MG: ED. UFMG, 1998, p. 69. “Tem-se hoje tendência a empregar a noção de *formação discursiva* sobretudo para os posicionamentos ‘ideológicos’ marcados (...)”

³⁸ Id, ibidem, p. 145.

³⁹ Id, ibidem, p. 133.

⁴⁰ Pierre Bourdieu. “Efeitos de lugar”, op. cit., p. 162.

mudança para o regime republicano, as duas hierarquias, a social e a racial, caminhavam paralelamente e apresentavam-se como uma permanência de longa duração.

“Negro” é um conceito enraizado em um conjunto de pertencimentos nos quais sobrepõe-se a questão racial. Desse modo, as representações do “fenótipo (crioulo), da condição social (pobre), da origem histórica (ascendência africana) e da identidade (auto-definida e definida pelos outros)”⁴¹, todas essas estão compreendidas na denominação “negro”, que, opondo-se a “não-negro”, define uma identidade política, fundada em uma história de permanências de desigualdades, perpetuadas em “práticas racistas e discriminatórias” de uma “sociedade altamente hierárquica e pigmentocrática”⁴² como a brasileira.

Na perspectiva teórica que estou adotando, os termos “mulato”⁴³ e “pardo”⁴⁴ tendem a se aproximar do termo “preto”, pelo fato dos três não serem entendidos como “uma denominação positivamente valorativa”⁴⁵ e, portanto, integrarem o feixe de representações fenóticas da identidade negra. Há uma passagem no “Diário Íntimo” na qual Lima Barreto explicita como ele se percebia e era percebido pelos outros:

24 de janeiro [de 1908]

(...) Quarta-feira última, chegando à secretaria [de Guerra], deram-me um convite para assistir à saída da esquadra de bordo de um navio do Lloyd. Fui, depois de hesitar muito.

⁴¹ Joel Rufino dos Santos. “O negro como lugar”. In: Marcos Chor Maio e Ricardo Ventura Santos (orgs.). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: ed. FIOCRUZ/CCBB, 1996, p.219-224.

⁴² Carlos Hasenbalg. “Entre o mito e os fatos: racismo e relações raciais no Brasil”. *Ib idem*, p. 236.

⁴³ “Mulato” é um termo freqüente no discurso de Lima Barreto.

⁴⁴ “Parda” é como Lima Barreto é caracterizado nos itens “cor” e “raça”, que fazem parte do documento que registra as duas internações no Hospital dos Alienados, em 1914 e 1919: “Cópia da Observação de Affonso Henriques de Lima Barreto, constante do Livro de Observações Clínicas do Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil”. *Apud*: Francisco de Assis Barbosa, *op. cit.*, p. 343-344-346.

⁴⁵ Antônio Sérgio Alfredo Guimarães. “Cor, classes e *status* nos estudos de Pierson, Azevedo e Harris na Bahia: 1940-1960”. In: Marcos Chor Maio e Ricardo Ventura Santos (orgs.), *op. cit.*, p. 156.

Fui a bordo ver a esquadra partir. Multidão. Contacto pleno com meninas aristocráticas. Na prancha, ao embarcar, a ninguém pediam convite; mas a mim pediram. Aborreci-me. Encontrei Juca Floresta. Fiquei tomando cerveja na barca e saltei.

É triste não ser branco⁴⁶.

Entre as duas possibilidades de classificação, “brancos / não-brancos” e “negros / não-negros”, que a pesquisa acadêmica contemporânea sobre as relações raciais oferece, poderia optar por incluir Lima Barreto ou na categoria de “não-branco” ou na de “negro”. Na dissertação, preferi caracterizá-lo como “negro”, buscando, assim, afirmar a origem racial como um elemento fundamental de sua complexa identidade. Considero inadequado o uso do termo “mulato” ou mesmo “pardo” na perspectiva historiográfica, pois assim estaria “contornando as diferenças raciais” e, com isso, “negando a polaridade branco-negro”⁴⁷, que é central na trajetória de Lima Barreto.

Quanto à concepção de “intelectual”, optei por entendê-la não como uma categoria profissional⁴⁸, mas como uma posição⁴⁹ ocupada por Lima Barreto para “fazer um sumário topográfico e geológico da batalha” vivida e narrada por ele cotidianamente, “localiza(ndo) onde estão os pontos frágeis e onde estão os pontos fortes a que estão ligados os poderes”⁵⁰ nas lutas políticas do seu tempo. Assumo a decisão pessoal de usar na dissertação o termo “intelectual” com valor substantivo, ainda que possa redundar em anacronismo atribuir ao

⁴⁶ Lima Barreto. *Diário Íntimo*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, p. 130. Grifo meu.

⁴⁷ Lívio Sansone. “As Relações Raciais em *Casa-Grande & Senzala* Revisitadas à Luz do Processo de Internacionalização e Globalização”. In: Marcos Chor Maio e Ricardo Ventura Santos (orgs.), op. cit., p. 210.

⁴⁸ No *Almanak Laemmert*, 70º ano, 1914, Parte V- “Indicador nominal dos principaes habitantes, negociantes, industriaes e profissionaes do Distrito Federal”, p. 1600, temos a seguinte referência: “BARRETO (Affonso Henrique (*sic*) de Lima), 1º tem. Gr., 3º off. da Secr. da Guerra, r. Boa Vista 76.”

⁴⁹ Antonio Gramsci. *Os intelectuais e a organização da cultura*. 4ª ed. Rio de Janeiro: ed. Civilização Brasileira, 1982. Para Gramsci, “todos os homens são intelectuais, poder-se-ia dizer; mas nem todos os homens desempenham na sociedade a função de intelectuais”. A discussão que Gramsci faz em sua obra *Os intelectuais e a organização da cultura* nos interessa para uma definição do intelectual Lima Barreto que não advém nem de sua formação acadêmica nem de sua inclusão nos círculos literários pertencentes à classe dominante, como a Academia Brasileira de Letras.

vocábulo este significado nos discursos dos atores do período correspondente à República Velha⁵¹.

Por ocasião das internações sofridas no Hospício Nacional dos Alienados, a “profissão” de Lima Barreto foi identificada como “empregado público”, ao dar entrada em 18 de agosto de 1914, “jornalista”, em 25 de dezembro de 1919, e “escritor”, em 26 de dezembro de 1919. Na “Anamnese” desta última internação, lê-se:

Indivíduo de cultura intelectual, diz-se escritor, tendo já quatro romances editados, e é atual colaborador da Careta.⁵²

Como se vê, parece recorrente o emprego do termo “intelectual” com função adjetiva, tal como está no relatório médico da internação de Lima Barreto e, também, no “Discurso do Sr. Joaquim Nabuco, Secretario geral”, na “Sessão inaugural de 20 de julho de 1897” da “Academia Brasileira de Letras”⁵³. Na perspectiva histórica, “literatura e imprensa se confundiam”, como escreve Werneck Sodré⁵⁴, e os “homens de letras” podiam ser chamados de “literatos”, de “escritores”, de “jornalistas”.

Observo com interesse que a pesquisa dentro da História tem levado os historiadores a buscar na interação multidisciplinar um caminho mais potente de análise histórica. Avalio positivamente, na perspectiva teórico-metodológica, o estabelecimento de relações mais fecundas entre a História Política e a Análise do Discurso. Por entender que a

⁵⁰ Michel Foucault. *Microfísica do Poder*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1992, p.151.

⁵¹ Norberto Bobbio e outros. “Intelectuais”. In: *Dicionário de Política*. 5ª ed. Brasília: Editora UnB: São Paulo: Imprensa Oficial, 2000, vol 1. Ao tratar da história do termo “intelectuais”, o verbete destaca que “o adjetivo latino teve sua primeira forma de substantivação na metade do século XIX, na língua russa, com o termo *inteligencija*, criado pelo romancista P. D. Boborykin”. Ainda segundo o verbete, quarenta anos depois, apareceu a forma substantivada “em língua francesa”, no “célebre *Manifeste des intellectuels*, publicado no diário ‘Aurore’ de 14 de janeiro de 1898”, a propósito “do processo Dreyfus”.

⁵² “Cópia da Observação de Affonso Henriques de Lima Barreto, constante do Livro de Observações Clínicas do Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil”, op. cit., p. 344.

⁵³ “Boletim da Academia Brasileira de Letras”. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1897.

historicidade transborda na linguagem, ou melhor, nos discursos da História, é preciso igualmente considerar que “só se pode dar sentido ao discurso político tendo por referência um nível ‘extralingüístico’ de experiência, ou seja, a experiência das relações sociais de produção”⁵⁵. Para Roger Chartier, “todas as práticas, sejam econômicas ou culturais, dependem das representações utilizadas pelos indivíduos para darem sentido a seu mundo”⁵⁶; uma prática histórica atual poderá centrar-se, portanto, na investigação dos significados e do funcionamento das representações.

Fazer o passado, o passado necessário... Para enfrentar a tarefa de interpretação dos textos que compõem o *corpus* da pesquisa, busquei a fundamentação na teoria da análise do discurso. Destaco a questão do humor – e aqui acrescento a ironia – próprios do discurso polifônico de Lima Barreto. Para esse ator do político, o humor e a ironia não podem ser interpretados como “domingo(s) do pensamento”⁵⁷, mas como “formações discursivas” em ebulição, determinadas sócio-historicamente e determinantes de um movimento de deslocamentos que marcou uma trajetória plena de inquietações.

Considero que a noção de “heterogeneidade”, expressa na “polifonia”, e que vem sendo encaminhada no diálogo entre Pêcheux⁵⁸ e Maingueneau⁵⁹, pode ser vinculada ao conceito de “dupla exterioridade”, este proposto por Todorov⁶⁰. Trata-se do mesmo jogo

⁵⁴ Moacir Werneck Sodré, op. cit, p. 330.

⁵⁵ R gine Robin, “num livro autoconscientemente marxista sobre história e ling stica”. *Apud*: Lynn Hunt (org.), op. cit., p.7.

⁵⁶ Roger Chartier. In: Lynn Hunt, op. cit., p.25.

⁵⁷ Michel P cheux. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas, SP: Pontes, 1990, p. 53.

⁵⁸ Id, ibidem, p. 51.

⁵⁹ Dominique Maingueneau. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas, SP: Pontes, 1989, p. 75-78.

⁶⁰ T. Todorov. *A conquista da América: a questão do outro*. 2[ ] ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p.259. Aproprio-me de um conceito que foi utilizado por Todorov, primeiramente em rela o ao personagem *Cabeza de Vaca*, o qual “sem tornar-se  ndio”, “já não era totalmente espanhol. Sua experiência simboliza, e anuncia, a do exilado moderno, o qual, por sua vez, personifica uma tendência própria da nossa sociedade; esse ser que perdeu sua pátria sem ganhar outra, que vive na dupla exterioridade.”

das diferenças, das contradições, do estranhamento vivido por Lima Barreto e explicitado em seu discurso polifônico.

Identifico um diálogo fecundo, que enriqueceu o trabalho de pesquisa, entre as contribuições teóricas de Todorov, Certeau e Bourdieu. M. Certeau reforça a aproximação entre História e Linguagem, através das noções enfeixadas pelos conjuntos teóricos que podem ser denominados “relatos de espaço” e “atos de caminhar”⁶¹. Pierre Bourdieu, que elegi como um dos mais caros interlocutores desde a primeira hora, propõe as noções de “campo”, “trajetória”, “agente eficiente” e “*habitus*”, constituindo uma “simbólica do poder” e estabelecendo distinções entre “lugar”, “posição”, “espaço físico” e “espaço social”.

A dissertação “Entre a Vila Quilombo e a Avenida Central: a dupla exterioridade em Lima Barreto” está organizada em três capítulos, precedidos de uma Introdução e sucedidos pela Conclusão, que preferi chamar, respectivamente, de Considerações Iniciais e de Considerações Finais.

No “Capítulo I – De Laranjeiras a Todos os Santos”, busco traçar um perfil de Lima Barreto, enfatizando as tensões e situando-o em seu tempo-espaço.

No “Capítulo II – Um Negro- Intelectual na Vila Quilombo”, enfoco no espaço físico do subúrbio as “ausências”, que, colocadas em relação com as “presenças” na “Avenida Central”, explicitam os significados da “Vila Quilombo”.

⁶¹ M. Certeau, op. cit., p. 176 a 182.

O “Capítulo III – Um Intelectual-Negro na Avenida Central” apresenta o cenário freqüentemente chamado de “*Belle Epoque Tropical*” através da representação que denomino “Avenida Central”.

Nos capítulos II e III, busco analisar a dupla exterioridade de Lima Barreto, como negro-intelectual, tentando escapar da experiência de finitude que o espaço da Vila Quilombo encerrava, e como intelectual-negro na Avenida Central, esta uma representação do espaço de hegemonia branca.

Nas “Considerações Finais” da dissertação, atendendo às expectativas com relação a esta etapa do trabalho, retomo as hipóteses de trabalho, avalio o percurso da pesquisa e apresento uma discussão final acerca de seus resultados.

CAPÍTULO 1

DE LARANJEIRAS A TODOS OS SANTOS

O hinário dos desgraçados ia afinal ser escrito com as aspirações dolorosas, os martírios de todas as raças, e o romance de costumes, de análise ou de idéias ia agravar, com um grande grito de protesto, o sofrimento universal.

Camerino Rocha⁶²

O texto de Camerino Rocha resulta de uma colheita de segunda mão que fizemos na obra de Lima Barreto. Foi ele próprio quem realizou a primeira garimpagem, na condição de leitor atento do ambiente intelectual de sua época. Em “As Pequenas Revistas”⁶³, de 1919, Lima Barreto não apenas transcreveu integralmente o artigo de Camerino Rocha, de 1903, como também comentou-o, atualizando seu significado e estabelecendo um eixo de filiação intelectual cuja marca era “uma arte de oposição e desabafo”, “uma arte mais compassiva, mais afável aos miseráveis”⁶⁴.

No parágrafo final de seu artigo, Barreto assumiu que a leitura do texto de Rocha, “desde aquela época [1903], muito me [o] sugeriu e impressionou”⁶⁵. E quanto a nós, esta declaração igualmente impressiona pelo significado que carrega de antecipação de um movimento que somente ganhou reconhecimento a partir da Semana de Arte Moderna em

⁶² Camerino Rocha. “Simpatia humana na arte moderna”, *Ateneida*, janeiro de 1903. *Apud*: Lima Barreto. “As Pequenas Revistas”, 26-4-1919. In: *Feiras e Mafuás*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, p. 160.

⁶³ Lima Barreto. “As Pequenas Revistas”, 26-4-1919. In: *Feiras e Mafuás*, p.156-163.

⁶⁴ Id, *ibidem*, p. 158.

⁶⁵ Id, *ibidem*, p. 163.

fevereiro de 1922. Vejamos essa passagem do artigo “Simpatia humana na arte moderna” de Camerino Rocha, transcrito em “As Pequenas Revistas” por Lima Barreto:

Aguça-se acerbamente a ironia dos escritores movidos todavia pela piedade, por um impaciente desejo de renovação e harmonia. (...)

Nascidos sob circunstâncias diversas, os escritores novos trazem à Vida uma comoção diversa e à Arte uma estética diferente.

Já se pode prever o momento próximo, em que os artistas da geração nova, aplicarão ao estudo da nossa sociedade ainda confusa, os enérgicos processos de revulsão e análise que vibram nas obras desse caráter.⁶⁶

A afirmação de uma intencionalidade que buscava estudar a “nossa sociedade ainda confusa” unia uma geração de novos escritores que se formava naquele contexto das primeiras décadas do século XX, sucedendo a Machado de Assis, Olavo Bilac, Coelho Neto, Alberto de Oliveira, estes citados e identificados no artigo de Rocha como pertencentes à “geração precedente”, que “foi incolor, indiferente, impassível”⁶⁷.

Um outro aspecto que merece nossa atenção é o que trata da diversidade de circunstâncias nas quais a nova geração de escritores nasceu. E o caso de Lima Barreto é singular, pelas inúmeras tensões que ele viveu, sentiu, viu, refletiu e relatou em seus escritos. Sobre essas tensões nos debruçaremos no presente capítulo.

Afonso Henriques de Lima Barreto nasceu em uma sexta-feira, 13 de maio de 1881, sete anos antes da festa oficial da Abolição, à rua Ipiranga, 18, no bairro de Laranjeiras, Rio de Janeiro, sendo filho de João Henriques de Lima Barreto e Amália Augusta Barreto. Aos 41 anos, faleceu em 1º de novembro de 1922, à rua Major Mascarenhas, 26, no subúrbio carioca de Todos os Santos, no qual passou a residir a partir de 1903, aos 22 anos de idade.

É interessante observar que, morto Lima Barreto, o caixão com seu corpo refez o mesmo percurso que, vivo, o escritor fizera diuturnamente: foi transportado de trem, dessa vez no carro fúnebre da Estrada de Ferro, até a estação Central do Brasil, de onde atravessou o centro da cidade e foi conduzido ao cemitério São João Batista, no bairro de Botafogo, atendendo a um pedido feito em vida pelo próprio Lima Barreto. A notícia do sepultamento apareceu no *Jornal do Brasil* de 3/11/1922 e foi uma das duas selecionadas para integrar a seção “Nas Páginas da História”, subseção “Há 80 anos”, que vem sendo reeditada ultimamente pelo mesmo jornal:

Foi ontem, à tarde, sepultado no Cemitério de São João Batista, carneiro n. 5 409, o conhecido escritor **Afonso Henriques Lima Barreto** (sic), anteontem falecido em sua residência, à Rua Major Mascarenhas, 26. A despeito de sua proverbial boêmia, era **Lima Barreto** um escritor consciencioso e preciso e suas obras se assinalam pela honestidade que as inspirou. Algumas vezes satírico, até a irreverência, alguns não o compreenderam, outros, invectivaram-no, mas a justiça manda que proclamemos seu mérito. Amigos, admiradores e confrades do escritor resolveram mandar erigir um mausoléu no local em que repousam seus restos mortais. Para isso, foi aberta uma subscrição, encabeçada pelos (sic) Sr. **José Mariano Filho**, com um conto de réis.⁶⁸

No necrológio, destacamos a presença das adversativas “a despeito de” e “mas”, que estabelecem oposições entre os campos da boêmia, da integridade do escritor, de seu mérito inquestionável e de algumas incompreensões de que foi vítima. Morto Lima Barreto, o féretro percorreu o longo caminho de volta, do subúrbio ao ponto aristocrático de partida, ou seja, a região de Botafogo, Flamengo e Laranjeiras, fechando o círculo mas abrindo espaço para a explicitação das tensões presentes na trajetória deste carioca.

⁶⁶ Id, ibidem, p.159-162-163.

⁶⁷ Id, ibidem, p 162.

⁶⁸ *Jornal do Brasil*, 3/11/1922. Apud: “Nas Páginas da História”. *Jornal do Brasil*, 3/11/2002.

Segundo a tipologia proposta por Sirinelli, Lima Barreto seria um caso de intelectual “dessacralizado”⁶⁹, cuja trajetória de rupturas começou bem cedo: órfão de mãe em dezembro de 1887 aos sete anos de idade, o mais velho dos quatro filhos de João Henriques celebrou com o pai a festa da Abolição em 1888 e acompanhou “com desgosto”⁷⁰ a proclamação da República no ano seguinte:

O Momento

Sempre fui contra a república. Tinha sete anos e vinha do colégio primário, do grande colégio de que me lembro sempre com ternura e cheio de saudades da minha boa professora, Dona Teresa Pimentel do Amaral, quando me disseram que se havia proclamado a república.

(...) e vi que a tal da república, que tinha sido feita, espalhava pelas ruas soldados embalados, de carabinas em funeral.

Nunca mais a estimei, nunca mais a quis.

Sem ser monarquista, não amo a república.⁷¹

Após 1889, Lima Barreto assistiu à mudança na vida do tipógrafo João Henriques com a queda da monarquia, sentiu as pressões que o pai sofreu, dada a sua condição de compadre do visconde de Ouro Preto, viveu a demissão de João Henriques da função de mestre de composição na Imprensa Nacional em 1890. No discurso, Lima Barreto evidenciou uma das tensões que marcou mais profundamente sua trajetória. No fragmento “me disseram que se havia proclamado a república” a superposição de duas formas lingüísticas marcadoras da impessoalidade ampliou o efeito de sentido mais do que testemunhado de que a ausência de povo caracterizou o processo de instalação da república.

⁶⁹ Jean-François Sirinelli. “Os intelectuais”. In: René Rémond (org.), op. cit. p. 240.

⁷⁰ Lima Barreto. “O Momento”. *Correio da Noite*, Rio, 3-3-15. In: *Coisas do Reino do Jambon*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, p. 80.

Em “O Momento”, Lima Barreto reportou-se ao discurso de João Ribeiro para aprofundar sua reflexão acerca das tensões que o regime republicano só fez acentuar em sua trajetória:

João Ribeiro disse-me, certa vez, que a república era a cultura parda: pois sou como o Senhor João Ribeiro; nunca houve anos no Brasil em que os pardos, os malditos do seu Haeckel, fossem mais postos à margem.

O nosso régimen atual é da mais brutal plutocracia, (...) ⁷²

No artigo, Lima Barreto dialogou com a fala de autoridade de João Ribeiro, “de alguma forma meu [de Lima Barreto] professor”⁷³, em cuja obra teórica havia estudado em diferentes etapas de sua escolaridade:

(...) em criança, no primeiro ano da sua [de João Ribeiro] gramática, mais tarde no segundo, depois no terceiro; em história da mesma forma (...) A sua História do Brasil (eu já estava há três anos na Escola Politécnica), quando apareceu, logo a comprei e a li e reli”⁷⁴.

Em “O Momento”, a questão da miscigenação, representada pelos “pardos”, contrapunha duas concepções, uma valorizada positivamente – o branqueamento - e a outra, negativamente – a degeneração da raça. No cenário da república recém-instalada, a condição de “pardo” de Lima Barreto significava desvantagem, prejuízo e mais tensões, uma vez que, nessa república da “cultura parda”, o desejado apagamento da herança negra e escravocrata marginalizava os “pardos”, tornando-os “malditos”.

⁷¹ Id, ibidem.

⁷² Id, ibidem.

⁷³ Lima Barreto. “Carta a João Ribeiro – 3-6-1917”. In: *Correspondência – Tomo II*, p. 32, 33.

⁷⁴ Id, ibidem.

Sem ser monarquista, como ele próprio escreveu⁷⁵, Lima Barreto tratou o regime que antecedeu à república com uma certa simpatia, como fez ao rememorar o 13 de maio de 1888:

Maio

Estamos em maio, o mês das flores, o mês sagrado pela poesia. Não é sem emoção que o vejo entrar.(...)

Agora mesmo estou a lembrar-me que, em 1888, dias antes da data áurea, meu pai chegou em casa e disse-me: a lei da abolição vai passar no dia de teus anos. E de fato passou: e nós fomos esperar a assinatura no Largo do Paço.⁷⁶

A evocação do momento festivo da assinatura “da lei da abolição”, do qual Lima Barreto participara desde a véspera ao lado do pai, estava carregada de nostalgia. E a coincidência entre o dia e mês do sétimo aniversário de Lima Barreto com a “data áurea” foi reafirmada em outros textos, sempre com emoção. A participação eufórica do povo no evento foi notada por Lima Barreto, que a fez contrastar com a “ausência de povo” na “tal república” de “carabinas em funeral”⁷⁷:

Na minha lembrança desses acontecimentos, o edifício do antigo paço, hoje repartição dos Telégrafos, fica muito alto, um *sky-scraper*; e lá de uma das janelas eu vejo um homem que acena para o povo.

Não me recordo bem se ele falou e não sou capaz de afirmar se era mesmo o grande Patrocínio.

Havia uma imensa multidão ansiosa, com o olhar preso às janelas do velho casarão. Afinal a lei foi assinada e, num segundo, todos aqueles milhares de pessoas o souberam. A princesa veio à janela. Foi uma ovação: palmas, acenos com lenço, vivas...

(...) Jamais, na minha vida, vi tanta alegria. Era geral, era total; e os dias que se seguiram, dias de folganças e

⁷⁵ Lima Barreto. “O Momento”, op. cit., p. 80.

⁷⁶ Lima Barreto. “Maio”. *Gazeta da Tarde*, Rio, 4-5-1911. In: *Feiras e Mafuás*, p. 255.

⁷⁷ Lima Barreto. “O Momento”, op. cit., p. 80.

satisfação, deram-me uma visão da vida inteiramente de festa e harmonia.⁷⁸

Na passagem, Lima Barreto não deixou de olhar a paisagem e comentar a mudança de função, de palácio a repartição dos Telégrafos, de um dos prédios mais imponentes da Cidade Velha, no qual, atualmente, funciona um Centro Cultural com o antigo nome de Paço Imperial. Quase trinta anos depois do 13 de maio de 1888, Lima Barreto rememorou no artigo “Maio” seu estranhamento de criança ao avistar o “edifício do antigo paço”, que lhe pareceu “muito alto, um *sky-scraper*”. Nas primeiras décadas do século XX, com as reformas do espaço urbano iniciadas Pereira Passos, o estranhamento em relação à altura dos prédios seria mais uma vez assunto para os relatos de Lima Barreto.

A descrição da cena do Paço mostrou uma grande festa, só que de lugares hierarquicamente marcados. Enquanto o povo se aglomerava nas ruas, “com o olhar preso às janelas do velho casarão”, a elite política chegou, no máximo, “à janela” para acenar “lá de cima” ao povo “lá de baixo”. No discurso de Lima Barreto, a memória da identificação “total” com o povo em festa não abriu brecha para uma reflexão que confrontasse aquele regime imperial moribundo com o processo de transformações políticas em curso:

Ela me parecia loura, muito loura, maternal, com um olhar doce e apiedado. Nunca mais a vi e o imperador nunca vi, mas me lembro dos seus carros, aqueles enormes carros dourados, puxados por quatro cavalos, com cocheiros montados e um criado à traseira.

Eu tinha então sete anos e o cativo não me impressionava. Não lhe imaginava o horror; não conhecia a sua injustiça. Eu me recordo, nunca conheci uma pessoa escrava. Criado no Rio de Janeiro, na cidade, onde já os escravos rareavam, faltava-me o conhecimento direto da

⁷⁸ Lima Barreto. “Maio”, op. cit., p. 255.

vexatória instituição, para lhe sentir bem os aspectos hediondos.⁷⁹

Ao analisar a citação, a seqüência dos dois parágrafos justapostos revelou uma tensão entre Memória e História. Pelo “conhecimento direto” rememorado no momento da enunciação, Lima Barreto apenas descreveu a paisagem, com os atores em cena, através de uma seqüência de oposições entre branco e preto, rico e pobre, rainha/rei e escravo/criado. Pela História, Lima Barreto preencheu as lacunas da Memória, articulou as oposições evocadas em uma “simbólica da distinção”⁸⁰ e, só então, foi capaz de enxergar o “horror” do “cativeiro”, qualificar a “instituição” como “vexatória” e tomar consciência de seus “aspectos hediondos”.

Apesar de nunca ter visto um escravo, Lima Barreto vivia em uma sociedade ainda de base escravocrata que a Lei Áurea não buscou transformar. A rede de trocas desiguais na segunda metade do século XIX caracterizava-se pela subalternidade que produzia a cordialidade, e pelo paternalismo que se materializava em apadrinhamento⁸¹. Nesse contexto político, organizado segundo uma hierarquia fortemente orientada pela cor, estabeleceram-se as relações entre João Henriques e Afonso Celso. Para tentar usufruir de algum modo das benesses do poder, o pai de Lima Barreto reproduziu a estratégia de buscar na solução individual o caminho para ascender socialmente.

Antes de oferecer seu primogênito Afonso Henriques para o visconde de Ouro Preto batizar, o tipógrafo João Henriques já fazia parte do círculo de influência do visconde, pois trabalhava com o presidente do 36º Gabinete do último Conselho de Estado do Império. No jornal “A Reforma”, órgão do Partido Liberal, onde conhecera o futuro visconde, na

⁷⁹ Id, ibidem, p. 256.

⁸⁰ Pierre Bourdieu. “Efeitos de lugar”, op. cit, p. 162.

Imprensa Nacional, inicialmente como operário de primeira classe e depois como mestre de composição, no jornal monarquista “Tribuna Liberal”, como chefe das oficinas, João Henriques seguiu e serviu ao visconde de Ouro Preto. Ancorado no apadrinhamento, trabalhava de dia na instituição pública e no jornal, e à noite “estudava para ser doutor”, ou seja, aplicava-se aos estudos para os exames preparatórios do Colégio Pedro II e, depois, da Faculdade de Medicina.

Com a República, as duas trajetórias seguiram os esperados rumos distintos. Afonso Celso foi banido do território nacional⁸² e exilado na Europa por dezoito meses, tendo sido calorosamente recebido ao desembarcar de volta ao Brasil no “paquete Ibéria” em junho de 1891. João Henriques foi obrigado a se demitir do cargo que ocupava na Imprensa Oficial, ficou desempregado, arranhou depois, por influência de Cesário Alvim, Ministro do Interior, uma colocação nas Colônias de Alienados na Ilha do Governador⁸³ e, em 1902, enlouqueceu, sobrevivendo até 1922 nessa condição de total dependência dos filhos, especialmente de Lima Barreto⁸⁴.

Assinalamos a significativa composição do prenome “Afonso Henriques” que, decorrente de uma escolha pessoal do pai de Lima Barreto, juntava à “individualidade biológica” o estatuto (de prestígio até a queda da monarquia) “socialmente instituído” pela justaposição entre o “Henriques” paterno e o “Afonso” do padrinho senador Afonso Celso de Assis Figueiredo, o visconde de Ouro Preto.

⁸¹ Livio Sansone, op. cit., p. 209.

⁸² Decreto n. 78 de 21/12/1889. Transcrito do *Jornal do Commercio*, 3/1/1890, ano 68, p.1.

⁸³ Primeiramente como escriturário, depois almoxarife e administrador. Ver: Lima Barreto. “Braule Pinto – 1907”. In: *Correspondência – Tomo I*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, p. 165. Braule Pinto foi o alienista e amigo da família que cuidou de João Henriques.

⁸⁴ Lima Barreto. “João Henriques de Lima Barreto (pai do escritor) – 1892-1903”. *Ibidem*, p. 25-26.

As relações entre o padrinho e o afilhado parecem ter sido distantes. A única referência documental localiza-se no primeiro volume da “Correspondência”. Ainda no século XIX, de 1891 a 1893, Lima Barreto cursou o Liceu Popular Niteroiense, tendo o visconde de Ouro Preto custeado os estudos do filho de João Henriques naquela tradicional instituição, conforme se depreende deste bilhete do diretor do Liceu:

Niterói, 4 de março de 1893. Il. Sr. Barreto. Em cumprimento de suas ordens, mandarei seg. feira o meu filho ao escritório do Exmo. Sr. Visconde de Ouro Preto receber o trimestre de seu filho Afonso, meu aluno. a) William Cunditt⁸⁵

No Liceu Popular Niteroiense, onde Lima Barreto foi aluno do internato, também estudou “o maior e o mais constante de todos os amigos do romancista”⁸⁶, Francisco Noronha Santos. A correspondência entre os dois é não apenas a mais volumosa como também a mais íntima das que estão publicadas nos dois volumes da “Correspondência Ativa e Passiva” de Lima Barreto. Nas cartas trocadas, ao longo do período compreendido entre 1904 e 1920, um e outro afirmaram e reafirmaram a amizade, o afeto e a admiração recíprocos.

Especialmente no período em que Noronha Santos esteve na Europa, o caráter confidencial da correspondência evidenciou as grandes tensões vividas por Lima Barreto na cidade do Rio de Janeiro das primeiras décadas do século XX:

Barreto a Antônio Noronha Santos

Rio, 19-7-1908.

Maravilhoso Antônio.

⁸⁵ Coleção Lima Barreto da Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional. *Apud*: Lima Barreto. “Annie Cunditt Guimarães – 1893”. In: *Correspondência – Tomo I*, p. 33.

⁸⁶ Lima Barreto. “Antônio Noronha Santos – 1904-1920”. *Ibidem*, p. 59 a 119.

Foste assim como quem está arrufando. Eu tinha intenção de te preparar um bota-fora tocante, entretanto não pude. (...) Já larguei o Carlos [Viana, diretor da *Revista Época*], que me deixou mal este mês e não pretendo mais andar-lhe na cauda. Como amigo é maravilhoso, como patrão falha, portanto não serve. É bem ignóbil esta minha vida de escriba assalariado a jornalecos de cavação e de pilhérias! (...) ⁸⁷

A situação econômica precária era motivo de preocupação constante e Lima Barreto, em sua correspondência, não escondia este fato; ao contrário, comentava-o sempre com os amigos e buscava conseguir sua independência financeira através da atividade de escritor. Foi Noronha Santos quem intermediou junto ao editor A. M. Teixeira, em Lisboa, as negociações para a publicação em livro de “As recordações do Escrivão Isaías Caminha”:

Antônio Noronha Santos a Lima Barreto

Lisboa, 13-3-909.

Meu caro Afonso,

(...) Volto ao Teixeira amigo, neste momento. “Seu T., vim saber a resposta?” “Não tenho dúvida em publicar o livro, mas o Senhor Lima Barreto lhe falou em condições?” Pelo que ele disse ou antes resmungou, eu cá percebi que ele está pronto a publicar o livro, mas muito menos a pagá-lo. (...) Deves receber carta por estes dias, aí mesmo no ministério [da Guerra]. Ele tinha-me dito que ia fazer ler o teu romance por alguém, para dar opinião; não sei o que fez; o que garanto é que ele mesmo o leu e o leu bem lido. Frase da conversa: “ele tem talento, tem muito talento”. Se me é permitido dar-te um conselho, não sejas muito exigente na questão do pagamento. Não te adianta grande cousa e demora a impressão; e o livro precisa sair. Eu o autorizei friamente a mandar o livro para a tipografia: ele quer te fazer a remessa das provas em três vezes, para dar o livro pronto em junho, e posto no Brasil em julho. (...) ⁸⁸

⁸⁷ Id, ibidem, p. 61.

⁸⁸ Id, ibidem, p. 67-68.

Como vemos, a exploração do trabalho, reconhecidamente de qualidade, pelo capital, concentrado nas mãos do editor português, expunha Lima Barreto ao constrangimento de aceitar quaisquer que fossem as condições para ter publicada sua primeira obra em volume⁸⁹. Na resposta à carta de Noronha Santos, observamos que Lima Barreto agradeceu ao amigo, aprovou sua decisão de autorizar a imediata impressão do livro e, também, revelou uma outra face da instável situação econômica na qual tentava se equilibrar:

Lima Barreto a Antônio Noronha Santos

Rio, 3-4-1909.

Querido Antônio

(...) Eu não quero deixar o meu agradecimento aqui, pelo grande favor que me prestaste, porque o silêncio é, no caso, mais eloqüente do que as palavras de uso. Até hoje, não recebi carta alguma do Senhor Teixeira e não lhe escrevi também. A tua carta chegou-me aqui a 27 do mês próximo passado. Fizeste bem em lhe autorizar a imprimir o livro. Não tenho pretensão alguma de lucro com o *Caminha*. Além de saber que um primeiro livro tem fortuna arriscada, sabes muito bem o que penso sobre essa cousa de *make money* com livros. Decerto, se eu estivesse aí em Paris, havia de guardar bem escondida a pretensão de ter um castelo com o produto das minhas obras; mas aqui, dentro do Brasil e da língua portuguesa, as minhas pretensões são mais razoáveis. (...)

Outra coisa: fui preterido. Creio que esperavas isso; eu não, por isso o fui. Um idiota, dos mais que há aqui, passou-me a perna, graças à pusilanimidade do barão [de Itaipu, diretor da Secretaria de Guerra] diante de empenhos.(...)

A vida aqui corre no mesmo. Tenho me demorado pouco na cidade. Ando absolutamente sem dinheiro; (...)⁹⁰

⁸⁹A obra *As Recordações do Escrivão Isaías Caminha* foi publicada originalmente em folhetim na *Floreal*, revista dirigida por Lima Barreto e que teve apenas quatro números, de outubro a dezembro de 1907.

⁹⁰Lima Barreto. “Antônio Noronha Santos – 1904-1920”, op. cit., p.69.

Para Lima Barreto, “o mesmo” era a vida dura, os compromissos com a manutenção da família, o emprego desinteressante na Secretaria de Guerra, no qual ele permaneceu durante quatorze anos, três meses e doze dias, aposentando-se por invalidez⁹¹ em 26 de dezembro de 1918, após seis licenças médicas, duas internações no Hospital Central do Exército e a primeira passagem pelo Hospício Nacional de Alienados.

As seguidas frustrações a que foi submetido por não ter conseguido as promoções a que se julgava com direito na Secretaria de Guerra, seja por mérito ou por tempo de serviço, o mal-estar que o ambiente hostil da repartição pública proporcionava, todo esse quadro de tensões foi objeto de reflexão e tema para seus escritos, como nessa carta que endereçou a Noronha Santos:

Lima Barreto a Antônio Noronha Santos

Rio, 18-5-1909.

Querido Antônio

Recebi hoje a tua carta e o teu cartão. (...)

O Hermes [da Fonseca, Ministro da Guerra] fez a tal reforma projetada. Tirou a importância da repartição e eu penso que o meu livro [*Recordações do Escrivão Isaías Caminha*] em nada servirá para evitar futuras preterições. Ando imaginando o meio de sair daqui. Sinto-me incompatível e cheio de rancores. Agora mesmo, graças à tal reforma, projetam-se promoções e eu serei de novo preterido.⁹²

Lima Barreto fez uma análise de conjuntura que parecia desfavorável para quem, como ele, não se dispunha a participar das “cavações” e dos “empenhos” em causa própria. Para outro destinatário, dessa vez Monteiro Lobato, Lima Barreto ratificou sua vontade de deixar o emprego:

⁹¹ Lima Barreto submeteu-se a duas juntas médicas, que o consideraram “inválido para o serviço público, por sofrer de epilepsia tóxica”. Ver: Francisco de Assis Barbosa, op. cit., p. 299.

Lima Barreto a Monteiro Lobato

26-12-1918.

Meu caro Lobato.

Saúde e boas festas.

(...) Tenciono assim que puser em bom caminho a minha aposentadoria, pois eu com trinta e sete anos de idade me aposento, contando mais ou menos dezesseis anos de serviço; (...)

Não se assuste você com essa minha precoce aposentadoria. Eu ando sempre depressa nessas coisas oficiais e depressa elas me aborrecem.

Matriculei-me com menos de dezesseis anos na Escola Politécnica e **não sou doutor em coisa alguma**⁹³ – graças a Deus!⁹⁴

Apesar de querer aposentar-se, Lima Barreto, no entanto, reconhecia sua dependência dos rendimentos de assalariado “em caso de loucura ou de miséria extrema, enfim, quando estiver em tal impossibilidade física que nada, nada mais possa fazer”⁹⁵, e chegou a encaminhar uma carta e um requerimento ao Sr. Ministro de Estado dos Negócios da Fazenda solicitando redução “à quarta parte dos descontos de sua pensão de inativo”⁹⁶.

O requerimento foi deferido em despacho datado de 18 de outubro de 1919 pelo Ministro da Fazenda do Governo de Epitácio Pessoa, Homero Batista, tendo em vista que “o Tesouro não deve interferir nos atos pessoais e de privada economia dos empregados”⁹⁷.

Na carta enviada ao Ministro da Fazenda João Ribeiro, Lima Barreto apresentou-se como “um pequeno empregado público, mas não desconhecido”, explicitando nessa

⁹² Lima Barreto. “Antônio Noronha Santos – 1904-1920”, op. cit., p.76.

⁹³ Grifo nosso.

⁹⁴ Lima Barreto. “Monteiro Lobato – 1918-1922”. In: *Correspondência – Tomo II*, p. 54.

⁹⁵ Lima Barreto. “Carta a Antônio Noronha Santos – Rio de Janeiro, 20 de junho de 1919”, op. cit., p.111.

⁹⁶ Lima Barreto. “Ministro da Fazenda – 1919”. In: *Correspondência – Tomo II*, p. 140.

⁹⁷ Id, ibidem.

formação discursiva a tensão, reiterada em seguida, entre a modesta ocupação da qual se aposentara na Secretaria de Guerra e sua condição de escritor em atividade:

Lima Barreto ao Ministro da Fazenda

[Sem data].

Excelentíssimo Senhor doutor João Ribeiro.

(...) Baseando-se em uma disposição da lei de vencimentos militares, que me atingia quando ativo, alguns cidadãos hábeis fingiram montar casas de seriguaria, alfaiatarias, etc., e, mediante o estabelecimento de consignações em folhas, feito unicamente por intermédio de um simples requerimento ao diretor da Contabilidade da Guerra, emprestavam dinheiro do modo mais atroz possível, porquanto não tendo as consignações limite de tempo e só podendo elas ser suspensas por mútuo acordo, eles não concordavam nunca e nunca eram elas suspensas.

Fingindo generosidade, de quatro em quatro meses, alguns, entre eles Andrade Teixeira & Cia, reformavam essas consignações, segundo uma tabela por eles mesmo estipulada.

Sou escritor, gabo-me disso, e pobre e sem títulos, precisando imprimir um livro – *Triste Fim de Policarpo Quaresma* – que foi a minha obra de ficção do ano de 1917, fiz consignações a esses senhores maiores do que as pequenas que já tinha. Sobrevieram dificuldades e eu fui reformado, de forma que até agora não tenho pago a esses senhores, contando com as consignações anteriores, a 1916, quando fiz as maiores, cerca de doze contos de réis.

Por isso ou por aquilo, congênita ou adquirida, apareceu ma ataques de forma epiléptica e aposentei-me, (...) ⁹⁸

A obra “Triste Fim de Policarpo Quaresma” foi publicada, de fato, “às custas do próprio autor”⁹⁹, só que em 1915¹⁰⁰. Ao se dizer vítima de agiotagem, Lima Barreto apelou para a sensibilidade da autoridade a quem destinava a carta, João Ribeiro, e mais uma vez expôs suas agruras e o caos financeiro no qual estava mergulhado. Por questões óbvias, não

⁹⁸ Lima Barreto. “Ministro da Fazenda – 1919”. In: *Correspondência – Tomo II*, p. 141-142. Grifos nossos.

⁹⁹ Angela de Castro Gomes e outras (coord.). *A República no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; CPDOC, 2000, p. 500.

mencionou sua dependência alcóolica e sugeriu não apenas uma ambigüidade mas uma tensão entre “hereditariedade” e “meio” na origem de seus “ataques”.

Os dois segmentos textuais, “escritor orgulhoso e sem títulos”, da carta ao Ministro da Fazenda João Ribeiro, e “não sou doutor em coisa alguma”, da carta a Monteiro Lobato, pertencem a uma formação discursiva enunciativa de uma das tensões mais presentes na trajetória de Lima Barreto. Embora as “coisas oficiais” o aborrecessem, Lima Barreto investiu nelas suas mais caras energias. Primeiramente, como um jovem de dezesseis anos incompletos, no final do século XIX, quando matriculou-se no 1º ano do Curso Geral da Escola Politécnica em 10 de abril de 1897, após prestar uma bateria de exames preparatórios em diversas disciplinas¹⁰¹. Depois, como um escritor na maturidade de seus últimos seis anos de vida, quando por três vezes buscou ingressar na Academia Brasileira de Letras, nas vagas de Sousa Bandeira, em 1917, de Emílio de Menezes, em 1919, e de Paulo Barreto, o João do Rio, em 1921¹⁰².

Lima Barreto não conseguiu ser nem doutor nem acadêmico, mas prosseguiu como autodidata realizando compulsivamente seu movimento de leituras e organizando com zelo sua biblioteca particular, a qual, inicialmente, deu o nome de “Barretiana”¹⁰³ e, finalmente, de “Limana”. E também continuou escrevendo até morrer, mesmo nas ocasiões em que esteve internado. Na leitura das cartas trocadas entre Lima Barreto e o círculo de interlocutores mais ou menos próximos, observamos que o “objeto livro” era o assunto principal.

¹⁰⁰ Lima Barreto. *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. Rio de Janeiro: Typ. “Revista dos Tribunaes”, 1915.

¹⁰¹ Francisco de Assis Barbosa, op. cit., p. 299-300.

¹⁰² Lima Barreto. “Academia Brasileira de Letras”. In: *Correspondência – Tomo II*, p. 215.

¹⁰³ Lima Barreto. “Carta a Antônio Noronha Santos – Rio, 14 de outubro de 1914”, op. cit., p. 102.

Trocas, compras, presentes, encomendas, comentários, críticas, negócios, acertos financeiros, solicitações, agradecimentos; enfim, o “objeto livro” promovia encontros, colóquios, conversas, debates, cartas, telegramas e uma lista extensa de ações em torno de questões relacionadas à leitura e à escrita.

A correspondência freqüente entre Lima Barreto e Monteiro Lobato é rica em exemplos que comprovam todo esse processo, além de testemunhar um momento da trajetória de Lima Barreto no qual ele, juntamente com a vivência das tensões, começava a colher os frutos de seu investimento e a ser reconhecido como um “autor sério”. Estabelecidos, respectivamente, no Rio de Janeiro e em São Paulo, a não ser nas poucas vezes em que Monteiro Lobato esteve na Capital Federal e na única vez em que Lima Barreto viajou para a cidade paulista de Mirassol, os dois escritores estiveram quase sempre distantes fisicamente e, por esta razão, partilharam nas cartas uma admiração mútua e trocaram algumas confidências, como na missiva a seguir, a primeira de Monteiro Lobato:

Monteiro Lobato a Lima Barreto

São Paulo, 2 set. 1918.

Prezadíssimo Lima Barreto.

A Revista do Brasil deseja ardentemente vê-lo entre os seus colaboradores. Ninho de medalhões e perobas, ela clama por gente interessante, que dê coisas que caiam no goto (*sic*) do público. E Lima Barreto, mais do que nenhum outro, possui o segredo de bem ver e melhor dizer, sem nenhuma dessas preocupaçãozinhas de *toilette* gramatical que inutiliza metade de nossos autores. Queremos contos, romances, o diabo, mas à moda do *Policarpo Quaresma*, da *Bruzundanga*, etc. A confraria é pobre, mas paga, por isso não há razão para Lima Barreto deixar de acudir ao nosso apelo.

Aguardamos, pois, ansiosos a resposta, uma resposta favorável.

Do confrade

Monteiro Lobato.

P.S. – Pelo amor de Deus, leia e rasgue isto, L.¹⁰⁴

O estilo marcado pela linguagem contundente aproximava os dois escritores e a crítica de Lobato aos outros autores ressaltou o elogio a Lima Barreto. Embora seja esta a carta inaugural da intensa correspondência entre ambos, podemos observar que Monteiro Lobato não se submeteu às regras da formalidade que a situação, a princípio, exigiria. E o *post scriptum*, então, representou um atestado seguro de inclusão de Lima Barreto na “confraria”. Ao contrário do editor português de “Recordações do Escrivão Isaías Caminha”, Monteiro Lobato, já na carta seguinte, apresentou a Lima Barreto as condições do primeiro acordo, que este aceitou, ficando “plenamente satisfeito” ao receber “os oitocentos mil-réis e uma das vias do contrato estabelecido entre a Revista do Brasil e eu [Lima Barreto], para publicação do Gonzaga de Sá”.¹⁰⁵

A cidade paulista de Mirassol também foi palco revelador das tensões presentes na trajetória de Lima Barreto. Em outubro e novembro de 1921, ele publicou sua única conferência, “O destino da Literatura”¹⁰⁶, que preparou mas não conseguiu proferir. Nela, Lima Barreto fez um balanço de seus vinte anos de produção intelectual¹⁰⁷, falou de medos e de rebeldias.

¹⁰⁴ Lima Barreto. “Monteiro Lobato – 1918-1922”, op. cit. p. 49.

¹⁰⁵ Lima Barreto. “Carta a Monteiro Lobato – Rio de Janeiro, 2 de dezembro de 1918”, op. cit., p. 50-51.

¹⁰⁶ Lima Barreto. “O destino da Literatura”. *Revista Souza Cruz*, Rio, out. e nov. de 1921, números 58-59. In: *Impressões de Leitura*, p. 53.

¹⁰⁷ Lima Barreto inicia sua colaboração n’A *Lanterna*, em 30/8/1902, segundo Francisco de Assis Barbosa, op. cit. p.297.

Atendendo a um convite do amigo e admirador Ranulfo Prata, médico daquela cidade, sentiu-se prestigiado, viajou até Mirassol mas, no momento em que pronunciaria a conferência, desapareceu na cidade, vencido pelo alcoolismo e pelo medo de enfrentar o “respeitável público” diretamente, como ele próprio escreveu:

De resto, o discurso nunca foi o meu forte e desde bem cedo me convenci disso. Quando bem moço, quase menino, ainda imperfeitamente conhecedor da minha verdadeira personalidade, atrevia-me a freqüentar festas familiares e quase sempre delas saía fortemente despeitado com os oradores dos brindes de aniversário, de batizado, de casamento ou mesmo com aquele eloqüente conviva que erguera solenemente sua taça (era um simples copo, em geral!) ao belo sexo.¹⁰⁸

A referência ao “simples copo” em lugar da “taça” que “em geral” era erguido para brindar “ao belo sexo” reafirmou a humilde situação social e econômica na qual Lima Barreto viveu desde moço “quase menino”, além de sua timidez confessa, especialmente em relação às mulheres.

Ao observar a tipologia proposta por Giovanni Levi¹⁰⁹, poderíamos situar a passagem da conferência em Mirassol como reveladora do que Levi concebe como “um caso biográfico extremo”. No entanto, preferimos considerar a “trajetória”¹¹⁰ de Lima Barreto como exemplo paradigmático de um “percurso”¹¹¹ fundador, por entendermos que a mesma se fez “não à margem mas nos interstícios dos códigos que desmancha(ou) e desloca(ou)”¹¹², criando e articulando espaços como um equilibrista, que oscilava e

¹⁰⁸ Id, ibidem, p. 53.

¹⁰⁹ Giovanni Levi. *Usos da biografia*, op. cit., p.167-182.

¹¹⁰ Pierre Bourdieu. “A ilusão biográfica”, op. cit., p. 183-191.

¹¹¹ M. Certeau, op. cit., p. 216.

¹¹² Id, ibidem.

circulava entre “certas delicadezas do sofrer” e “uma rebeldia, aliás inocente”¹¹³, para continuarmos citando a mesma conferência:

(...) e eu, apesar de ser um sujeito sociável e que passo, das vinte e quatro horas do dia, mais de quatorze na rua, conversando com pessoas de todas as condições e classes, nunca fui homem de sociedade: sou um bicho-do-mato. Certas delicadezas de sofrer me acobardam mais diante dela do que os calabouços da ilha das Cobras; e uma rebeldia, aliás inocente, da minha parte contra ela, me põe sempre canhestro quando sou obrigado a mergulhar no seu seio.¹¹⁴

Ao longo do texto da conferência, Lima Barreto procurou justificar sua preferência pelo uso da língua escrita, ou seja, pelos textos publicados, em detrimento daqueles falados, exatamente para evitar os enfrentamentos diretos. O escritor revelou seu temor pelas reprovações, pelas críticas, pelas censuras. As tensões evidenciavam-se na contundência dos contrastes presentes no relato, em um discurso autobiográfico que expressava a vivência de experiências aparentemente inconciliáveis, tais como dizer-se “um sujeito sociável” para, em seguida, afirmar que “nunca fui homem de sociedade” e, imediatamente depois, concluir: “sou um bicho-do-mato”, embora tendo anunciado uma linha acima desse mesmo fragmento um traço marcante de sua trajetória, qual seja a de “gastar” mais da metade de seus dias caminhando e conversando “com pessoas de todas as condições e classes”.

A explicitação máxima das tensões nas quais Lima Barreto estava imerso verificou-se no desenlace trágico do episódio de Mirassol. Embora tenha sido convidado, Lima Barreto não conseguiu enfrentar o momento da conferência. Viajou até aquela cidade do

¹¹³ Lima Barreto. “O destino da Literatura”, op. cit., p. 55.

¹¹⁴ Id. Ibidem. O texto da conferência foi publicado no volume XIII das *Obras Reunidas. Impressões de leitura*. 2ª ed. São Paulo, 1961, de onde este fragmento foi retirado (p. 54 e 55).

interior paulista, encontrou-se com os amigos intelectuais de lá, recebeu muitas homenagens e, exercitando sua ironia, até arranjou tempo para escrever a Monteiro Lobato e dizer que havia fundado “uma Academia de Letras, em Mirassol, para a qual já entraram três médicos, talqualmente com o que acontece com a da Praia da Lapa”¹¹⁵. Entretanto, na hora da conferência, desapareceu e só foi encontrado mais tarde completamente bêbado.

A questão da embriaguez e sua relação com a multidão foi objeto de reflexão na abertura do artigo “Sobre o Carnaval”, cujo tema principal era a crítica às letras das músicas “com as suas quadras no contra-senso ou, melhor, no sem-senso, agravado do palavreado oco e idiota da atual musa carnavalesca”¹¹⁶:

Nunca fui carnavalesco, mas, como todo melancólico e contemplativo, gosto do ruído e da multidão e não fugia a ele.

O isolamento faz-me mal à alma e ao pensamento. Mergulho no barulho dos outros, deixo de pensar em mim e nas fantasmagorias que eu mesmo criei para o meu padecer. A embriaguez que a multidão traz, é a melhor e a mais inofensiva de todas que se tem até agora inventado. Nem o ópio, nem o álcool, nem o *hachisch* produzem a embriaguez que com a dela se assemelhe. Temos visões extranormais, sem estragar a saúde...¹¹⁷

Observamos mais uma seqüência de discurso saturado de marcas da subjetividade manifesta. No relato, afloraram sentimentos, gostos, experiências e reflexões de Lima Barreto sobre sua própria existência. Ao valorizar positivamente a “embriaguez que a multidão traz [trazia]”, Lima Barreto estabeleceu uma distinção entre “multidão” e “público”, este uma “fantasmagoria” que o aterrorizava a ponto de fazê-lo sucumbir, no episódio da conferência, àquela outra embriaguez do “parati”, que “estraga(va) a saúde”.

¹¹⁵ Lima Barreto. “Carta a Monteiro Lobato, Mirassol (Rio Preto), 16-4-1921”, op. cit., p. 79.

¹¹⁶ Lima Barreto. “Sobre o Carnaval”. In: *Feiras e Mafuás*, p. 209-210.

¹¹⁷ Id, ibidem, p. 208.

Um outro exemplo de relato como formação discursiva fundadora da identidade sócio-histórica de Lima Barreto é este que recolhemos da sua correspondência com Monteiro Lobato:

Monteiro Lobato a Lima Barreto

São Paulo, 31-5-1920.

Amigo Lima.

Estive uns dias e procurei-te onde havia possibilidade de encontrar-te: freges, botequins e...casas de garapa. Cheguei a espiar debaixo de certas mesas...Mas nada do Lima. Todos informaram que é difícil agarrar-te a unha, que és ubíquo, e moras em Todos os Santos “pro forma”, etc, etc. És horrivelmente caluniado! Em agosto volto, a ver o rei e você.
(...)

Lobato

Lima Barreto a Monteiro Lobato

30-6-1920.

Lobato.

(...) Admira-me que não me houvesse encontrado nas tascas centrais. É verdade que há dias seguidos em que me deixo ficar em Todos os Santos. Tudo o que te disseram a respeito dos meus modos ambulatorios é verdade; mas o que não é verdade é que [palavras ilegíveis] em todos (sic) os Santos. Resido, moro e durmo em Todos os Santos; mas só me encontram em casa de manhã. Isto no geral. (...)

Lima Barreto

Lima Barreto a Monteiro Lobato

19-10-1920

Sei que andaste à minha procura. Não sou quilombola. Resido e moro à Rua Major Mascarenhas, 26, Todos os Santos, onde, como senador romano que sou, recebo os meus clientes das sete às dez horas da manhã. Se queres, eu te receberei cordialmente; e, se preferes não ir lá, eu te espero aqui, na livraria Schettino, amanhã, às três da tarde, muito antes de ires para a “européia” Paulicéia. Não te esqueças de que sou senador de Roma.

*Lima Barreto*¹¹⁸

¹¹⁸ Lima Barreto. “Monteiro Lobato - 1918-1922”, op. cit., p. 74, 76 e 77.

Na seqüência de cartas trocadas, o discurso barretiano evidenciou na tensão entre os advérbios “lá” e “aqui” uma oposição espacial, que estabeleceu uma hierarquia social ao distanciar o lá-Vila Quilombo do aqui-Avenida Central. Há, por outro lado, no paralelismo entre o enunciado discursivo e a “gesta ambulatória”¹¹⁹, uma apropriação política do espaço pelo agente Lima Barreto: o “eu” que se deslocava produziu, com relação à sua posição, um “lá” e um “cá”, e inscreveu um “outro”, que igualmente participava de atos de caminhar e de discursos.

Ao interrogar como fonte o diálogo em língua escrita¹²⁰ entre Lima Barreto e Monteiro Lobato, destacamos a enunciação “Não sou quilombola” como aquela que produziu em nós um movimento de reflexão intensa acerca dos seus sentidos: “Interpelo esses textos, transponho-os, interpreto-os, mas também os deixo falar (e por isso a quantidade de citações), e defenderem-se” – ensina Todorov¹²¹. E o que estaria implicado neste segmento discursivo que, à primeira vista, produziu um anacronismo ao inserir na nova ordem republicana uma categoria própria do extinto sistema escravocrata ?

Considerando o contexto de desencontros entre os dois escritores na situação ali envolvida, entendemos que o efeito de sentido mais potente daquela fala de Lima Barreto seria obtido se tratássemos da oposição entre os dois enunciados: “Não sou quilombola” e “Não te esqueças de que sou senador de Roma”, este último reiterado por “como senador romano que sou” como um exemplo claro de discurso polifônico, por sabermos que Lima Barreto fazia uso intenso da ironia, do jogo, da ludicidade discursiva. Assim, Lima Barreto estava a bradar que absolutamente não aceitava ser tratado como “um negro fujão”, uma

¹¹⁹M. Certeau, op. cit., p. 180.

¹²⁰Não há registro preciso de que os dois escritores tenham se encontrado pessoalmente sequer uma vez, embora houvesse o desejo de ambos de que este fato ocorresse.

¹²¹Tzvetan Todorov, op. cit., p. 304.

vez que possuía endereço fixo¹²² e até registrado no “Almanak Laemmert”, “lá” em Todos os Santos.

Como uma das propriedades do discurso irônico, a agressão¹²³ foi percebida por Lima Barreto no discurso de Lobato e, no jogo interdiscursivo, Lima Barreto respondeu com a mesma moeda, sustentando a ironia através do que poderíamos chamar de “hipérbole irônica”¹²⁴, significando o exagero que, na situação de interlocução analisada, produziu estranhamento pelo uso das seqüências “Não sou quilombola” e “Não te esqueças de que sou senador de Roma”. Ao trazer para o seu tempo as imagens dos outros tempos da escravidão negra no Brasil e da Roma antiga, o discurso de Lima Barreto permitiu que o riso aflorasse em nós, leitores e leitoras, certamente um riso com o gosto amargo da ironia, improvavelmente um riso próprio da comédia.

Na condição de filho de pais mulatos, neto de avós negras e de avôs portugueses, em duas gerações anteriores já se configuravam as tensões marcadamente raciais vivenciadas por Lima Barreto. A avó paterna, uma antiga escrava, chamava-se Carlota Maria dos Anjos e, provavelmente, inspirou o nome e a saga da personagem principal do romance “Clara dos Anjos”, uma vez que o avô, um português madeireiro da Rua da Misericórdia, não reconheceu a paternidade de João Henriques. O desejo de tornar-se doutor foi compartilhado por pai e filho, diferenciando-se apenas na escolha da carreira, ambas de prestígio, no entanto. Enquanto João Henriques buscou e não conseguiu entrar para a Escola de Medicina, Lima Barreto tentou agradar ao pai e formar-se doutor pela Escola Politécnica. Também não obteve êxito, abandonando um curso de engenharia, sobre

¹²² Observe-se que ter endereço fixo significava, ainda, escapar da acusação de vadiagem.

¹²³ Beth Brait, op. cit., p. 50.

¹²⁴ Id, ibidem

o qual ele próprio não tinha o menor interesse, após sucessivas reprovações, faltas às aulas e muita mágoa devida ao preconceito de que foi vítima como aluno da Politécnica.

A mãe de Lima Barreto era cria da ilustre família Pereira de Carvalho que, após a Maioridade de Dom Pedro em 1840, vendeu ou alforriou todos os escravos de sua propriedade no interior e se transferiu para a Corte¹²⁵ trazendo os libertos, dentre os quais estava a avó materna de Lima Barreto. Geraldina Leocádia da Conceição, da segunda geração de escravos da família, era filha de Maria da Conceição, que viera da África em navio negreiro. De acordo com Assis Barbosa¹²⁶, haveria fortes indícios para se acreditar que o avô materno de Lima Barreto era um dos “sinhozinhos” da família Pereira de Carvalho.

Lima Barreto era, portanto, bisneto de escrava, neto de liberta e filho da professora pública diplomada, Amália Augusta Pereira de Carvalho, este era seu nome de solteira, emprestado da família ilustre. João Henriques e Amália Augusta casaram-se em 1878 e, no número 18 da rua Ipiranga, no bairro de Laranjeiras, o pai de Lima Barreto montou para a esposa dirigir o Colégio Santa Rosa, uma pequena escola para meninas e, no mesmo local, o casal passou a residir. Lima Barreto nasceu neste endereço, em 1881, onde permaneceu por pouco tempo, pois em 1884 a família já havia mudado para a Rua das Marrecas, tendo antes morado por breve tempo à Rua Dois de Dezembro, no Flamengo:

Vou lhes contar uma história que talvez lhes cause ensinamento.

Isto foi quando eu tinha seis anos.

Meu pai tinha enviuvado e nós morávamos em uma casa muito pobre na Rua do Riachuelo.

¹²⁵ A família Pereira de Carvalho residia na Rua Formosa, onde os pais de Lima Barreto se conheceram.

¹²⁶ Francisco de Assis Barbosa, op. cit., p. 22.

Todos os sábados, eu pedia a meu pai um tostão para dar a uma pobre velha que me ia esmolar, à porta da minha rótula paterna.

Dei-lhe sempre a esmola e ela me beijava. Desses beijos, tenho eu ainda grandes saudades...

Ela era velha, esquelética; mas, assim mesmo, ainda e sempre me lembrei dos seus beijos... Ah! A caridade, sem Cruzes Vermelhas.¹²⁷

Podemos observar a frequência com que a família Barreto trocou de residência. Ao sair da região sul para o centro, viveu um período no qual alternou o endereço entre o centro e o subúrbio, fixando-se por fim na região suburbana. O primeiro endereço da família Barreto, na área suburbana, ficava na Boca do Mato; mais tarde os Barreto passaram a residir no Engenho Novo e, por último, em três endereços no bairro de Todos os Santos. Do lado das positivities, havia a expectativa, frustrada em pouco tempo com a morte de Amália Augusta em 1887, de que o clima e a tranquilidade da região da Boca do Mato favoreceriam a melhora do estado de saúde delicado da mãe de Lima Barreto. No entanto, a questão econômica sobrepuja-se àquela da saúde, uma vez que o custo de vida mais barato no espaço suburbano atenuaria a situação financeira difícil da família, agravada pela doença de João Henriques:

(...) em setembro de 1902, meu Pai, afetado de moléstia nervosa (neurastenia cerebral, segundo opiniões dos doutores Teixeira Brandão e Braule Pinto), viu-se na contingência de transferir, temporariamente, a sua residência para o Engenho Novo, à Rua 24 de Maio n. 123, onde se demorou cerca de dois meses e meio, findos os quais, por prescrição médica, voltou à ilha [do Governador], residindo em vossa casa.¹²⁸

Nesse trecho, que pertence a uma correspondência datada de 25 de março de 1903, o inquilino Lima Barreto traçou o histórico das desgraças que se abateram sobre a família

com a intenção de justificar o descumprimento das obrigações acordadas com o senhorio João Paulo da Rocha “não porque lhe [a João Henriques] faltasse a vontade e a consciência do dever, mas sim pela completa falta de recursos, como ele está sem receber os vencimentos de que vivia há mês e tanto, (...)”.¹²⁹

Em carta-resposta¹³⁰, o senhorio ratificou a correção e honestidade de João Henriques mas, no entanto, cobrou de Lima Barreto uma atitude mais firme no sentido de assumir as obrigações do pai. A mudança definitiva para o subúrbio e a busca de um emprego público tornaram-se as saídas inevitáveis, para que Lima Barreto, antes órfão de mãe e, naquele momento, com o pai incapacitado, pudesse dar conta dos compromissos com a família.

Sem sair do subúrbio de Todos os Santos, Lima Barreto passou a residir com a família à rua Boa Vista, 76, permanecendo nesse endereço durante quase dez anos. Mudou-se para a rua Major Mascarenhas, 42, a partir de 13 de setembro de 1913. E em 26 de dezembro de 1918, a família Barreto transferiu-se para o número 26 da mesma rua, o qual veio a ser o último endereço em vida do próprio Lima Barreto, de seu pai¹³¹ e da irmã Evangelina, que só veio a falecer em 9 de março de 1956¹³².

Por coincidência, a data de 26 de dezembro de 1918 marcou também a assinatura do “Decreto do Presidente da República, aposentando Afonso Henriques de Lima Barreto, 3º oficial da Diretoria de Expediente do Ministério da Guerra [com] tempo líquido de serviço

¹²⁷ Lima Barreto. “A Nossa Filantropia”. *A. B. C.*, Rio, 24-8-1918. In: *Feiras e Mafuás*, p. 266.

¹²⁸ “Lima Barreto a João Paulo da Rocha - 1903”. In: *Correspondência – Tomo I*, p.42

¹²⁹ Id, ibidem, p. 43.

¹³⁰ Id, ibidem, p. 43-44.

¹³¹ João Henriques de Lima Barreto faleceu dois dias após o filho, em 3 de novembro de 1922.

¹³² Lima Barreto. “Evangelina de Lima Barreto (irmã do escritor) – 1909-1921”. In: *Correspondência – Tomo I*, p. 181.

público [de] 14 anos, 3 meses e 12 dias”¹³³, e após seis licenças médicas, duas internações no Hospital Central do Exército e uma primeira estada no Hospício Nacional dos Alienados.

Na trajetória de Lima Barreto, muitas tensões eram devidas à vivência do espanto diante da complexidade do que representou a chegada da modernidade na passagem do século XIX para o XX. Como uma questão do seu tempo, o debate acerca da oposição entre antigo e moderno foi objeto de reflexão para Lima Barreto, que buscou compreender essa complexidade sem descuidar-se de que a atribuição de valores positivos ou negativos recaísse igualmente para os dois pólos, o antigo e o moderno:

Naquele tempo, isto é, entre 1748 e 1750, quando ele [o Convento da Ajuda] ficou mais ou menos pronto, se já houvesse jornais, certamente eles falariam no lindo e importante edifício com que ficou dotada a leal e heróica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Falariam com o mesmo entusiasmo com que nós falamos ao se inaugurar o teatro do doutor Passinhos. Não os havia e não podemos passar de suposições. Decorreram cento e cinquenta anos e nós ficamos aborrecidos com o tal lindo edifício.

O bonito envelhece, e bem depressa; e eu creio que, daqui a cem anos, os estetas urbanos reclamarão a demolição do Teatro Municipal com o mesmo afã com que os meus contemporâneos reclamaram a do convento.¹³⁴

Em “O convento”, Lima Barreto retomou o debate acerca da “marcha do progresso” e suas representações nas primeiras décadas do século XX. Contrariamente a uma idéia de “modernidade equilibrada”, que não destruía mas continuava impondo a permanência do “antigo” que a ordem republicana recolocava, Lima Barreto reapresentou em seu artigo

¹³³ Francisco de Assis Barbosa. “Apêndice”, op. cit., p. 299.

¹³⁴ Lima Barreto. “O convento”. In: *Bagatelas*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1961, p. 83.

uma “modernização conflitual”, que mostrava as disputas políticas tanto no interior do pólo do moderno quanto no pólo das tradições antigas.

Vivendo e refletindo em plena “era das demolições”, o articulista construiu um argumento pela comparação entre as duas temporalidades, a sua, de 1911, e a do Convento da Ajuda, de 1748-1750, e projetou para o futuro, para “daqui a cem anos”, ou seja, para a época atual, a repetição desse “furor demolidor” dirigido para a destruição “dos anais de pedra que contam sua [da cidade do Rio de Janeiro] história”. No discurso, Lima Barreto dissociou o “belo” do “moderno”, para afirmar que o “bonito envelhece”. Chamando de “doutor Passinhos” o famoso prefeito Pereira Passos, responsável pela “regeneração” da cidade, Lima Barreto inseriu mais uma vez a crítica aos modelos estrangeiros de modernização, especialmente aqueles advindos dos Estados Unidos e da Argentina, e considerou a demolição do Convento da Ajuda uma “mutilação que vai sofrer a cidade”.

Na conjuntura da Primeira República, a especialização dos espaços respondia não apenas pelas reformas urbanas que obrigaram à demolição do Convento da Ajuda para instalar um centro econômico, cultural e financeiro moderno na nova Avenida Central. A especialização dos espaços tratava igualmente do confinamento das classes perigosas que assombravam a desejada modernidade civilizatória. Tal como a prisão, o hospício representava um desses espaços próprios de segregação dos indesejáveis. Sob “o manto da ciência e das leis”¹³⁵, a imagem de cientificidade que o hospício exibia adequava-se ao projeto que colocava a cidade do Rio de Janeiro como vitrine da modernidade brasileira.

Na história do primeiro hospital psiquiátrico do Brasil, o atual Instituto de Psiquiatria – IPUB, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, podemos acompanhar um

¹³⁵ Lená Medeiros de Menezes, *op. cit.*, p 182.

processo que teve seu início a 8 de dezembro de 1852, com a inauguração pelo Imperador do Hospício Pedro II, na antiga Praia da Saudade, atual Praia Vermelha. Situado em um prédio imponente, “de linhas arquitetônicas suntuosas e magníficas” que até impressionaram Agassiz, o novo hospital tinha capacidade “para abrigar 350 doentes, sendo considerado, na época, um dos melhores hospitais psiquiátricos do mundo”. No entanto, “a época áurea do hospital” teve início, de fato, apenas em 1903, durante o governo de Rodrigues Alves, que nomeou Juliano Moreira para dirigir o então nomeado Hospital Nacional de Alienados¹³⁶.

Podemos dizer que o hospício atravessou praticamente toda a trajetória de Lima Barreto. Primeiramente, como endereço, quando em 1890 a família Barreto passou a residir nas Colônias de Alienados da Ilha do Governador, tendo em vista que o pai João Henriques se tornara administrador da referida instituição após sua demissão da Imprensa Nacional:

Em 1893, quando se dava na baía da nossa cidade a revolta Saldanha-Custódio, meu pai exercia um pequeno emprego de almoxarife das Colônias de Alienados, na ilha do Governador. Um belo dia, os revoltosos, capitaneados por um oficial de Marinha, (...) lá desembarcaram, mataram bois, carregaram gêneros, medicamentos e roupas e se foram em paz. Assisti tudo.¹³⁷

Além da demissão por se confessar monarquista, o regime republicano havia oferecido a João Henriques o risco de um emprego com residência para si e seus filhos em plena baía de Guanabara, palco privilegiado de batalha da revolta da Armada. Na crônica, Lima Barreto rememorou alguns episódios de sustos sofridos por ele próprio, um menino

¹³⁶ João Ferreira da Silva Filho. “O Instituto de Psiquiatria– IPUB / UFRJ”. In: *Cadernos IPUB / Instituto de Psiquiatria da UFRJ*. – n. especial. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998, p. 11-13.

¹³⁷ Lima Barreto. “Homem ou boi de canga?”. In: *Bagatelas*, p. 272.

de doze anos apenas, por seu pai e por funcionários das Colônias durante ataques dos “revoltosos”.

A segunda situação de tensão na qual o hospício estava implicado decorreu da negação absoluta deste espaço de confinamento para João Henriques por Lima Barreto e os irmãos, que se recusaram a internar o pai, quando este enlouqueceu em 1902; sem ser confinado no hospício, João Henriques permaneceu, no entanto, recluso em casa, na “Vila Quilombo”, durante vinte anos, até sua morte em 1922.

Por fim, o próprio Lima Barreto viveu a experiência de confinamento no hospício nas duas internações sofridas no Hospício Nacional de Alienados, na Praia da Saudade, a primeira com entrada em 18 de agosto de 1914 e saída em 13 de outubro do mesmo ano, e a última, de 25 de dezembro de 1919 a 12 de fevereiro de 1920¹³⁸.

Nos relatos clínicos das duas internações, observamos o mesmo diagnóstico de “alcoolismo”, porém a profissão declarada mudou de “empregado público” na primeira entrada para “jornalista” e “escritor” na segunda, tendo em vista que Lima Barreto se aposentara “sem saudades”¹³⁹ do emprego de amanuense da Secretaria de Guerra no interstício das duas internações no hospício da Praia da Saudade. A “Cópia da guia policial” da primeira internação no hospício registra:

(...) Interrogado sobre o motivo da sua internação, refere que, indo à casa de um seu tio em Guaratiba, prepararam-lhe uma assombração, com aparecimentos de fantasmas, que aliás lhe causam muito pavor. Nessa ocasião, chegou o tenente Serra Pulquério, que embora seu amigo de *pandegas*, invectivou-o por saber que preparava panfletos contra seus trabalhos na vila proletária Marechal Hermes. Tendo negado, foi conduzido à polícia, tendo antes

¹³⁸ “Cópia da Observação de Affonso Henriques de Lima Barreto, constante do Livro de Observações Clínicas do Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil”, op. cit., p. 341-347.

¹³⁹ Lima Barreto. “A matemática não falha, 7-12-1918”. In: *Bagatelas*, p. 177 e 179

cometido desatinos em casa, quebrando vidraças, virando cadeiras e mesas. A sua condução para a polícia só se fez mediante o convite do comissário que lhe deu aposentos na delegacia até que transferiram-no para a nossa clínica. Protesta contra o seu “sequestro”, pois vai de encontro à lei, uma vez que nada fez que justifique (...) Julga que o tenente Serra Pulquério teme a sua fama “ferina e virulenta”, pois, apesar de não ser grande escritor nem ótimo pensador, adota as doutrinas anarquistas e quando escreve deixa transparecer debaixo de linguagem enérgica e virulenta os seus ideais (...)¹⁴⁰

O significado do vocábulo “assombração” dito/escrito na citação se expande, consideradas as premissas de nosso trabalho, podendo se referir às alucinações de Lima Barreto e, igualmente, qualificar aquelas outras “assombrações” que aterrorizavam as elites políticas. A adoção das “doutrinas anarquistas” ligava-se à preparação de “panfletos”, ao uso de “linguagem enérgica e virulenta” na escrita que “deixa(va) transparecer (...) os seus [de Lima Barreto] ideais”. Há no relato uma denúncia clara do desrespeito à lei pelo arbítrio da prisão seguida de internação após “seqüestro”. A “vila operária Marechal Hermes” funcionava como mais uma “assombração” que, contrapondo as ações ou “trabalhos” do tenente Serra Pulquério às de Lima Barreto, revelava as disputas que já se travavam entre a ordem republicana e o movimento operário naquela temporalidade:

Palavras de um “snob” anarquista

Por ocasião da passagem do 1º de maio, os grandes jornais desta cidade, bem ou mal, tiveram que tratar da questão social. Alguns, com aquele jeito furta-cor tão interessante para um zoologista, enquanto na primeira ou segunda página defendiam uma futura oligarquia atacando outra, na quarta ou quinta faziam panegíricos dos operários, etc., etc.; outros, com mais franqueza, ao dia seguinte, atacavam os anarquistas e exclamavam:

¹⁴⁰ “Livro de Observações Clínicas do Hospital Nacional dos Alienados”, op. cit., p. 342.

“Que haja anarquistas na Europa (...) vá lá, compreende-se.”¹⁴¹

No artigo, Lima Barreto reconheceu a “situação precária do operariado europeu” naquele momento e, ao mesmo tempo, fez a defesa de que havia lugar para o anarquismo no Brasil, utilizando como argumento o ponto de vista histórico:

(...) as condições (...) da civilização do Brasil, quer as econômicas, quer as morais, quer as de território justificam que haja quem desinteressadamente, brasileiro ou não, seja anarquista. Se a de lá está carunchosa a de aqui também: uma é tão antiga quanto a outra; e convém lembrar também que é inútil nesta questão indagar-se se se é ou não de tal país, quando os jornalistas não se indagam deles mesmos se são ou não brasileiros (...)

Os anarquistas falam da humanidade para a humanidade, do gênero humano para o gênero humano, e não em nome de pequenas competências de personalidades políticas (...)¹⁴²

No artigo, publicado sob o pseudônimo transparente de Isaías Caminha, Lima Barreto colocou-se na contramão da posição conservadora, que segundo ele qualificava de esnobes ou de ignorantes os que adotavam as idéias anarquistas. Ser negro e não ser “peça”¹⁴³, ser intelectual e não ser “doutor”, estas (o)posições sugerem uma trajetória significativamente distinta daquela de um *flâneur*. Parece-nos que Lima Barreto não cabia no figurino do artista-herói da modernidade. À experiência de observar, refletir e retirar o eterno das circunstâncias, que é o modo pelo qual Baudelaire definia a modernidade¹⁴⁴, acrescentaríamos a experiência vivida e relatada por Lima Barreto de buscar no eterno, ou

¹⁴¹ Lima Barreto. “Palavras de um *snoob* anarquista”. *A Voz do Trabalhador*, Rio, 15-5-1913. In: *A Voz do Trabalhador - Coleção fac-similar* do jornal da Confederação Operária Brasileira (1908-1915). São Paulo: Imprensa Oficial do Estado S. A.; Secretaria de Estado de Cultura; Centro de Memória Sindical; 1985.

¹⁴² Id, *ibidem*.

¹⁴³ Estamos usando o termo “peça” da mesma forma hiperbólica que Lima Barreto usou os termos “quilombola” e “senador de Roma” (ver p. 48-49).

¹⁴⁴ “A modernidade de Baudelaire”. In: *A modernidade de Baudelaire: textos inéditos selecionados por Teixeira Coelho*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p.14

melhor, na longa duração, o que havia de trivial, de contingente, embora naturalizado ou apresentado como natural.

Em uma retrospectiva que fez de sua trajetória, Lima Barreto localizou a fonte de prazer na “saúde do passado, às vezes composta de coisas fúteis”:

Oh ! O tempo ! O inflexível tempo, que como o Amor, é também irmão da Morte, vai ceifando aspirações, tirando presunções, trazendo desalentos, e só nos deixa na alma essa saudade do passado às vezes composta de coisas fúteis, cujo lembrar, porém, traz sempre prazer. Quanta ambição ele mata ! Primeiro são os sonhos de posição; com os dias e as horas e, a pouco e pouco, a gente vai descendo de ministro a amanuense; depois são os do Amor – oh ! como se desce nesses ! Os de saber, de erudição, vão caindo até ficarem reduzidos ao bondoso Larousse. Viagens... Oh ! As viagens ! Ficamos a fazê-las nos nossos pobres quartos, com auxílio do Baedeker e outros livros complacentes.¹⁴⁵

Ao refletir sobre o “inflexível tempo”, nesse artigo de 1911 que rememorava o 13 de maio de 1888, Lima Barreto traçou as tensões e as frustrações mais agudas que marcaram sua trajetória. Nos “pobres quartos” e nos “livros complacentes” foram sepultados os “sonhos de posição” desfeitos, “os de Amor” não realizados, “os de saber, de erudição” reduzidos, os de “viagens” não concretizados.

O levantamento das principais tensões manifestas na trajetória e, inseparavelmente, no discurso de Afonso Henriques de Lima Barreto, resultou na apreensão de um quadro de oposições, que serviram de base para o estabelecimento de duas representações. Em nossa pesquisa, a “Vila Quilombo” e a “Avenida Central” são entendidas como representações das distinções no espaço-tempo republicano da Capital Federal brasileira. Dialeticamente, a “Vila Quilombo” e a “Avenida Central” só podem ser compreendidas se postas em relação.

¹⁴⁵ Lima Barreto. “Maio”, op. cit., p. 258.

Desse modo, a análise da trajetória de Afonso Henriques de Lima Barreto busca descobrir ora as fronteiras, ora as pontes entre e através da Vila Quilombo e da Avenida Central.

CAPÍTULO 2

UM NEGRO-INTELECTUAL NA VILA QUILOMBO

É na posição de “negro-intelectual” que Lima Barreto desloca-se em um espaço-tempo que considerará a “Vila Quilombo” como representação do “aqui”, em oposição ao “lá” da “Avenida Central”. Os mesmos deslocamentos e o mesmo movimento “daqui pra lá” que seus discursos denunciavam: “da Vila Quilombo para a Avenida Central”.

A denominação “Vila Quilombo” é própria de Lima Barreto, e apareceu na crônica “Bailes e Divertimentos Suburbanos”, publicada originalmente na *Gazeta de Notícias*, em 7 de fevereiro de 1922:

Há dias, na minha vizinhança, quase em frente à minha casa, houve um baile. Como tinha passado um mês enfurnado na minha modesta residência, que para enfezar Copacabana denominei “Vila Quilombo”, pude perceber todos os preparativos da festa doméstica: a matança de leitões, as entradas das caixas de doces, a ida dos assados para a padaria, etc.¹⁴⁶

Situada no subúrbio carioca de Todos os Santos, a “modesta residência” foi nomeada “Vila Quilombo” e, desse modo, Lima Barreto rememorou, no espaço-tempo da república pós-abolição, o grito de liberdade de uma prática de resistência contra o sistema da escravidão colonial e imperial no Brasil. Ao mesmo tempo em que funcionava discursivamente como “memória”, a “Vila Quilombo” expressava o “presente” de Lima Barreto, no qual se distinguia o subúrbio como um dos espaços destinados pela ordem republicana a afastar os indesejáveis do palco da modernidade.

¹⁴⁶ Lima Barreto. “Bailes e Divertimentos Suburbanos”. *Gazeta de Notícias*, Rio, 7-2-1922. In: *Marginália*, p. 61-68.

O verbo “enfezar”, que guarda com o substantivo “fezes” uma aproximação etimológica, colocava-se no campo das relações de dominação simbólicas próprias do processo de estratificação dos espaços da cidade, especialmente durante as primeiras décadas do século XX. “Enfadar”, “irritar” e “amolar”, na primeira acepção, ou então “entrar em decadência”, “definhar” e “decair”¹⁴⁷, na segunda acepção do verbete do dicionário, as duas idéias possibilitam a construção do significado irônico cuja “vítima” é Copacabana, em um movimento discursivo de devolver aos “poderosos” o descaso com o subúrbio considerado “indesejável”.

Embora fosse um bairro novo e pouco habitado, Copacabana era considerado uma “área nobre” e, por essa razão, seu saneamento mereceu investimentos expressivos e atenção especial na administração Serzedelo Correa (1909-1910)¹⁴⁸. A meio caminho entre as Freguesias Suburbanas do Engenho Novo, do Méier e de Inhaúma¹⁴⁹, o bairro de Todos os Santos, de moradia de Lima Barreto, apesar de mais antigo e mais populoso do que Copacabana, não fez jus aos melhoramentos que o centro e o lado sul da cidade usufruíram. Lima Barreto registrou a continuidade dessa mesma postura também na administrações Paulo de Frontin e Carlos Sampaio:

O senhor doutor Carlos Sampaio é um excelente prefeito, melhor do que ele só o Senhor de Frontin. Eu sou habitante da cidade do Rio de Janeiro, e, até, nela nasci; mas, apesar disso não sinto quase a ação administrativa de Sua Excelência. (...)

Vê-se bem que a principal preocupação do atual governador do Rio de Janeiro é dividi-lo em duas cidades: uma será a européia e a outra, a indígena.

¹⁴⁷ Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

¹⁴⁸ Maurício de Almeida Abreu. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. 2ª ed. Rio de Janeiro: IPLANRIO; J. Zahar, 1988, p. 73.

¹⁴⁹ Fonte: “Recenseamento de 1920”. *Apud*: Maurício de Almeida Abreu, op. cit., p. 85.

É isto que se faz ou se fez na Índia, na China, em Java, etc.; e em geral, nos países conquistados e habitados por gente mais ou menos amarela ou negra. (...)

Todo o dia, pela manhã, quando vou dar o meu passeio filosófico e higiênico, pelos arredores da minha casa **suburbana**, tropeço nos caldeirões da rua principal da localidade de minha residência, rua essa que foi calçada há bem cinqüenta anos, a pedregulhos respeitáveis.

Lembro-me dos silhares dos caminhos romanos e do asfalto com que a prefeitura Municipal está cobrindo os areais desertos de Copacabana.¹⁵⁰

Em “O Prefeito e o Povo”, Lima Barreto estabeleceu desde o título uma distinção entre, de um lado, o governo e as ações governamentais, e de outro lado, o povo e suas necessidades. A imagem de uma “cidade partida”¹⁵¹ foi dada pela oposição entre a “européia” Copacabana, bem atendida pela prefeitura municipal, e a “indígena” Todos os Santos, abandonada pelo poder municipal. Na passagem, o descaso com os moradores da região suburbana do Rio de Janeiro foi comparado ao que sofreu a “gente mais ou menos amarela e negra” dos “países conquistados”.

O sentido irônico foi percebido pela confluência de duas formações discursivas justapostas. Abrindo a crônica, a primeira delas anunciou o que seria um elogio aos prefeitos Carlos Sampaio e Paulo de Frontin, este ainda “melhor do que” aquele. No mesmo parágrafo, o discurso tomou outro rumo e a “ação administrativa de Sua Excelência” [o prefeito Carlos Sampaio] passou a ser duramente criticada por alguém que não só habitava a cidade como também “até” nela nascera. Em outros artigos e crônicas, observamos que Lima Barreto protestou insistentemente contra a escolha, em todas as instâncias, de

¹⁵⁰ Lima Barreto. “O Prefeito e o Povo”, *Careta*, Rio, 15-1-1921. In: *Marginália*, p. 117. Grifo nosso. Em todas as citações deste capítulo, os termos **subúrbio(s)** e **suburbano(a, os, as)** estarão grifados por nós.

¹⁵¹ Expressão tomada a Zuenir Ventura, em: *A cidade partida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

representantes da cidade do Rio de Janeiro que não eram “cariocas da gema” como ele e que apenas a conheciam superficialmente.

Ao dizer que, em seus passeios matinais, tropeçava “nos caldeirões da rua principal da localidade de minha [sua] residência”, Lima Barreto se referia à rua José Bonifácio, que ligava e ainda liga a antiga estrada Real de Santa Cruz à atual rua Arquias Cordeiro, que margeia a linha férrea da Central do Brasil. Em outras crônicas, a referência ao péssimo estado de conservação do calçamento desta artéria, na época considerada a principal do bairro de Todos os Santos, resultou em escritos com toques de “humor macabro”, como os excelentes “Os Enterros de Inhaúma”¹⁵² e “Queixa de Defunto”¹⁵³.

Nos “Apontamentos para o Indicador do Distrito Federal”, de 1901, o historiador e “maior amigo de Lima Barreto”¹⁵⁴ Noronha Santos listou oito estações de parada da Estrada de Ferro Central do Brasil localizadas no território da Freguesia do Engenho Novo. Dentre essas estações, inauguradas no período compreendido entre março de 1858 e agosto de 1889, havia a de Todos os Santos, cuja data de inauguração é objeto de controvérsias: em 24 ou 27 de dezembro¹⁵⁵ de 1868, ou ainda em 24 de janeiro de 1868¹⁵⁶. Tanto quanto a estação do “Meyer”, Todos os Santos situava-se em terras das fazendas anteriormente pertencentes à família de Joaquim Meyer.

Como representação, a “Vila Quilombo” se define, assim, como o espaço-tempo do subúrbio e do suburbano. Desde o título da crônica, em “Bailes e Divertimentos

¹⁵² Lima Barreto. “Os Enterros de Inhaúma”, *Careta*, Rio, 26-8-1922. In: *Feiras e Mafuás*, p. 287 a 292.

¹⁵³ Lima Barreto. “Queixa de Defunto”, *Careta*, Rio, 20-3-1920. In: *Vida Urbana*, p. 221 a 223.

¹⁵⁴ Lima Barreto. “Antônio Noronha Santos – 1904-1920”, op. cit., p. 59.

¹⁵⁵ O texto apresenta as duas datas, às páginas 75 e 33, respectivamente.

¹⁵⁶ *Almanaque Suburbano* (516), 1941, p.24.

Suburbanos” podemos apreciar essa construção de um espaço e de um tempo suburbanos pelo uso intensivo do vocábulo “subúrbio” e de seu adjetivo derivado “suburbano”:

(...) O baile, não sei se é, era ou foi, uma instituição nacional, mas tenho certeza de que era profundamente carioca, especialmente **suburbano**.

(...) Quando fui morar naquelas paragens não havia noite em que voltando tarde para casa, não topasse no caminho com um baile, com um choro, como se dizia na gíria do tempo. (...)

Sem receio de errar, (...) pode-se dizer que o baile familiar e burguês, democrático e efusivo, está fora de moda, nos **subúrbios**. A carestia da vida, a exigüidade das casas atuais e a imitação da alta burguesia desfiguraram-no muito e tendem a extingui-lo.¹⁵⁷

Lima Barreto percebeu as mudanças que se operaram na “Vila Quilombo” entre 1903, ano em que passou a residir em Todos os Santos, e 1922, ano de publicação da crônica e, também, de sua morte.

Em artigo datado de 1904 sobre a ocupação dos subúrbios do Rio de Janeiro, Aureliano Portugal pensou o espaço do subúrbio integrado ao espaço urbano:

A continuidade da cidade propriamente dita é tal que, em grande parte, se torna impossível estabelecer limites entre as paróquias urbanas e as chamadas **suburbanas**. (...) Estes **subúrbios** não têm existência própria, independente do Centro da cidade, pelo contrário a sua vida é comum, as suas relações íntimas e freqüentes; é a mesma população que moureja, no centro comercial da cidade, com a que reside neste, sendo naturalmente impossível separá-las.¹⁵⁸

¹⁵⁷ Lima Barreto. “Bailes e Divertimentos Suburbanos”, op. cit., p. 62, 63 e 66.

¹⁵⁸ Aureliano Portugal. *Jornal do Commercio*, 20-6-1904. *Apud* (para o texto e autor da citação): Maurício de Almeida Abreu, op. cit., p. 53. *Apud* (para a indicação da fonte original, parte do texto e autor da citação): Robert M. Pechman. *A gênese do mercado urbano de terras, a produção de moradias e a formação dos subúrbios no Rio de Janeiro*. Dissertação de Mestrado. UFRJ. Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, p.52-53.

Embora a inauguração do trecho inicial da pioneira Estrada de Ferro Dom Pedro II, bem como das estações de Cascadura e Engenho Novo, datasse de 1858, Aureliano Portugal caracterizou o espaço suburbano como simples dormitório, na primeira década do século XX. De fato, no Recenseamento de 1890¹⁵⁹, as “Freguesias do Rio de Janeiro” se subdividiam em “Freguesias Urbanas” e “Freguesias Rurais”, não se fazendo qualquer menção a “subúrbios”. Somente no Recenseamento de 1920¹⁶⁰ a divisão entre “Freguesias Urbanas” e “Freguesias Suburbanas” apareceu em tabela, ressaltando-se que o Méier e o Engenho Novo faziam parte do segundo grupo, juntamente com São Cristóvão, Inhaúma e Irajá.

Encontramos nos artigos e crônicas de Lima Barreto formações discursivas que distinguem e descrevem o subúrbio carioca. À memória nostálgica de um tempo que não existia mais, de “choros”, “valsas, mazurcas, quadrilhas ou quadras”, Barreto acrescentou a crítica que buscava politizar o cotidiano:

(...) Às duas e meia, interrompi o sono e estive acordado até as quatro da madrugada, quando acabou o sarau. A não ser umas barcarolas cantadas em italiano, não ouvi outra espécie de música, a não ser polcas adoidadas e violentamente sincopadas (...)

Perguntei a minha irmã, provocado pela monótona musicaria do baile da vizinhança, se nos dias presentes não se dançavam mais valsas, mazurcas, quadrilhas ou quadras, etc.

- Qual! – disse-me ela. – Não se gosta mais disso... O que apreciam os dançarinos de hoje, são músicas apolcadas, tocadas *à la diable*, que servem para dançar tango, *fox-trot*, *ragtime*, e...

¹⁵⁹ “Recenseamento de 1890 – População residente e taxa de crescimento demográfico das Freguesias do Rio de Janeiro” (tabela) In: Maurício de Almeida Abreu. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. 2ª ed. Rio de Janeiro: IPLANRIO; J. Zahar, 1988, p. 67.

¹⁶⁰ “Recenseamento de 1920 – Distribuição Ocupacional da População Economicamente Ativa do Rio de Janeiro, segundo as Freguesias. In: Maurício de Almeida Abreu. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. 2ª ed. Rio de Janeiro: IPLANRIO; J. Zahar, 1988, p. 85.

- *Cake-walk?* – perguntei.

- Ainda não se dança, ou já se dançou; mas agora, está aparecendo um tal de *shimmy*.¹⁶¹

Em lugar do produto nacional, ou nacionalizado em época anterior como a valsa, o subúrbio incorporava outros ritmos importados com os novos ventos da modernidade. No diálogo com a irmã Evangelina, predominaram termos em inglês para não só designar os ritmos recém-chegados como também denunciar a origem comum americana de todos eles. Na crônica, Lima Barreto ainda aproveitou a situação do desaparecimento dos bailes para ressaltar um aspecto econômico da mudança na paisagem suburbana:

Hoje, porém, as casas mingam em geral, e especialmente na capacidade dos seus aposentos e cômodos. Nas salas de visitas das atuais mal cabem o piano e uma meia mobília, adquirida a prestações. (...) Isto acontece com as famílias remediadas; com as verdadeiramente pobres, a coisa piora. Ou moram em cômodos ou em casitas de avenidas, que são um pouco mais amplas do que a gaiola dos passarinhos.¹⁶²

Além da referência às “prestações” como forma de aquisição de “uma meia mobília”, a ironia barretiana, que nunca era apenas cômica mas sempre trágica ou tragicômica, articulou no discurso a leveza dos bailes com a construção política do espaço. Na comparação entre a “casita” de um pobre suburbano e uma “gaiola de passarinhos”, aquela levava vantagem, era “um pouco mais ampla”.

Assim, no espaço-tempo da Vila Quilombo, as imagens que construímos a partir da análise das seqüências discursivas destacadas até agora em “Bailes e Divertimentos Suburbanos” revelam, de um lado, o empobrecimento da “gente pobre” e da “gente

¹⁶¹ Lima Barreto. “Bailes e Divertimentos Suburbanos”, op. cit., p. 61.

¹⁶² Id, ibidem, p, 62.

média”¹⁶³; e de outro lado, a perda da inocência pela invasão das “suntuosidades republicanas” aliadas ao “arsenal da hipocrisia americana”:

(...) O **subúrbio** civiliza-se, diria o saudoso Figueiredo Pimentel, que era também **suburbano**; mas de que forma, santo Deus?

(...) O **subúrbio** não se diverte mais. A vida é cara e as apreensões muitas, não permitindo prazeres simples e suaves, doces diversões familiares, equilibradas e plácidas. Precisa-se de ruído, de zabumba, de cansaço, para esquecer, para espancar as trevas que em torno da nossa vida, mais densas se fazem, dia para dia, acompanhando *pari passu* as suntuosidades republicanas.

Ele não mais se diverte inocentemente; o **subúrbio** se atordoa e se embriaga não só com o álcool, com a lascívia das danças novas que o esnobismo foi buscar no arsenal da hipocrisia americana. Para as dificuldades materiais de sua precária existência, criou esse seu paraíso artificial, em cujas delícias transitórias mergulha, inebria-se minutos, para esperar, durante horas, dias e meses, um aumentozinho de vencimentos...¹⁶⁴

No campo discursivo do “aqui”, Lima Barreto colocou os “prazeres simples e suaves” e as “doces diversões familiares” de um subúrbio idealizado dos “tempos idos”, quando os “bailes suburbanos (...) “tinham um grande cunho de honestidade e respeito”¹⁶⁵. Ao “aqui” da Vila Quilombo, Lima Barreto contrapôs um “lá” da Avenida Central, localizando no campo discursivo do “lá” as “suntuosidades republicanas” e o “arsenal da hipocrisia americana” que, juntos, transformaram o subúrbio no “paraíso artificial” do “esnobismo”, da “lascívia das danças novas” e das “delícias transitórias”.

¹⁶³ Id, ibidem.

¹⁶⁴ Id, ibidem, p. 67-68.

¹⁶⁵ Id, ibidem, p. 62, 65.

Em diversas passagens, Lima Barreto observou e relatou situações nas quais as distinções entre o subúrbio republicano e a *belle époque* tropical se reproduziam nos cenários, nos gestos e nas atitudes da população:

Embarco em Cascadura. É de manhã. O bonde se enche de moças de todas as cores com os vestuários de todas as cores. Vou ocupar o banco da frente, junto ao motorneiro. Quem é ele? É o mais popular da linha. É o “titio Arrelia” – um crioulo forte, espadaúdo, feio, mas simpático. Ele vai manobrando as manivelas e deitando pilhérias, para um lado e para o outro.¹⁶⁶

A Vila Quilombo é o ponto de partida da crônica “De Cascadura ao Garnier”. Observamos que, ao nomear o agente de cuja caminhada a narrativa se ocupou, Lima Barreto realizou um percurso discursivo no qual buscou dar destaque a uma trajetória determinada de um determinado ator do político. Desse modo, a identificação profissional “motorneiro” apareceu na crônica em apenas uma ocasião, na abertura da mesma; em seguida, o apelido próprio “titio Arrelia” (e seu substituto “ele”) assumiu integralmente o espaço de nomeação do agente até o final do relato.

A referência às cores variadas do vestuário feminino e às trocas lingüísticas sem solenidade marcou uma distinção de costumes em relação às elites. No entanto, a modernidade não estava de todo ausente naquele espaço, uma vez que havia o bonde, havia as manivelas para manobrá-lo e havia um motorneiro que não apenas movimentava o bonde. Partindo da pergunta “Quem é ele?”, a apresentação do motorneiro seguiu um percurso que primeiro introduziu o argumento da popularidade máxima como justificativa para esse “escrito de circunstância” tão significativo; a seguir, Lima Barreto informou o nome do agente, “titio Arrelia”, um apelido que

¹⁶⁶ Lima Barreto. “De Cascadura ao Garnier”. *Careta*, Rio, 29-7-1922. In: *Marginália*, p. 83.

reforçou o traço popular de sua identidade; por fim, Barreto acrescentou as características que compuseram, mais do que a aparência física do motorneiro, sua identidade: “crioulo forte, espadaúdo, feio, mas simpático”. A polifonia se manifestou no sentido do último vocábulo da enumeração, não sendo possível definirmos se o “simpático” se contrapunha apenas a “feio” ou ao conjunto “crioulo forte, espadaúdo, feio”.

No fragmento destacado, observamos que a questão da miscigenação foi colocada de modo discreto, através das formações discursivas “crioulo” e “moças de todas as cores”, esta última esvaziada de conteúdo ideológico pela proximidade com a formação “vestuários de todas as cores”.

Entre o subúrbio de Cascadura e a livraria Garnier, havia uma distância física que exigia um grande investimento de tempo para ser percorrida. No bonde, Lima Barreto buscou relacionar as distinções entre os espaços e os tempos da Vila Quilombo e da Avenida Central:

(...) Ele [o Cascadura-Garnier] percorre uma parte da cidade que até agora era completamente desconhecida. Em grande trecho, prelustra a velha Estrada Real de Santa Cruz que até bem pouco vivia esquecida.

Entretanto, essa trilha lamacenta que, preguiçosamente, a Prefeitura Municipal vai melhorando, viu carruagens de reis, de príncipes e imperadores. Veio a estrada de ferro e matou-a, como diz o povo. Assim aconteceu com Inhomirim, Estrela e outros “portos” do fundo da baía. A Light, porém, com o seu bonde de “Cascadura” descobriu-a de novo e hoje, por ela toda, há um sopro de renascimento, uma palpitação de vida urbana, embora os bacorinhos, a fossar a lama, e as cabras, a pastar pelas suas margens, ainda lhe dêem muito do seu primitivo ar rural de antanho.¹⁶⁷

¹⁶⁷ Id, *ibidem*.

Na crônica, o espaço da Vila Quilombo abrigava três temporalidades distintas. Antes do trem, quando predominava um tempo “de antanho”, um tempo do Império de “carruagens”, um tempo esquecido, um tempo de “primitivo ar rural” que Lima Barreto evocou com certa nostalgia. Depois do trem, quando “a estrada de ferro” veio e “matou” não só os “portos’ do fundo da baía” de Guanabara como aquele caminho da “Estrada Real de Santa Cruz” que, mais tarde, seria denominado “Avenida Suburbana”¹⁶⁸. Mas o advento do bonde trouxe a modernidade para a Vila Quilombo, trouxe “um sopro de renascimento”, trouxe o novo, trouxe “uma palpitação de vida urbana”.

No uso do advérbio “preguiçosamente”, Lima Barreto criticou o modo pelo qual a Prefeitura Municipal realizou as melhorias naquela “trilha lamacenta”, certamente porque não se tratava de reformar o espaço-tempo da Avenida Central. A modernidade, portanto, entrava apenas como “um sopro” ou “uma palpitação” no espaço-tempo da Vila Quilombo:

Mas...o bonde Cascadura corre; “titio Arrelia”, manejando o *controle*, vai deitando pilhérias, para a direita e para a esquerda; ele já não se contenta com o tímpano; assovia como os cocheiros dos tempos dos bondes de burro; e eu vejo delinear-se uma nova e irregular cidade, por aqueles capinzais que já foram canaviais; contemplo aquelas velhas casas de fazenda que se erguem no cimo das meias-laranjas; e penso no passado.

No passado ! Mas... o passado é um veneno.¹⁶⁹

Os costumes tradicionais, a decadência das fazendas coloniais de cana-de-açúcar, a “nova e irregular” paisagem de uma sub-urbe onde os “canaviais” foram substituídos pelos “capinzais”, tudo isso compunha a Vila Quilombo, um espaço-tempo guardião de um passado que “é [era] um veneno”. Em lugar de nostalgia, aquele passado descrito na

¹⁶⁸ Atualmente, Avenida Dom Helder Câmara.

passagem citada trouxe melancolia e tristeza como efeitos de sentido, e o relato explicitou um deslocamento no instante em que o bonde chegou à fronteira entre a Vila Quilombo e a Avenida Central:

Fujo dele [do passado], de pensar nele e o bonde entra com toda a força na embocadura do Manguê. A usina de gás fica ali e olho aquelas chaminés, aqueles guindastes, aquele amontoado de carvão de pedra. Mais adiante, meus olhos topam com medas de manganês...¹⁷⁰

O Manguê representava a “fronteira” e, dialeticamente, a “ponte”¹⁷¹ que estabelecia uma articulação entre a Vila Quilombo e a Avenida Central. Na Vila Quilombo, as marcas do passado colonial e rural. Na Avenida Central, as evidências da modernidade urbana, da industrialização. Ao deslocar-se, Lima Barreto flagrou a travessia do “titio Arrelia” que, ao sair de um espaço da sub-urbe afastada para ingressar no espaço da urbe “civilizada”, mudou de postura:

E o bonde corre, mas “titio Arrelia” não diz mais pilhérias, nem assovia. Limita-se muito civilizadamente a tanger o tímpano regulamentar. Estamos em pleno Manguê, cujas palmeiras farfalham mansamente, sob um céu ingratamente nevoento. Estamos no Largo de São Francisco. Desço.¹⁷²

A utilização do advérbio “mansamente”, aplicado às palmeiras, poderia igualmente definir a atitude do “titio Arrelia” no espaço da ordem republicana. O paralelismo entre os advérbios “mansamente” e “civilizadamente” estabeleceu uma ligação entre o movimento das palmeiras e o gesto do motorneiro. Aos modestos “capinzais que já foram canaviais” da Vila Quilombo, a Avenida Central contrapunha as esbeltas palmeiras farfalhantes.

¹⁶⁹ Lima Barreto. “De Cascadura ao Garnier”, op. cit., p. 83-84.

¹⁷⁰ Id, ibidem, p. 84.

O uso da forma verbal “desço” [no Largo de São Francisco], em primeira pessoa do singular, instaurou uma “articulação conjuntiva”¹⁷³ com “embarco” [em Cascadura], a primeira palavra da crônica. No discurso, “desço” deslocou o foco do ato de caminhar do “outro”, o “tio Arrelia”, para o “eu”, ou seja, para Lima Barreto, o sujeito da enunciação.

O fragmento a seguir finaliza a crônica “De Cascadura ao Garnier”, estabelecendo mais uma vez um elo entre espaços distintos e aspectos da autobiografia de Lima Barreto:

Penetro pela Rua do Ouvidor. Onde ficou a Estrada Real, com os seus bácoros, as suas cabras, os seus galos e os seus capinzais ? Não sei ou esqueci-me. Entro na Garnier e logo topo um poeta, que me recita:

“Minh’ alma é triste como a rola aflita”, etc.

Então de novo me lembro da Estrada Real, dos seus porcos, das suas cabras, dos seus galos, dos capinzais...¹⁷⁴

Na crônica “De Cascadura ao Garnier”, publicada quatro meses antes de sua morte, Lima Barreto conseguiu demonstrar que em sua trajetória entre a Vila Quilombo e a Avenida Central, os deslocamentos nos espaços especializados pela ordem republicana marcaram agudamente sua caminhada. Na situação relatada, as distinções entre os espaços sociais rerepresentaram uma “simbólica do poder”¹⁷⁵ que, naquela temporalidade, valorizava positivamente o espaço da Avenida Central.

No discurso, a autobiografia de uma subjetividade sob tensão estabeleceu uma ponte com a História Política da cidade do Rio de Janeiro e a da cidade de Paris, através do

¹⁷¹ M. Certeau, op. cit., p. 209. “[No relato,] a fronteira e a ponte parecem as figuras narrativas essenciais.”

¹⁷² Lima Barreto. “De Cascadura ao Garnier”, op. cit., p. 84.

¹⁷³ M. Certeau, op. cit., p. 178.

¹⁷⁴ Lima Barreto. “De Cascadura ao Garnier”, op. cit., p. 84

topônimo “Garnier”, que tanto poderia ser a Livraria no centro do Rio de Janeiro, quanto o Teatro em Paris, este um símbolo da reforma do prefeito Eugène Haussmann na cidade-capital francesa, a qual foi modelo para a reforma do também prefeito Francisco Pereira Passos na cidade-capital brasileira. Na crônica, após ter viajado até o “lá” da Avenida Central, ou mesmo ao “acolá” de Paris, no entanto, Lima Barreto retornou ao ponto de onde saiu, ao “aqui” da sua Vila Quilombo, da “Estrada Real, dos seus porcos, das suas cabras, dos seus galos, dos seus capinzais...”, enfim, de sua casa na Vila Quilombo.

Em outra crônica, encontramos a reiterada caracterização da Vila Quilombo como espaço idealizado do paraíso carioca:

Noticiaram os jornais que um delegado inspecionando, durante uma noite destas, algumas delegacias **suburbanas**, encontrou-as às moscas, comissários a dormir e soldados a sonhar. (...)

Os jornais, com aquele seu louvável bom senso de sempre, aproveitaram a oportunidade para reforçar as suas reclamações contra a falta de policiamento nos **subúrbios**.¹⁷⁶

Mais uma vez, podemos flagrar o método de trabalho de Lima Barreto, que consistia em partir da leitura das matérias jornalísticas sobre o cotidiano da cidade, as quais tornavam-se matéria-prima para suas reflexões e seus escritos. Barreto explicitou sua posição divergente mas autorizada acerca da Vila Quilombo, através da estratégia discursiva da ironia, que também revelou o desconhecimento dos jornais em relação ao espaço suburbano. Na crônica, ele revelou seu espanto diante da desinformação com que as questões do subúrbio eram habitualmente tratadas:

¹⁷⁵ P Bourdieu. “Efeitos de lugar”, op. cit., p. 163.

¹⁷⁶ Lima Barreto. “A Polícia Suburbana”. *Correio da Noite*, Rio, 28-12-1914. In: *Vida Urbana*, p. 61.

Leio sempre essas reclamações e pasmo. Moro nos **subúrbios** há muitos anos e tenho o hábito de ir para a casa alta noite.

Uma vez ou outra encontro um vigilante noturno, um policial e muito poucas vezes é-me dado ler notícias de crimes nas ruas que atravesso.

A impressão que tenho é de que a vida e a propriedade daquelas paragens estão entregues aos bons sentimentos dos outros e que os pequenos furtos de galinhas e coradouros não exigem um aparelho custoso de patrulhas e apitos.¹⁷⁷

Na seqüência, o espaço suburbano foi descrito como um paraíso de paz e tranqüilidade, em uma época (1914) na qual todos viviam ou sentiam os efeitos da deflagração da Primeira Guerra Mundial na Europa. O testemunho de Lima Barreto fundamentou-se em sua comprovada sabedoria de base empírica, que ele fez questão de reafirmar, ao se referir ao longo tempo de moradia “naquelas paragens” e ao “hábito” de transitar durante a madrugada pelas ruas do subúrbio.

Para melhor justificar seu ponto de vista, Lima Barreto também confrontou os temas do policiamento e do crime, para concluir que os dados estatísticos de crimes ocorridos na região suburbana e publicados nos periódicos não indicavam a necessidade de maior investimento em “aparelho custoso de patrulhas e apitos”:

Aquilo lá vai muito bem, todos se entendem livremente e o Estado não precisa intervir corretivamente para fazer respeitar a propriedade alheia.

Penso mesmo que, se as coisas não se passassem assim, os vigilantes, obrigados a mostrar serviço, procurariam meios e modos de efetuar detenções e os noctívagos, como eu, ou os pobres-diabos, que lá procuram dormida, seriam incomodados com pouco proveito para a lei e para o Estado.

¹⁷⁷ Id, ibidem, p. 61 e 62.

Os policiais **suburbanos** têm toda a razão. Devem continuar a dormir.(...) ¹⁷⁸

Contrapondo-se ao posicionamento vencedor de que o subúrbio era um dos espaços especializados destinado às “classes perigosas”, Lima Barreto sugeriu que o Estado não precisava se preocupar em aumentar o policiamento do subúrbio, pois nele a propriedade privada não estava ameaçada. Com ironia, referiu-se aos boêmios e aos pobres como os únicos que poderiam ser ameaçados de prisão, se as autoridades quisessem “mostrar serviço”.

A fim de explicitar a posição de “negro-intelectual” como uma das que Lima Barreto ocupou em sua trajetória, estabelecemos um elo entre a crônica “A Polícia Suburbana”, que acabamos de analisar, e as duas seguintes que passaremos a estudar, “Legião da Mulher Brasileira” e “O ‘Moambeiro”.

Ao escrever que “Aquilo lá vai muito bem” ¹⁷⁹, referindo-se ao espaço suburbano, Lima Barreto ocupou por um instante a posição própria dos jornalistas para dialogar “de igual para igual” com esses profissionais da imprensa e mostrar seu conhecimento superior em relação a um assunto que eles não dominavam com precisão. Assim, o “aquí da Vila Quilombo” tornou-se um “Aquilo lá” apenas como objeto de menor conhecimento das notícias lidas, e escritas por outros, e de maior conhecimento das crônicas escritas por Lima Barreto:

Na minha vizinhança, no pacato Todos os Santos, nas proximidades de Inhaúma, a longínqua, dias ou semanas antes do carnaval, alguns meus conhecidos e amigos de modesta condição, que me dão a honra de ouvir, nas vendas e botequins, as minhas prédicas sociais e políticas,

¹⁷⁸ Id, ibidem, p. 62.

¹⁷⁹ Id, ibidem.

fundaram um cordão, rancho ou bloco a que chamaram de “Rapaduras Gostasas”.

Eu não sei porque quiseram tal nome, mas nada objetivei e calei toda a crítica irreverente ou tola à semelhante manifestação de arte popular. Diabo! Eu sou povo também; não descendo, como o presidente, de fidalgos flamengos, que ficaram no Brasil e abandonaram os seus patrícios quando eles foram batidos pelas hostes pernambucanas de André Vidal de Negreiros, Fernandes Vieira, Camarão e Henrique Dias. Sou essencialmente homem do povo e criticar manifestações artísticas de pessoas da mesma condição que a minha, pode parecer pretensão e soberbia. Guardei a crítica e convenci-me de que podia haver rapaduras amargas.

Tendo tomado tal precaução, fui a uma das sessões de início do bloco e assisti-a do começo ao fim. A presidência, estava o meu bom camarada Manuel Parafuso, artista pintor de liso, muito consagrado pelas famílias abastadas da redondeza; o secretário era Miguel Barbalho, um rapaz acobreado da mais perfeita aparência caprina; e outros cujos nomes não me recordo.

Pois bem, todos esses homens humildes de condição e instrução guiaram os trabalhos da assembléia com uma perfeição extremamente parlamentar, a ponto de, se pudessem lá estar, causar inveja ao Senhor Andrade Bezerra ou ao Senhor Torquato Moreira.¹⁸⁰

Ser “essencialmente um homem do povo” e, ao mesmo tempo, conquistar ouvintes para as suas “prédicas sociais e políticas” possibilitava a Lima Barreto compreender com empatia as “manifestações artísticas de pessoas da mesma condição” que ele próprio. Na “Vila Quilombo”, Lima Barreto buscou descobrir e valorizar o saber popular, além de relatar uma experiência na qual ficava evidente que os “homens humildes de condição e instrução”, representados por Manuel Parafuso e Miguel Barbalho, haviam acumulado um conhecimento sólido a respeito da coordenação política dos trabalhos de uma assembléia. A reflexão acerca do nome do bloco carnavalesco, as “Rapaduras Gostasas”,

¹⁸⁰ Lima Barreto. “Legião da Mulher Brasileira”. *A. B. C.*, Rio, 27-3-20. In: *Coisas do Reino do Jambon*, p. 66-67.

reforçou a postura cuidadosa com que Lima Barreto enxergava e atribuía sentido às criações populares.

Em “O ‘Moambeiro’”, vamos continuar observando o modo pelo qual Lima Barreto era distinguido na Vila Quilombo como “negro-intelectual” pelos “pobres-diabos”, e também como um destes foi “enquadrado” pelas autoridades policiais, que buscavam “mostrar serviço” no controle das “classes perigosas”:

Quando saio de casa e vou à esquina da Estrada real de Santa Cruz, esperar o bonde, vejo bem a miséria que vai por este Rio de Janeiro.

Moro há mais de dez anos naquelas paragens e não sei porque os humildes e os pobres têm-me na conta de pessoa importante, poderosa, capaz de arranjar empregos e solver dificuldades.

Pergunta-me um se deve assentar praça na brigada, pois há oito meses não trabalha no seu ofício de carpinteiro; pergunta-me outro se deve votar no Senhor Fulano; e, às vezes mesmo, consultam-me sobre casos embaraçosos. (...)¹⁸¹

Tal como a expressão “Aquilo lá” na crônica “A Polícia Suburbana”, analisada alguns parágrafos atrás, o uso da forma demonstrativa “naquelas” nesta citação marcou discursivamente a posição de estranhamento de Lima Barreto como negro-intelectual no espaço-tempo da Vila Quilombo.

Ao reintroduzir a paisagem da Vila Quilombo, Lima Barreto pintou-a com as cores fortes da “miséria que vai por este Rio de Janeiro e destacou nas “gentes” os “humildes e os pobres”. No espaço suburbano, a presença de Lima Barreto era notada diferentemente da maioria dos habitantes, embora ele residisse “há mais de dez anos naquelas paragens”:

Ultimamente, na esquina, veio ao meu encontro um homem com quem conversei alguns minutos. Ele me contou a sua desdita com todo o vagar de popular.¹⁸²

Na esquina, houve o encontro do negro-intelectual com o popular, um homem do povo, com o “vagar popular” de sua linguagem e a sua história de “desdita”. Na crônica de Lima Barreto, o relato da situação vivida – ou mesmo inventada, foi acrescido da ironia para desvendar uma política de reprodução da “miséria que vai por este Rio de Janeiro”:

Este ano foi particularmente abundante em laranjas e o nosso homem teve a feliz idéia de vendê-las. Vendo, porém, que os compradores na porta não lhe davam o preço devido, tratou de valorizar o produto, mas sem empréstimo a 30%.

Comprou um cesto, encheu-o de laranjas e saiu a gritar:

-Vai laranja boa ! Uma a vintém !

Foi feliz e pelo caminho apurou uns dois mil-réis.

Quando, porém, chegou a Todos os Santos, saiu-lhe ao encontro a lei, na pessoa de um guarda municipal:

-Quedê a licença !

Que licença ?

-Já sei, intimou o guarda. Você é “moambeiro”. Vamos para a agência.

Tomaram-lhe o cesto, as laranjas, o dinheiro e, a muito custo, deixaram-no com a roupa do corpo.

Eis aí como se protege a pomicultura.¹⁸³

Ao inserir no relato o discurso direto, Lima Barreto buscou intensificar o efeito de verossimilhança e, desse modo, introduziu a polifonia das vozes de pessoas de carne e osso, uma delas sofrendo a “miséria que vai [ia] por este Rio de Janeiro” e a outra fazendo sofrer “em nome da lei”. Pela ironia verbal, Lima Barreto estabeleceu na seqüência citada, que é a que encerra a crônica, uma contradição entre dois níveis semânticos, o primeiro se estendendo até o ponto em que o pequeno agricultor quase

¹⁸¹ Lima Barreto. “O ‘Moambeiro’”. *Careta*, Rio, 7-8-1915. In: *Marginália*, p. 90.

¹⁸² Id, *ibidem*.

perdeu “a roupa do corpo” e o último compreendendo a oração – “Eis aí como se protege a pomicultura”.

Em “O ‘Moambeiro”, o procedimento irônico estruturou o texto, articulando as seqüências discursivas “vejo bem a miséria que vai por este Rio de Janeiro”, do início da crônica, e a que a encerra – “Eis aí como se protege a pomicultura”, para evidenciar que a intervenção do poder público se fazia contra o povo, uma formação discursiva também presente na crônica “O Prefeito e o Povo”, que prosseguimos analisando:

De resto, municipalidade supõe-se ser, segundo a origem, um governo popular que cuide de atender, em primeiro lugar, ao interesse comum dos habitantes da cidade (comuna) e favorecer o mais possível a vida da gente pobre. (...)

Municipalidades de todo o mundo constróem casas populares; a nossa, construindo hotéis *chics*, espera que, à vista do exemplo, os habitantes da Favela e do Salgueiro modifiquem o estilo das suas barracas. Pode ser...

O senhor Sampaio também tem se preocupado muito com o plano de viação geral da cidade.

Quem quiser, pode ir comodamente de automóvel da avenida à Angra dos Reis, passando por Botafogo e Copacabana; mas, ninguém será capaz de ir de cavalo do Jacaré à Irajá.¹⁸⁴

O termo “Favela” ainda não se popularizara e nomeava apenas os barracos do Morro da Providência que, localizado nas proximidades da Praça Onze, abrigou, de início, “os soldados do Coronel Moreira César e do General Artur Oscar”¹⁸⁵ de regresso das expedições em Canudos contra Antônio Conselheiro.

¹⁸³ Id, ibidem, p. 91.

¹⁸⁴ Lima Barreto. “O Prefeito e o Povo”, op. cit., p. 118.

¹⁸⁵ Brasil Gerson. *História das ruas do Rio: e da sua liderança na história política do Brasil*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Lacerda Ed., 2000, p. 183.

Na seqüência citada, o discurso irônico estabeleceu uma oposição entre os campos do popular e da municipalidade do Rio de Janeiro. De um lado, Lima Barreto colocou a população, localizando-a na Favela e nos subúrbios de “Jacaré à Irajá”, com seu “interesse comum”, suas necessidades de habitação e transporte não atendidas, “suas barracas” e a impossibilidade de sequer “ir a cavalo” do Jacaré, um logradouro próximo a Todos os Santos, a Irajá. E de outro lado, a prefeitura, a municipalidade, em oposição à “gente pobre” da cidade, foi caracterizada pela preocupação com seus “hotéis de luxo”, que favoreceriam “o saneamento” e a mudança de “estilo” das “barracas” dos morros “da Favela e do Salgueiro”, do mesmo modo que seu “plano de viação” facilitaria uma viagem “de automóvel da avenida (Central) à Angra dos Reis, passando por Botafogo e Copacabana”.

Na República Velha e a partir da reforma Pereira Passos, excetuando-se as freguesias urbanas centrais, houve aumento considerável da densidade demográfica nos espaços urbano e suburbano do Rio de Janeiro, para atender ao novo desenho de base capitalista da Capital Federal¹⁸⁶. Paralelamente a essas transformações na ocupação do espaço, os meios de locomoção da população precisaram se modificar, e o trem tornou-se o principal modo de transporte coletivo para a massa crescente de habitantes dos subúrbios cariocas.

Como usuário habitual dos trens suburbanos, em suas viagens de ida e volta entre a estação de Todos os Santos e a Central do Brasil, Lima Barreto era observador atento e sempre disposto a recolher nesse trajeto boa parte da matéria-prima para seus escritos sobre a “vida dos subúrbios”:

¹⁸⁶ Maurício de Almeida Abreu, op. cit., p. 67.

As conversas de trem são quase sempre interessantes. A mania dos **suburbanos** é discutir o merecimento deste **subúrbio** em face daquele. Um morador de Riachuelo não pode admitir que se o confunda com um do Encantado e muito menos com qualquer do Engenho de Dentro.

Os habitantes de Todos os Santos julgam a sua estação excelente por ser pacata e sossegada, mas os do Méier acusam os de Todos os Santos de irem para o seu bairro tirar-lhe o sossego.¹⁸⁷

Marcada pelo sentimento bairrista, a rivalidade entre os habitantes dos subúrbios explicitava a existência de fronteiras que demarcavam os logradouros que se constituíram, na seqüência citada, em torno de quatro estações da linha ferroviária da Central do Brasil: Riachuelo, Méier, Todos os Santos e Engenho de Dentro. Como as viagens de trem obrigatoriamente começavam e terminavam nas estações ferroviárias, estas também foram assunto dos relatos de Lima Barreto:

Na vida dos **subúrbios**, a estação da estrada de ferro representa um grande papel: é o centro, é o eixo dessa vida. Antigamente, quando ainda não havia por aquelas bandas jardins e cinemas, era o lugar predileto para os passeios domingueiros das meninas casadouras da localidade e dos rapazes que querem casar, com vontade ou semela.

Hoje mesmo, a *gare* **suburbana** não perdeu de todo essa feição de ponto de recreio, de encontro e conversa. Há algumas que ainda a mantém tenazmente, como Cascadura, Madureira e outras mais afastadas.¹⁸⁸

Lima Barreto definiu a estação ferroviária como ponto de encontro e de convivência equivalente às praças, mesmo após a chegada dos jardins e dos cinemas na região suburbana. As diferenças entre as posições sociais masculina e feminina foi insinuada pelo comentário irônico acerca do casamento, que os rapazes desejavam “com vontade ou sem ela”, ou seja, sem interesse ou então “para fazer a operação de crédito, muito

¹⁸⁷ Lima Barreto. “Os Outros”, *Careta*, Rio, 11-12-1915. In: *Vida Urbana*, p. 115.

simples de saldar as suas contas”¹⁸⁹. Além de lugar de encontro para os moradores, a estação de trem também era pólo aglutinador da atividade comercial:

De resto, é em torno da “estação” que se aglomeram as principais casas de comércio do respectivo **subúrbio**. Nas suas proximidades, abrem-se os armazéns de comestíveis mais sortidos, os armarinhos, as farmácias, os açougues e – é preciso não esquecer – a característica e inolvidável quitanda.¹⁹⁰

Nessa primeira enumeração dos estabelecimentos comerciais da época predominam os que atendiam às necessidades básicas; a lista foi enriquecida com a ênfase dada à quitanda que, assim, ganhou “ares” de maior importância, destacando-se dos demais negócios:

O Méier é o ponto inicial de quatro linhas de bondes, uma até de grande extensão, a de Inhaúma, e outra que leva à Boca do Mato, lugar pitoresco, que já teve fama de possuir bons ares, para curar “moléstias do peito”, como diz o povo.

Além das quatro de que falei, três linhas, vindas do centro da cidade, passam por esta localidade, de modo que a impressão que dá não é bem de um **subúrbio**, mas de uma cidade média. (...)

É o Méier o orgulho dos **subúrbios** e dos **suburbanos**. Tem confeitarias decentes, botequins freqüentados; tem padarias que fabricam pães, estimados e procurados; tem dois cinemas, um dos quais funciona em casa edificada adrede; tem um circo-teatro, tosco, mas tem; tem casas de jogo patenteadas e garantidas pela virtude, nunca posta em dúvida, do Estado, e tem boêmios, um tanto de segunda mão; e outras perfeições urbanas, quer honestas, quer desonestas.¹⁹¹

¹⁸⁸ Lima Barreto. “A Estação”. In: *Feiras e Mafuás*, p. 145-155.

¹⁸⁹ Lima Barreto. “Novidades”. *Careta*, 22-11-1919. In: *Vida Urbana*, p. 208.

¹⁹⁰ Lima Barreto. “A Estação”, op. cit., p.145.

¹⁹¹ Id, ibidem, p. 145-146.

Em “A Estação”, Lima Barreto apresentou uma visão panorâmica do cenário suburbano, no qual o foco principal era o trem, a linha férrea e a estação ferroviária. E a estação do Méier, ao se destacar das demais, pareceu-nos indicar que ali, naquela temporalidade, começava a se constituir a região que, mais tarde, passaria a ser denominada “Grande Méier”, englobando todos os logradouros ao redor, inclusive Todos os Santos, o bairro de residência de Lima Barreto. Na passagem citada, há uma referência a um “lugar pitoresco”, a Boca do Mato, certamente por se tratar do primeiro local na direção suburbana onde a família Barreto residiu, em busca de alívio para a mãe de Lima Barreto, que sofria de “moléstias do peito”.

O efeito sempre buscado de humor resultou de um percurso discursivo de ironia crescente, que começou na qualificação das casas de jogo, tão virtuosas quanto o Estado; a seguir, Lima Barreto tratou de descrever os boêmios, “um tanto de segunda mão” como ele próprio, talvez; por fim, o processo irônico nos conduziu à ambígua honestidade-desonestidade das “perfeições urbanas” que o Méier já havia incorporado:

As casas de modas, pois as há também, e de algum aparato, possuem nomes *chics*, ao gosto da Rua do Ouvidor. Há até uma “Notre Dame”, penso eu. (...)

É de lamentar essa pobreza e essa falta na designação das nossas casas de mercancia.

Os portugueses, quando não as apelidam com os seus nomes próprios e sobrenomes familiares, evocam nas tabuletas nomes e coisas dos lugares de seu nascimento; ou figuras da política de sua terra, reis, etc., ou datas notáveis, tanto de cá como de lá; e até, fatos domésticos.

(...) Em geral, nós não inventamos os títulos das nossas casas comerciais, aliás, de coisa alguma.

As lojas de primeira ordem copiam os das grandes casas das primeiras cidades do mundo; e as dos arrabaldes e **subúrbios**, por sua vez, copiam os dísticos naquelas e

acrescentam o nome da divisão da cidade em que se acham.

Nas cercanias das estações de **subúrbios**, parece-nos, a ilusão urbana fica completa com essas tabuletas ouvidorianas, onde até o francês figura.¹⁹²

Na análise que anteriormente fizemos neste capítulo da crônica “De Cascadura ao Garnier”, observamos o caso da Livraria Garnier, na carioca rua do Ouvidor, que reproduzia o nome do famoso teatro parisiense. A alusão à “ilusão urbana” restabeleceu a distinção entre os espaços urbano e suburbano, os quais, entretanto, estavam unidos na prática de copiar os títulos das lojas de prestígio, Paris sendo modelo para a “Avenida Central” e esta, sendo reproduzida pela “Vila Quilombo” nas “tabuletas dos mercadores”:

Elas [as tabuletas] indicam as lojas em que se amontoam essas coisas *fashionable* das casas de fazendas, de sapatarias, de bordados, de balas e bombons. Porém, o aspecto mais interessante da “estação” não é esse.

A “estação” é verdadeira e caracteristicamente **suburbana**, na segunda metade da manhã, principalmente das nove às onze horas. São as horas em que descem os empregados públicos, os pequenos advogados e gente que tal.¹⁹³

Nessa última seqüência citada da crônica “A Estação”, observamos que Lima Barreto expandiu a lista de estabelecimentos comerciais, acrescentando as lojas de modas em geral à primeira relação de lojas mais simples, que negociavam artigos de primeira necessidade como alimentos, remédios e pequenos aviamentos. Nesse ponto da enunciação, Barreto passou a tratar das “gentes”, segundo ele “o aspecto mais interessante da ‘estação’ e, também, do trem:

A segunda classe dos nossos vagões de trens de **subúrbios** não é assim tão homogênea. Falta-nos, para sentir a amargura do destino, profundidade de sentimentos. Um

¹⁹² Id, ibidem, p. 146-147.

¹⁹³ Id, ibidem, p. 148.

soldado de polícia que nela viaja não se sente diminuído na sua vida; ao contrário; julga-se grande coisa, por ser polícia; um guarda civil é uma coisa importante; um servente de secretaria vê Sua Excelência todos os dias e, por isso, está satisfeito; e todos eles, embora humildes, encontram na sua estreiteza de inteligência e fraqueza de sentir motivos para não se julgarem de todo infelizes e sofredores. Só alguns e, em geral, operários é que esmaltam no rosto angústia desânimo.¹⁹⁴

Como meio de transporte mas igualmente espaço de convivência, no trem se estabeleciam as relações entre o espaço suburbano e a *belle époque* carioca. Em “O Trem de Subúrbios”, Lima Barreto estabeleceu uma ponte com uma imagem de um carro de segunda classe de um trem francês, que vira “em um álbum de desenhos de Daumier”¹⁹⁵ e que desde então muito o impressionara, particularmente pela “ambiência que envolve todas as figuras e a estampa registra, ambiência de resignação perante a miséria, o sofrimento e a opressão que o trabalho árduo e pouco remunerador traz às almas.”¹⁹⁶ Na situação do nosso trem suburbano, Lima Barreto distinguiu os operários dos demais passageiros, como os únicos que revelavam a mesma grandeza das figuras do desenho francês:

(...) a indumentária variegada merecia que um lápis hábil a registrasse. Aquelas crioulas e mulatas inteiramente de branco, branco vestido, meias, sapatos, ao lado de portugueses ainda com restos de vestuários da terra natal; os uniformes de cáqui de várias corporações; os em mangas de camisas e algum exótico jaquetão de inverno europeu, acompanhado do indefectível cachimbo – tudo isso forma um conjunto digno de um lápis ou de um pincel.¹⁹⁷

¹⁹⁴ Lima Barreto. “O Trem de Subúrbios”, 21-12-1921. In: *Feiras e Mafuás*, p. 241-242.

¹⁹⁵ Id, ibidem, p. 241.

¹⁹⁶ Id, ibidem.

¹⁹⁷ Id, ibidem, p. 242.

Embora as fisionomias não expressassem a “profundeza de sentimentos” daquelas do desenho de Daumier, segundo Lima Barreto, a seqüência destacou a diversidade de cores dos passageiros e de suas vestimentas como um aspecto que mereceria registro iconográfico. Em língua escrita, Lima Barreto pintou um quadro das classes populares que se espremiavam diariamente na segunda classe do trem suburbano nos anos 1920: os imigrantes pobres, portugueses e outros, os descendentes de escravos negros, crioulas e mulatas em seus uniformes de domésticas...

Habitualmente não viajo em segunda classe; mas tenho viajado, não só, às vezes, por necessidade, como também, em certas outras por puro prazer.

Viajo quase sempre de primeira classe e isso, desde muito tempo.

Quando há quase vinte anos, fui morar nos **subúrbios**, o trem me irritava. A presunção, o pedantismo, a arrogância e o desdém em que olhavam as minhas roupas desfiadas e verdoengas, sacudiam-me os nervos e davam-me ânimos de revolta. Hoje, porém, não me causa senão riso a importância dos magnatas **suburbanos**. Esses burocratas faustosos, esses escrivães, esses doutores de secretaria, sei bem como são títeres de politicões e politiquinhos. (...)

Pela manhã, aí pelas nove e meia até às dez e meia, o carro de primeira é banalizado por esses cupins de secretarias e escritórios.¹⁹⁸

A hierarquia de classes se reproduzia na divisão dos vagões e, na primeira classe, viajavam os funcionários públicos das secretarias, como Lima Barreto. Observamos que Lima Barreto não economizou adjetivos para desclassificar esse grupo de “magnatas suburbanos” e, desse modo, devolver as agressões de que se julgou vítima pelo fato de viajar “mal-vestido” na primeira classe. Após esse “horário de expediente”, a viagem de trem se tornava “mais pitoresca” porque era chegada “a hora dos namoros ferroviários”:

¹⁹⁸ Id, ibidem, p. 242-243.

Nessas horas, o trem não cheira mais a política, nem a aumento de vencimentos, nem a coisas burocráticas. O trem tem o fartum do cinematógrafo. É Gaumont para aqui, é Nordisk, para lá; é Chico Bóia; é Theda Bara – que mais sei eu, meu Deus ! (...)

Os vestuários, com raras exceções, são exageradíssimos. Botafogo e Petrópolis exageram Paris; e o **subúrbio** exagera aqueles dois centros de elegâncias.¹⁹⁹

Na estação ferroviária e na viagem de trem, Lima Barreto flagrou e relatou os “namoros ferroviários” arranjados à custa da vontade recíproca das “moças casadoiras” e dos rapazes “cuja única esperança esta(va) no casamento”.

Nas duas crônicas “A Estação” e “O Trem dos Subúrbios”, que analisamos sequencialmente, a observação das “tabletas ouvidorianas” das lojas e dos vestuários “exageradíssimos” das elegâncias de Botafogo e Petrópolis evidenciou que a “Vila Quilombo” sonhava ser como a “Avenida Central”, que por sua vez desejava ser como Paris.

Neste capítulo, destacamos três formações discursivas em disputa, para caracterizar o espaço-tempo da Vila Quilombo no discurso barretiano. Chamamos a primeira delas de “a ilusão urbana”, cujo ícone mais significativo seriam as “tabletas ouvidorianas” dos nomes das lojas situadas no entorno da “estação” de trem. A segunda formação discursiva é a que localiza “o paraíso carioca” na Vila Quilombo. E a última é a que distingue para excluir a Vila Quilombo dos cuidados que o poder público dispensava às regiões de prestígio, desde a “avenida (...), passando por Botafogo e Copacabana”²⁰⁰.

¹⁹⁹ Id, ibidem, p. 245.

²⁰⁰ Lima Barreto. “O Prefeito e o Povo”, op. cit., p. 118.

CAPÍTULO 3

UM INTELLECTUAL-NEGRO NA AVENIDA CENTRAL

Suas crônicas espelham esse desafio: ser negro, intelectual e ao mesmo tempo um homem de opinião.

Valéria Lamego²⁰¹

Na posição de “intelectual-negro”, a trajetória de Lima Barreto pode ser visualizada em um espaço-tempo que considera a “Avenida Central” como representação do “aqui”, em oposição ao “lá” da “Vila Quilombo”. Privilegiamos, nesse caso, a análise dos discursos que realizavam o movimento “daqui pra lá”, ou “da Avenida Central para a Vila Quilombo”, e que faziam, nesse movimento, a crítica da nova ordem republicana.

A representação que denominamos “Avenida Central” tem como marco histórico o momento em que, durante o governo do presidente Rodrigues Alves, a administração municipal do prefeito Pereira Passos resultou em um “verdadeiro período Haussmann à la carioca”²⁰². Lima Barreto enxergou a superposição de novas e velhas contradições no espaço urbano da cidade do Rio de Janeiro, apresentando-as, por exemplo, no artigo “O Convento”, que trata da demolição do Convento da Ajuda:

De resto, não se pode compreender uma cidade sem esses marcos de sua vida anterior, sem esses anais de pedra que contam a sua história.

Repito: não gosto do passado. Não é pelo passado em si; é pelo veneno que ele deposita em forma de preconceitos, de regras, de prejulgamentos nos nossos sentimentos.

Ainda são a crueldade e o autoritarismo romanos que ditam inconscientemente as nossas leis; ainda é a imbecil honra dos bandidos feudais, barões, duques, marqueses, que

²⁰¹ Valéria Lamego. “Lima Barreto: Críticas duras e pseudônimos”, *Jornal do Brasil, B*. Rio de Janeiro, domingo, 2-7-2000.

²⁰² Maurício de Almeida Abreu, op. cit., p. 67.

determina a nossa taxinomia social, as nossas relações de família e de sexo para sexo; ainda são as coisas de fazenda, com senzalas, sinhás moças e mucamas, que regulam as idéias da nossa diplomacia; ainda é, portanto, o passado, daqui, dali, dacolá, que governa, não direi as idéias, mas os nossos sentimentos. É por isso que eu não gosto do passado; mas isso é pessoal, individual. Quando, entretanto, eu me faço cidadão da minha cidade não posso deixar de querer de pé os atestados de sua vida anterior, as igrejas feias e os seus conventos hediondos.²⁰³

A “era das demolições” representou, para o Rio de Janeiro, a superação efetiva da forma e das contradições da cidade colonial-escravista, e o início de sua transformação em espaço adequado às exigências da modernidade. Assim, o “bota-abaixo” do prefeito Pereira Passos resultou em um processo de apagamento “dos anais de pedra que conta[va]m a sua [da cidade do Rio de Janeiro] história”. Na passagem, observamos que Lima Barreto percebeu o mal-estar que a chegada da modernidade republicana acarretava para alguns, mas, ao mesmo tempo, não descuidou de se referir ao outro mal-estar que o passado escravocrata obrigava a lembrar.

A defesa da preservação da história da cidade sobrepôs-se ao debate acerca da complexidade das relações entre o antigo e o moderno, o feio e o bonito. Sem desejar cair em anacronismos, ousamos dizer que Lima Barreto fez a apologia dos “lugares de memória” da cidade e, ao mesmo tempo, combateu a longa duração da desigualdade social, a privação dos direitos decorrente da pesada herança colonial da escravidão contra os negros africanos e seus descendentes. Na citação, percebemos os ecos da Vila Quilombo na Avenida Central quando Lima Barreto, em primeira pessoa do singular, assumiu a posição de intelectual-negro.

²⁰³ Lima Barreto. “O Convento”, op.cit., p. 85-86.

Na caracterização da “Avenida Central”, um fragmento do prefácio do primeiro tomo da “Correspondência” pode ser tomado como exemplo significativo:

Aqui nascido, raras vezes se afastou Lima Barreto do Rio, e o mesmo se deu com seus amigos, camaradas, ou colegas (...) Aqui vivíamos enjaulados num sempiterno quadrilátero: avenida, Ouvidor, Uruguaiana, São José, de dia. Ao cair da tarde, o Largo de São Francisco, as petisqueiras. À noite, a Lapa.²⁰⁴

Os limites da Cidade Velha, região por onde a boemia intelectual circulava, estão aí postos. Na passagem, o grande amigo Antônio Noronha Santos referiu-se ao fato de que Lima Barreto e seus amigos viveram quase todo o tempo na cidade do Rio de Janeiro, dela afastando-se muito pouco e, por conseguinte, mantendo uma relação de profunda intimidade.

Acrescentamos a esse núcleo histórico os novos espaços no entorno da Avenida Central, atual Avenida Rio Branco, e também os bairros de Catete, Copacabana e Botafogo que, situados na direção sul da cidade, tornaram-se os preferidos das elites intelectuais e políticas, merecendo, por esta razão, atenção especial das autoridades. Entretanto, nos relatos de Lima Barreto sobre esses novos espaços socialmente valorizados da região sul, não encontramos tanta riqueza de detalhes quanto em seus escritos sobre os espaços bem conhecidos porque percorridos cotidianamente do subúrbio e do centro da cidade do Rio de Janeiro.

Embora reduzida, Noronha Santos avaliava que:

A correspondência de Lima Barreto, com todos os seus hiatos, é um bom roteiro, desde as suas primeiras cartas ao pai, ainda criança [quando o escritor estudava em um internato]. Primeiras camaradagens, primeiros tropeços, o

²⁰⁴Lima Barreto. “Prefácio de Antônio Noronha Santos”. In: *Correspondência.- Tomo I*, p.[9].

drama da loucura paterna, o sonho logrado de ser doutor [a frustração de não ter conseguido cursar a Escola Politécnica, apesar de muito tentar], a aceitação da realidade [ou o emprego de amanuense na] (Secretaria de Guerra).²⁰⁵

Um exemplo que denota o significado das cartas como lugar de definição da posição de Lima Barreto enquanto “intelectual dessacralizado” nos círculos de sociabilidade e, sobretudo, como suporte para a discussão do pensamento político nas primeiras décadas do século passado, é o da correspondência entre Manuel de Oliveira Lima e Lima Barreto. Tendo como ponto de partida um primeiro artigo de Oliveira Lima a propósito do romance “Triste Fim de Policarpo Quaresma”, e publicado no “Estado de São Paulo”, em 13 de novembro de 1916, a troca epistolar realizou-se entre o final de 1916 e o ano de 1920. Dela, selecionamos esta carta de 1919:

Lima Barreto a Oliveira Lima

[Minuta]

Todos os Santos (Rio de Janeiro), 29 de junho de 1919.

Meu caro Senhor doutor Oliveira Lima.

Muita saúde, em companhia de sua excelentíssima senhora.

Acabo de ler o seu artigo no A.B.C. Ele me suscitou dúvidas que, sem ter a pretensão de que o senhor mas esclareça, me julgo, contudo, obrigado a submetê-las ao seu esclarecido espírito. (...)

A minha tenção era perguntar-lhe, ao senhor, mais esclarecido e inteligente do que eu, mais culto e mais viajado do que eu, conhecendo bem a evolução das idéias e a sua transformação em sentimentos, a ditar atos quase automáticos – se eu, homem de cor, mulato, etc. etc., posso e devo concorrer de alguma forma para reforçar a influência ou o predomínio, no Brasil, dos Estados Unidos; e, também, se não é minha obrigação de modesto homem da pena combater de todas as maneiras essa influência? (...)²⁰⁶

²⁰⁵ Id, ibidem, p.[13-14].

²⁰⁶ Lima Barreto. “Oliveira Lima – 1917-1920”. In: *Correspondência - Tomo II*, p. 38-39.

Na passagem, Lima Barreto fez uso intensivo, como estratégia discursiva, de expressões de polidez e de interrogações retóricas para mapear os diferentes lugares de poder naquele contexto. Na carta, o escritor não só afirmou sua posição claramente nacionalista como explicitou, polida mas ironicamente, um olhar sobre uma sociedade que apartava os dois lugares, o de intelectual e o de negro. Esse fragmento de texto é útil na constatação de algo que parece o óbvio: que o negro constituía um lugar à margem, em baixo, logo, da exclusão, e que o intelectual era um lugar do saber e, portanto, do poder de dominação. Nessa perspectiva, o que está pressuposto é, de um lado, a representação do intelectual do tipo tradicional²⁰⁷ e, de outro, a representação do negro sempre em posição subalterna. Foi nesse cenário que Lima Barreto circulou, deslocou-se.

Em uma outra estratégia discursiva própria do movimento de deslocamentos, Lima Barreto transformou alguns artigos em cartas, buscando dessa forma aproximar-se mais intimamente de interlocutores hierarquicamente distantes, por exemplo, figuras de autoridades e outras personalidades conhecidas:

Eu lhe escrevo esta carta, com muito desgosto, pois interrompo a série de impressões que vinha escrevendo sobre o país da Bruzundanga. Mas Vossa Excelência merece semelhante interrupção. Vossa Excelência é o mais cínico dos sujeitos que se fizeram ministro de Estado. (...)

Nasci sem dinheiro, mulato e livre; mas se nascesse com dinheiro, livre e mesmo mulato, fazia o Zé Rufino meu feitor da fazenda. (...)

Sabem quem é o chefe de semelhante bandalheira ?[vender o açúcar, produção nacional, por 6\$000 a arroba aos estrangeiros e por mais de 10\$000 aos retalhistas brasileiros] É o Zé Rufino Bezerra Cavalcanti –

²⁰⁷ Antonio Gramsci, op. cit.

Cavalcanti, com “i”, porque ele não é mulato – graças a Deus!²⁰⁸

A referência a uma questão econômica importante como a produção e comercialização do açúcar deu margem a uma crítica, personalizada em uma determinada autoridade, à postura governamental de submissão e entrega das riquezas nacionais ao que seria o capital internacional. Mais uma vez, Lima Barreto repetiu seu movimento discursivo de deslocar-se entre os campos políticos internacional e nacional e, então, inserir no debate uma questão local ou singular, no caso, sua identidade de “mulato livre e pobre”.

Com a costumeira ironia, a questão do regime servil foi rememorada, para mostrar que, em sua análise da nova ordem republicana que emergia, um ministro de Estado havia assumido o papel de feitor da fazenda mas, “não é [era] mulato, graças a Deus”.

Além das distinções entre a urbe e a sub-urbe, as oposições que diferenciavam politicamente a cidade e o campo também foram objeto de reflexão para esse intelectual negro:

A Volta

O Governo resolveu fornecer passagens, terras, instrumentos aratórios, auxílio por alguns meses às pessoas e famílias que se quiserem instalar em núcleos coloniais nos Estados de Minas e Rio de Janeiro. (...)

A obsessão de Buenos Aires sempre nos perturbou o julgamento das coisas.

A grande cidade do Prata tem um milhão de habitantes; a capital argentina tem longas ruas retas; a capital argentina não tem pretos; portanto, meus senhores, o Rio de Janeiro, cortado de montanhas, deve ter largas ruas retas; o Rio de Janeiro, num país de três ou quatro grandes cidades, precisa ter um milhão; o Rio de Janeiro, capital de um país

²⁰⁸ Lima Barreto. “Carta Fechada – Meu Maravilhoso Senhor Zé Rufino”. *A.B.C.*, Rio, 12-5-1917. In: *Vida Urbana*, p. 119

que recebeu durante quase três séculos milhões de pretos,
não deve ter pretos. (...)

O Rio civiliza-se!²⁰⁹

Podemos observar que Lima Barreto buscou, mais uma vez, alargar o campo de análise; interligando a questão da identidade nacional à da submissão a modelos da ordem internacional, a crítica explícita à modernidade importada se fez pela estratégia discursiva da ironia, que, como temos visto, é dominante no discurso barretiano.

O período da Primeira República apresenta-se como um campo fértil para a pesquisa das mudanças que se produziram na sociedade, especialmente na Capital Federal: a modernização pela reforma Pereira Passos produzindo a *Belle Époque* Tropical, o acirramento dos contrastes e dos confrontos sociais, a I Guerra Mundial, o Entre-Guerras, a demonização dos imigrantes pobres, o silenciamento sobre o negro recém-desescravizado, os movimentos de emancipação da mulher, as lutas dos trabalhadores.

Podemos observar que o contexto da República Velha redundou na principal fonte para os temas sobre os quais Lima Barreto refletiu, buscando defender uma cultura política “volta(da) para a diferença”²¹⁰, que fosse “basicamente sensível às desigualdades na apropriação de materiais ou práticas comuns”²¹¹, e que estivesse referenciada em um espaço urbano mais amplo no qual a sub-urbe estava incluída:

Houve grande contentamento nos arraiais dos estetas urbanos por tal fato. Vai-se o monstrengo, diziam eles; e ali, naquele canto, tão cheio de bonitos prédios, vão erguer um grande edifício, moderno, para hotel, com dez andares.(...)

²⁰⁹Lima Barreto. “A Volta”. *Correio da Noite*, Rio, 26-1-1915. In: *Vida Urbana*, p. 82-83.

²¹⁰Roger Chartier, in: Lynn Hunt (org), op. cit., p.16.

²¹¹ Id, ibidem.

É que eles estavam convencidos da sua fealdade, da necessidade do seu desaparecimento, para que o Rio se aproximasse mais de Buenos Aires.

A capital da Argentina não nos deixa dormir. Há conventos de fachada lisa e monótona nas suas avenidas? Não. Então esse casarão deve ir abaixo.

O Passos quis; o Frontin também; mas, a desapropriação custaria muito e recuaram.(...)

Não é que eu tenha grande admiração pelo velho casarão; mas, é que também não tenho grande admiração nem pelo estilo, nem pela gente, nem pelos preceitos americanos dos Estados Unidos (...)

Esse furor demolidor vem dos forasteiros, dos adventícios, que querem um Rio-Paris barato ou mesmo Buenos Aires de tostão.²¹²

Com a mesma ironia aguda característica de seu estilo, Lima Barreto contrapôs à expressão “*Belle Époque Tropical*”, consagrada para representar o modelo vencedor de modernidade importada, duas outras, “Rio-Paris barato” e “Buenos Aires de tostão”. Como efeito de sentido de maior interesse para nossa análise, podemos destacar a inversão de perspectiva, que transformou o que antes era positivo em “*Belle Époque Tropical*”, em expressões com conotação negativa pelo uso de “barato” e “de tostão” para qualificar a nossa modernidade republicana de inspiração “adventícia” e “forasteira”.

Observamos que, frente às posições hegemônicas acerca das questões internacionais, nacionais ou locais que atravessaram seu tempo, Lima Barreto buscou, com paixão e risco, o caminho menos fácil da análise crítica através de uma “narratividade delinqüente”²¹³, como em:

A Questão dos “Poveiros”

Fui estudar alguma coisa da história das relações *yankees* com outros Estados estrangeiros; é deplorável, é cheia de felonias. Lembrei-me também como lá se procede com os

²¹² Lima Barreto. “O Convento”, op. cit., p. 83 a 86.

²¹³ Michel de Certeau, op. cit., p. 217.

negros e mulatos. Pensei. Se os doutrinatórios que querem que procedamos com os japoneses, da mesma forma com que os Estados Unidos se comportam com eles, forem vitoriosos, com a sua singular teoria, não faltará quem proponha que também os imitemos, no tocante aos negros e mulatos. É lógico. Então, meus senhores, ai de mim e de... muita gente!²¹⁴

No artigo citado, Lima Barreto partiu do episódio da disputa entre os pescadores originários de Póvoa do Varzim, especializados na pesca em alto-mar, e os japoneses, imigrantes recém-chegados ao Brasil. Para além das tensões entre os americanos do Norte e os japoneses, o autor fez referência à opressão sofrida por negros e mulatos americanos. Ao expandir o campo de análise, desta maneira, Lima Barreto buscou não só refletir sobre a questão fundamental da identidade brasileira, de imigrantes, de diferentes raças, mas, também, sobre a “questão do outro”²¹⁵ no contexto político duríssimo do Entre-Guerras.

Tal qual Baudelaire, Lima Barreto criticou em seus artigos e crônicas o conceito de intelectual composto na modernidade e distanciado daquele outro que, tradicionalmente, considerava o eterno em detrimento do efêmero:

Tudo hoje é intelectual e o xadrez não podia fazer exceção à regra. O *football* também o é, apesar de ser jogado com os pés; o atirar de pistola e remar em canoas leves, também! (...)

O que não é intelectual são as manifestações de arte, de ciência e literatura. (...)

O Brasil, ao acreditar em semelhante pessoal, ficará célebre no mundo, desde que ganhe campeonatos internacionais dessas futilidades todas.²¹⁶

²¹⁴ Lima Barreto. “A Questão dos ‘Poveiros’”, op. cit., p.32.

²¹⁵ T. Todorov, op. cit.

²¹⁶ Lima Barreto. “As Glórias do Brasil”. 7-1-1922. In: *Feiras e Mafuás*, p. 271-272.

Na passagem, Lima Barreto anteviu a possibilidade, hoje tornada factual, da construção da imagem “positiva” do Brasil através do desempenho de seus atletas nos esportes, especialmente no futebol.

A respeito do futebol, a crítica de Lima Barreto era sobre vários aspectos implacável. Por exemplo, ele escreveu diversos textos nos quais apontava o preconceito contra negros e pobres que vigorava no período da introdução deste esporte bretão no Brasil:

O football é eminentemente um fator de dissensão. Agora mesmo, ele acaba de dar provas disso com a organização das turmas de jogadores que vão à Argentina atirar bolas com os pés, de cá para lá, em disputa internacional. O Correio da Manhã, no seu primeiro suelto de 17 de setembro, aludiu ao caso. Ei-lo:

O Sacro Colégio do Football reuniu-se em sessão secreta, para decidir se podiam ser levados a Buenos Aires, campeões que tivessem, nas veias, algum bocado de sangue negro – homens de cor, enfim.

O conchavo não chegou a um acordo e consultou o papa, no caso, o eminente senhor presidente da República. (...)

Foi sua resolução de que gente tão ordinária e comprometedora não devia figurar nas exportáveis turmas de jogadores; lá fora, acrescentou, não se precisava saber que tínhamos no Brasil semelhante esterco humano. (...)

Concordaram todos aqueles esforçados cavalheiros que trabalham “pedestrementemente” pela prosperidade intelectual e pela grandeza material do Brasil; (...)

A providência, conquanto perspicazmente eugênica e científica, traz no seu bojo ofensa a uma fração muito importante, quase a metade, da população do Brasil; deve naturalmente causar desgosto, mágoa e revolta; mas – o que se há de fazer? O papel do football repito, é causar dissensões no seio de nossa vida nacional. É a sua alta função social.

O que me admira, é que os impostos, de cujo produto se tiram as gordas subvenções com que são aquinhoadas as sociedades futebolescas e seus tesoureiros infieis, não

tragam também a terna, o estigma de origem, pois uma grande parte deles é paga pela gente de cor. Os futebolistas não deviam aceitar dinheiro que tivesse tão malsinada origem. (...)

P.S. – A nossa vingança é que os argentinos não distinguem, em nós, as cores; todos nós, para eles, somos *macaquitos*. A fim de que tal não continue seria hábil arrendar por qualquer preço, alguns ingleses que nos representassem nos encontros internacionais de *football*.²¹⁷

Observamos, a partir de suas palavras, que as elites intelectuais e políticas ocupavam-se igualmente das questões esportivas, na medida em que as mesmas adquiriam um significado político e, desse modo, participavam do processo de construção de uma certa identidade brasileira que excluía a população negra. No pós-escrito (P.S.) do artigo, a subjetividade manifesta no pronome possessivo em “nossa vingança” explicita uma inclusão: Lima Barreto incluiu-se, como intelectual-negro, no grande grupo da população negra brasileira que estava impedida de participar da equipe de jogadores que representaria o Brasil em competições internacionais. Na ironia fortemente presente ao longo da citação, podemos observar a crítica severa às posturas elitistas dos poderosos, desde o presidente da República – no caso, Epitácio Pessoa – até os dirigentes “futebolistas”.

Ainda na forma discursiva irônica, Lima Barreto resumiu que a “alta função social” do futebol era “causar dissensões no seio de nossa vida nacional”. A produção da violência pelo futebol foi tratada em diversos artigos, tendo como ponto de partida as notícias publicadas nos jornais sobre “rolos”, “barulhos”, “ataques” e outras confusões motivadas pelos jogos de futebol que aconteciam aos domingos:

O Foot-ball

Não é possível deixar de falar no tal esporte que dizem ser bretão.

²¹⁷ Lima Barreto. “Bendito Football”. 1-10-1921. In: *Feiras e Mafuás*, p. 94 a 96.

Todo o dia e toda a hora ele enche o noticiário dos jornais com notas de malefícios, e mais do que isto, de assassinatos. Não é possível que as autoridades policiais não vejam semelhante cousa.

O Rio de Janeiro é uma cidade civilizada e não pode estar entregue a certa malta de desordeiros que se querem intitular *sportmen*.

Os apostadores de brigas de galos portam-se muito melhor. Entre eles, não há questões, nem rolos. As apostas correm em paz e a polícia não tem que fazer com elas; entretanto, os tais de *foot-ballers* todos os domingos fazem rolos e barulhos e a polícia passa-lhes a mão pela cabeça. (...)²¹⁸

Como uma modalidade esportiva inscrita no campo que podemos denominar “lazer civilizado” desde a sua introdução no Brasil, o futebol carioca “nasceu” em 21 de julho de 1902, “na residência do Sr. Horácio da Costa Santos, à rua Marquês de Abrantes número 51, [quando] fundaram o Fluminense Football Club”²¹⁹. Portanto, “o tal esporte” começou no Flamengo, um dos bairros adjacentes a Botafogo e, assim, pertencia ao espaço-tempo da “Avenida Central”.

Na crítica à modernidade importada, Lima Barreto ressaltou que a mesma continha um pacote de “malefícios” como o futebol, um “esporte que dizem ser bretão” mas que promovia cenas de violência explícita protagonizadas por “desordeiros que se querem intitular *sportmen*”. Pela comparação entre o “esporte bretão” e um divertimento popular como as “brigas de galos”, Lima Barreto denunciou o tratamento diferenciado que as “autoridades policiais” dispensavam a um e a outro, ou seja, no Rio de Janeiro “civilizado”, a violência dos “tais *foot-ballers*” era tolerada “e a polícia passa[va]-lhes a mão pela cabeça”.

²¹⁸ Lima Barreto. “O Foot-ball”. *Careta*, Rio, 1-7-1922. In: *Marginália*, p. 153.

²¹⁹ Charles J. Dunlop. *Rio Antigo*. Rio de Janeiro: Editora Gráfica Laemmert Ltda., 1955, p. 111 (vol. I).

No discurso de Lima Barreto com referência ao espaço-tempo da “Avenida Central”, a crítica aos privilégios que os “futebolistas” auferiam só foi suplantada pela crítica às vantagens que os “doutores” usufruíam apenas com a apresentação de seus diplomas como credenciais:

Esse espírito de dar aos “formados” os bons lugares da administração vai tomando vulto, vai crescendo desbradamente com os anos da República. (...)

Essa superstição do doutor vai de tal modo avassalando a nossa administração que, nas promoções, um bacharel, um engenheiro, um médico ou um dentista que concorra com um colega não “arelado”, em igualdade de condições ou não, o mais certo é ser promovido o “doutor”. Note-se que não falo de repartição especial. (...)

Os seus [do nosso ensino superior] estabelecimentos são verdadeiras oficinas de enobrecimento, para dar títulos, pergaminhos, – como o povo chama os seus diplomas, o que lhes vai a calhar – aos bem nascidos ou pela fortuna ou pela posição dos pais.²²⁰

Como formação discursiva, a imagem do “diploma abre-te Sésamo” concorreu para a construção das oposições sociais que distinguiam a “Avenida Central” como representação do espaço de “densa concentração de propriedades positivas”²²¹.

Na perspectiva do combate ao projeto de modernidade instalado na República, o discurso de Lima Barreto buscou tornar perceptível que “o poder se afirma[va] e se exerc[ia] (...) sob a forma mais sutil, a da violência simbólica”²²². Os efeitos do poder simbólico eram quase sempre invisíveis e, portanto, precisavam ser desocultados; um desses efeitos era a crescente reserva e destinação dos “bons lugares da administração” para

²²⁰ Lima Barreto. “As Reformas e os ‘Doutores’”, 16-1-1921. In: *Feiras e Mafuás*, p. 234,236.

²²¹ Pierre Bourdieu. “Efeitos de lugar”, op. cit., p. 161.

²²² Id, ibidem, p. 163.

os “anelados”, sendo estes, por seu turno, exclusivamente os “bem nascidos ou pela fortuna ou pela posição dos pais”.

Segundo Lima Barreto, até mesmo no “execrável *football*”, os “anelados” recebiam vantagens:

(...) porque os pais, tios, tutores, vendo o futuro dos filhos, sobrinhos e pupilos, só garantido com o “canudo de lata”, hão de empregar todos os recursos, processos e manhas, para obter a aprovação dos seus candidatos e vê-los afinal munidos com o diploma – “abre-te, Sésamo !” (...)

Até no execrável *football* os doutores são as primeiras figuras entre os jogadores honorários.

À proporção que os “anelados” ganham importância, iníquos privilégios, o ensino desanda e piora a olhos vistos, como está na consciência de todos.

Costumo admitir que os nossos nobres doutorais venham a chegar, como os seus semelhantes feudais, a jactar-se de não saberem ler nem escrever, na sua qualidade de gentis-homens acadêmicos.²²³

A avaliação desfavorável do “ensino [que] desanda[va] e piora[va] a olhos vistos” reforçou a crítica aos “iníquos privilégios” dos “nobres doutorais”, os quais muniam-se do “canudo de lata” como se este fosse um título de nobreza e, em breve, não precisariam sequer saber ler e escrever, “como os seus semelhantes feudais” e “na qualidade de gentis-homens acadêmicos”. Segundo o texto de Lima Barreto, e como a sua própria trajetória demonstrou, os lugares de prestígio estavam previamente marcados e, portanto, interditados aos do povo.

Na crítica aos “doutores”, um dos ingredientes foi a inevitável referência à Escola Politécnica, a instituição de formação de engenheiros situada no Largo de São Francisco.

²²³ Lima Barreto. “As Reformas e os ‘Doutores’”, op. cit., p. 237,239.

O significado da passagem fracassada de Lima Barreto pela Escola Politécnica pode ser lido de dois modos distintos. Uma leitura mais superficial tem sido a de que a frustração de Lima Barreto por não ter conseguido se diplomar engenheiro explicaria sua amargura, expressa em inúmeros escritos, diante dos “doutores” e de seus privilégios. No entanto, a situação de Lima Barreto poderia ser interpretada de modo mais aprofundado, como um caso emblemático de “violência simbólica” que negros e pobres sofriam e ainda sofrem quando buscavam e buscam romper a hierarquia dos lugares marcados na sociedade:

No Brasil, o doutor (e olhem que eu escapei de ser doutor),
é um flagelo, porque se transformou em nobreza (...)

O doutor, se é ignorante, o é; mas sabe; o doutor, se é
preto, o é, mas... é branco.²²⁴

Nos relatos do próprio Lima Barreto, há diversas passagens como essa, nas quais ele afirmou, de modo irônico, ter “escapado de ser doutor”. Tendo em vista a imagem consagrada do “doutor” como aquele que “sabe” e “é branco”, podemos colher exemplos de comentários a propósito das tensões vividas por Lima Barreto como estudante negro e pobre, desde 1897, quando foi aprovado nos exames e ingressou na Escola Politécnica, até 1903, quando desistiu de tornar-se doutor:

Desde muito que eu desejava abandonar o meu curso.

Aquela atmosfera da escola superior, não me agradava nos meus dezesseis anos, cheios de timidez, de pobreza e de orgulho.

Todos os meus colegas, filhos de graúdos de toda sorte, que me tratavam, quando me tratavam, com um compassivo desdém, formavam uma ambiência que me intimidava, que me abafava, se não me asfixiava.²²⁵

²²⁴ Lima Barreto. “A Instrução Pública”. *Correio da Noite*, Rio, 11-3-1915. In: *Vida Urbana*, p. 91.

²²⁵ Lima Barreto. “Henrique Rocha”. 22-6-1919. In: *Bagatelas*, p. 195.

Após seguidas reprovações em disciplinas do curso e, também, após a doença do pai e, ainda, após passar a residir no subúrbio de Todos os Santos com a família, Lima Barreto abandonou a Escola Politécnica. No mesmo momento, sentiu-se obrigado, por necessidade de sobrevivência, a prestar concurso para amanuense da Secretaria de Guerra:

Fui perdendo o estímulo; mas, a autoridade moral de meu pai, que me queria formado, me obrigava a ir tentando... Conjugados... Momentos... Teoria do pêndulo... Teorema das áreas... Que sei eu mais? Nada!... Desgostava-me e era reprovado; e as minhas reprovações desgostavam meu pai, tanto mais que, a bem dizer, até aí, não tinha sido reprovado.

Os últimos anos, passei-os pelos corredores da escola a discutir, já afeito ao seu “ar” – agora! – ou a ler na Biblioteca Nacional ou Municipal; mas, sobretudo, na da própria escola.(...)

Vivia eu nesse conflito moral desde os meus dezesseis anos, quando, aos vinte e um, meu pai adoeceu sem remédio, até hoje. Estava livre, mas, por que preço, meu Deus! Enfim... Não seria mais doutor em cousa alguma – o que me repugnava – nem precisaria andar agarrado ‘as abas da casaca do doutor Frontin. Ia me fazer por mim mesmo, em campo muito mais vasto e mais geral!²²⁶

A trajetória de Lima Barreto demonstrou que, pelo caminho da educação formal, a porta para o “título” e o reconhecimento estava fechada para negros e pobres. Assim, a saída pela via da produção escrita, como “literato”, era a opção que restava como possibilidade de ascensão social, desde que não passasse pela porta, igualmente emoldurada pela formalidade, da Academia Brasileira de Letras:

Lima Barreto é certamente um dos espíritos mais notáveis da nova geração de escritores.

Arte, cultura, graça e amena simplicidade de estilo casam-se aos dons de harmonia arquitetônica das suas obras.

²²⁶ Id, ibidem.

Neste momento, cremos que é candidato a uma vaga da Academia Brasileira; em princípio, poucos, pouquíssimos, poderiam disputar-lhe essa consagração.

Entretanto, há razões práticas que o excluem daquela competência. Uma delas, por ventura a única de consideração, é o fruto da sua própria negligência.

Acadêmico que sou, não quero nomeá-la por não cometer um doesto, levantar um queixume ou autorizar uma injustiça.

Em todo o caso, a Academia que não peca por exclusivos, cremos, antes pelo contrário realiza as mais largas condescendências, não é nem pode ser o país da Boêmia.

Ela, como romance do autor, também abre portas travessas por onde conseguem entrar os Beldroegas de meu feitio.

Mas Lima Barreto entraria pela porta principal e talvez pela minha mão se fosse ela firme, e eu pudesse estender-lha.²²⁷

No comentário do crítico e acadêmico João Ribeiro, a explicitação do confronto entre as qualidades intelectuais de Lima Barreto e suas práticas boêmias tornou visível o cenário no qual os literatos se movimentavam, além de revelar as razões pelas quais a Academia Brasileira de Letras recusou Lima Barreto como acadêmico. Da correspondência com Monteiro Lobato, recolhemos uma referência ao artigo citado de João Ribeiro bem como outras análises, igualmente reveladoras do complexo jogo entre saber e poder no ambiente intelectual dos anos dez e vinte do século passado:

Lima Barreto a Monteiro Lobato

[Sem data].

Meu caro Lobato.

Mando-te o artigo do João Ribeiro sobre o nosso livro [Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá]. Ele alude à minha candidatura à academia. Nunca fui sinceramente candidato. A primeira vez que o fui, não sinceramente – é bem de ver – foi quando o Hélios [Lobo] se apresentou. Só para lhe fazer mal, porque eu o atrapalhava e me vingava das desfeitas que me fizera, tendo me tratado antes a modos de pessoa poderosa. A carta que enviei, embora registrada, desapareceu e Hélios, apesar do Gustavo Barroso, foi eleito

²²⁷João Ribeiro. “Crônica Literária”. *O Imparcial*, 21-4-1919. In: “João Ribeiro – 1917 [1919]”. Lima Barreto. *Correspondência – Tomo II*, op. cit., p. 31-32.

maciamente. Sei bem que não dou para a academia e a reputação da minha vida urbana não se coaduna com a sua respeitabilidade. De *motu proprio*, até, eu deixei de freqüentar casas de mais ou menos cerimônia – como é que podia pretender a academia? Decerto, não. (...)

Monteiro Lobato a Lima Barreto

25-4-1919

Lima

Recebi a tua última. Não podes entrar para a academia por causa da “desordem da tua vida urbana”; no entanto, ela admite a frescura dum J. do R. [João do Rio]. Os imortais, a contar de Júpiter, sempre viram com indulgência os Ganimedes... Enfim, são brancos, digo, imortais, lá se entendem. Eu acho a academia uma bela coisa, depois que o [Rodrigues] Alves a enriqueceu. É positivamente um negócio imortalizar-se vitaliciamente. Porque duma maneira ou doutra, a renda do legado há de reverter em benefício dos frades da ordem. Talvez isso explique o recrudescimento do avanço que se nota agora a cada vaga. (...)²²⁸

O incidente do desaparecimento da carta endereçada em 21 de agosto de 1917 ao então presidente da Academia, Rui Barbosa, marcou a primeira tentativa de Lima Barreto, concorrendo à vaga de Sousa Bandeira. Posteriormente, outras duas investidas seriam igualmente frustradas, a primeira delas para a vaga de Emílio de Menezes, em uma eleição bastante disputada nas sessões de 24 de fevereiro e 20 de outubro de 1919. Ironicamente, na última tentativa, Lima Barreto candidatou-se à vaga de Paulo Barreto, o João do Rio, um dos alvos mais freqüentes das críticas de Lima Barreto nos artigos e na correspondência, como podemos observar na citação anterior.

Na leitura das atas da Academia, chamou nossa atenção um trecho da “Acta da vigésima quinta sessão, em 7 de julho de 1921”. Embora longo, achamos melhor transcrevê-lo em apenas uma citação:

²²⁸ Lima Barreto. “Monteiro Lobato – 1918-1922”, op. cit., p. 69-70.

Lidas também duas cartas, dos srs. Affonso Henriques de Lima Barreto e João Coelho Cavalcanti, apresentando-se candidatos à vaga Paulo Barreto, pede a palavra o sr. Mario de Alencar, para lembrar o dispositivo introduzido no regimento, sobre o compromisso de voto e sobre a nomeação de uma comissão que estudará o merecimento dos candidatos, como consta das atas de julho do ano findo. Termina pedindo a leitura do mesmo dispositivo.

O sr. 1º Secretario procede a leitura de copia do dispositivo. O sr. Alberto Faria pondera que a sessão fora exclusivamente convocada para a discussão dos pareceres sobre as obras em concurso.

Objeta o sr. Lauro Muller que os termos finais do dispositivo em questão são obscuros, pois não se compreende que uma comissão estude o merecimento dos candidatos sem insinuar opinião sobre eles.

O sr. Mario Alencar explica o sentido do dispositivo, de que foi autor, parecendo-lhe que com ele se evitam candidaturas indesejáveis.

O sr. Medeiros e Albuquerque julga o dispositivo altamente inconveniente, cumprindo porém à Academia obedecê-lo pois já é lei da casa. Cita a Academia Francesa onde tais disposições foram suprimidas.

Pede a palavra em seguida o sr. Affonso Celso para perguntar à Diretoria se não julga oportuno manifestar a Academia o seu apreço ao poeta francês sr. Paul Fort, presentemente nesta cidade. (...) ²²⁹

Com relação ao conjunto documental formado pelas atas da Academia Brasileira de Letras, deve ser registrada a presença de um hiato com relação ao período de julho de 1920, referido por Mario de Alencar como aquele no qual foi introduzido o novo dispositivo no regimento. Também não encontramos qualquer registro desse dispositivo na documentação regimental oficial da Academia. Parece-nos significativo que a única referência ao tal dispositivo para evitar “candidaturas indesejáveis” e a polêmica que o mesmo gerou entre os acadêmicos tenha aparecido apenas dessa vez, exatamente quando Lima Barreto

²²⁹ Academia Brasileira de Letras. “Acta da vigesima quinta sessão, em 7-7-1921”.

apresentava sua derradeira candidatura, que ele próprio retirou em carta datada de 28 de setembro de 1921, alegando “motivos inteiramente particulares e íntimos”²³⁰.

Ainda na passagem citada, é digna de nota a intervenção do acadêmico Affonso Celso, filho do padrinho de Lima Barreto, suspendendo a polêmica sobre o dispositivo regimental. Por quê? Não conseguimos apreender nas lacunas e entrelinhas do texto quais seriam as motivações que levariam o filho do visconde de Ouro Preto a introduzir uma mudança tão brusca de assunto naquele momento da sessão.

Para quem buscava uma posição valorizada positivamente na “cidade das letras”, nem a Escola Politécnica nem tampouco a Academia Brasileira de Letras... Restou como única porta entreaberta os “quotidianos”, através dos quais Lima Barreto conseguiu expor-se e expor sua obra com maior frequência. No entanto, precisamos assinalar que nem todos os jornais e revistas acolheram os escritos, as idéias e a figura de Lima Barreto.

Ainda na condição de aluno da Escola Politécnica, Lima Barreto colaborou nos periódicos estudantis “A Lanterna” e “Quinzena Alegre”, este com Bastos Tigre. “Tagarela”, “O Diabo”, “Revista da Época”, “O Riso”, “Hoje”, além de “Revista Souza Cruz”, “O Mundo Literário”, “Fon-Fon”, “Gazeta da Tarde”, “Correio da Noite”, “Careta”, “A.B.C.”, “Brás Cubas”, todos esses periódicos cariocas também publicaram originalmente não apenas os artigos e crônicas como também os romances de Lima Barreto, estes sob a forma de folhetins:

Lima Barreto a Monteiro Lobato

Rio, 4-1-1919.

Meu caro Lobato.

²³⁰ Lima Barreto. “Academia Brasileira de Letras – 1920-1921”. In: *Correspondência – Tomo II*, p. 217.

Recebi as primeiras provas impressas [de *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*]. Fize-as ler por um amigo, aquele a quem o livro é dedicado [Antônio de Noronha Santos]. (...) Muito obrigado pelas referências aos meus broquéis; e, embora o João do Rio se diga literato, eu me honro muito com o título e dediquei toda a minha vida para merecê-lo.

Por falar em semelhante paquiderme... Eu tenho notícias de que ele não se tem na conta de homem de letras, senão para arranjar propinas com os ministros e presidentes de estado ou senão para receber sorrisos das moças brancas botafoganas daqui – muitas das quais, como ele, escondem a mãe e o pai. É por causa dessa covardia idiota que “essa coisa” não acaba...

Digo as daqui, porque são as que eu conheço, na montra da Rua do Ouvidor, e nos cochichos dos cafés, chopes e confeitarias.

Lendo unicamente jornais, como a gente inteligente do Rio, elas só conhecem a literatura do seu tempo por aquilo que, como tal, neles é publicado: João do Rio, etc., etc.²³¹

Embora, na passagem, Lima Barreto tenha feito críticas à superficialidade dos leitores e leitoras dos jornais, foi nas “folhas volantes” que ele conseguiu publicar uma vasta obra entre 1902 e 1922, sem que, no entanto, ficasse livre das tensões, inevitáveis para um “intelectual-negro” no espaço da “Avenida Central”.

Na seqüência, apareceu novamente a referência agressiva a João do Rio; em diversas ocasiões, as relações pouco amistosas com Paulo Barreto, o João do Rio, foram compartilhadas com outros interlocutores, dos quais destacamos Noronha Santos e Monteiro Lobato. Na citação, a contundência da agressividade do discurso barretiano dialogava com o discurso igualmente agressivo de Monteiro Lobato em carta anterior, datada de 28 de dezembro de 1918, na qual, ao comentar a boa acolhida de seu mais recente “livro de contos”, *Urupês*, ele escrevera: “Cá entre nós: não sou literato, nem quero ser, porque João do Rio o é”.

Observamos que, ao contrário de Monteiro Lobato, Lima Barreto se orgulhava de ser “literato”, mesmo compartilhando essa atividade com “semelhante paquiderme”, conforme João do Rio foi nomeado. Por outro lado, Lima Barreto se opunha à atitude de João do Rio de “esconder mãe e pai” para negar suas origens negras, tal como faziam as “moças brancas botafoganas”. Na passagem, a permanência do racismo, “essa coisa” que “não acaba[va]...” foi atribuída à atitude de “covardia idiota” de apagamento das “negras imagens” através dos “títulos” e da “posição”:

Com a formidável venda que o livro [*Urupês*] de você tem tido aí, parece que lá a coisa é diferente. Nunca supus assim São Paulo. Penitencio-me.

O meu *Policarpo* do qual tirei 2.000, há dois anos, está longe de esgotar-se, apesar de tê-lo vendido (a edição) quase pelo preço da impressão. (...)

Isto dá a medida da inteligência do leitor do Rio. Há uma coisa que ele pede ao autor: posição. (...) Além disso, uma outra coisa influi poderosamente no sucesso do livro: a tendência erótica (...)

O leitor comum do Rio, ou leitora, não sabe ver Amor senão no livro em que ele aparece em fraldas de camisa.

Incapaz disso, pois respeito e tenho muito medo de semelhante deus, procurei empregar a violência, a análise cruel e corajosa, para ser veículo de minhas emoções e pensamentos, despertando a curiosidade, de forma a não morrerem meus livros nas livrarias. É defeito que neles eu reconheço, mas era preciso. Estou falando muito de mim. Adeus.

Lima Barreto

N. B. – Nasci no Rio de Janeiro e meus pais também.²³²

Como pano de fundo para o debate acerca do contexto da produção literária nas primeiras décadas do século XX, Lima Barreto destacou que a posição social do autor de uma determinada obra era um critério importante, que atravessava a discussão das relações

²³¹ Lima Barreto. “Monteiro Lobato – 1918-1922”, op. cit., p. 56-57.

entre a produção e a recepção das obras literárias. Lima Barreto rebateu a modesta acolhida de seus livros com a crítica à inteligência e às escolhas dos leitores e leitoras do Rio, que preferiam as leituras “fáceis” dos jornais “do seu tempo” e dos livros “de tendência erótica” explícita, nos quais o Amor figurava “em fraldas de camisa”. Ao mesmo tempo em que avaliou negativamente os leitores cariocas, comparando-os com os paulistas, no final da carta em que se dirigia a um paulista como Monteiro Lobato, Lima Barreto não deixou de sublinhar que “nascera no Rio de Janeiro e seus pais também”, o que lhe dava pleno direito de fazer aquela crítica aos seus conterrâneos.

Com a marca do humor, Lima Barreto revelou suas limitações em relação ao “Deus do Amor”, do qual tinha “muito medo” e, por isso, respeitava. Assim, suas escolhas temáticas afastavam-se muito daquelas opções de *best-sellers*²³³ eróticos para concentrarem-se no “emprego da violência, na análise cruel e corajosa, para ser veículo de suas emoções e pensamentos, despertando a curiosidade”. Embora “reconhecesse esse defeito” em seus livros, Lima Barreto não queria “vê-los morrerem nas livrarias”, ou seja, sua intenção era de que sua obra sobrevivesse ao seu tempo e aos leitores do seu tempo.

Na correspondência intensamente trocada com Monteiro Lobato nos quatro últimos anos de vida, entre 1918 e 1922, encontramos uma observação que, de certo modo, antecipava o que vem sendo a recepção dos escritos de Lima Barreto:

Monteiro Lobato a Lima Barreto

São Paulo, 28-12-1918.

Meu caro Lima Barreto,

Recebi as últimas provas [de Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá], e acabo de rever eu mesmo os primeiros

²³² Id, ibidem, p. 57-58.

²³³ Ousamos inserir aqui uma expressão que não pertence à época de Lima Barreto, mas que descreve adequadamente sua percepção das escolhas de leituras pelos leitores de seu tempo.

capítulos do teu livro. Que obra preciosa estás a fazer! Mais tarde será nos teus livros e nalguns de Machado de Assis, mas sobretudo nos teus, que os pósteros poderão “sentir” o Rio atual com todas as suas mazelas de salão por cima e Sapucaia por baixo. Paisagens e almas, todas, está tudo ali. (...) ²³⁴

A opinião autorizada de Monteiro Lobato destacou a produção escrita de Lima Barreto para ressaltar seu significado como registro de um espaço-tempo, o Rio de Janeiro das primeiras décadas do século XX. Na seqüência, a Avenida Central e a Vila Quilombo foram rerepresentadas por Monteiro Lobato através do contraste entre as duas imagens, “salão por cima e Sapucaia ²³⁵ por baixo” do “Rio [de Janeiro] atual [das décadas de 1910, 1920] com todas as suas mazelas”.

Sobre o ambiente intelectual da cidade do Rio de Janeiro e os círculos de sociabilidade dos quais Lima Barreto participou, selecionamos algumas passagens do relato de B. Quadros, que se tornou o prefácio do segundo volume da “Correspondência” de Lima Barreto:

Primeiro Contacto com Lima Barreto

Conheci Lima Barreto, se bem me lembro, em 1908, quando se abria a Avenida.

Os moços de hoje julgam, e nós mesmos, que já andamos nos 50, de tanto lermos nos jornais ditirambos à “febre dinâmica” dos Pereira Passos e à “vara de condão” dos Frontin e Lauro Müller, estamos propensos a acreditar, retrospectivamente, no esplendor (vá lá...) da cidade de hoje surgindo como encanto dos escombros do Rio antigo.

Nada disso. A remodelação da velha *urbs* foi demorada, e obedeceu ao ritmo caprichoso, ora presto, ora lento, que caracteriza as nossas atividades. Em suma, a Avenida fez-se devagar. (...)

²³⁴ Lima Barreto. “Monteiro Lobato – 1918-1922”, op. cit., p. 55.

²³⁵ Uma das “ilhas do Fundão”. Ver: “Homem ou boi de canga?”. In: Lima Barreto. *Bagatelas*, p. 272.

O povo continuou a mover-se sem pressa, e só com o tempo foi adaptando hábitos ancestrais ao novo ambiente.

Novo, sim, sobretudo à noite, com as luzes variegadas dos primeiros reclames luminosos que o Rio conheceu, e os seus terraços e mesas da Americana e do Jeremias – insolentemente espalhadas pelos passeios.²³⁶

Publicado pela primeira vez em 1936, o relato de B. Quadros pode ser interpretado como um resultado da desejada “sobrevivência” da obra de Lima Barreto para além do seu tempo. Dessa feita, com letra inicial maiúscula, B. Quadros reapresentou a abertura da Avenida como símbolo da “remodelação da velha *urbs*” e nela situou os “terraços e mesas da Americana e do Jeremias” como espaços que, “insolentemente espalhados pelos passeios”, serviam como lugar de encontro da boemia intelectual, além de posto de observação da modernidade que chegava e do Rio antigo que se ia:

Foi numa dessas mesas, creio, que travei conhecimento com Lima Barreto. Cercava-o a rodinha que, durante alguns anos, constituiu o séquito humilde desse *prince de l'esprit*, atraído quicá, graças a alguma obscura percepção, pelas irradiações do gênio irrevelado, ou talvez pelo simples prazer de bebericar desde o cair da tarde até altas horas da noite, como um boêmio igual a ele.

Nenhum tinha relevo, é preciso repeti-lo, ou situação social acima do medíocre.

(...) E embora Lima Barreto freqüentasse também outras rodas, como a do Café Papagaio, onde avultavam, pelo talento e pela verve, Bastos Tigre, Domingos Ribeiro Filho e o engenheiro Ribeiro de Almeida, e na qual discutia Arte, era a primeira a sua predileta (...)

Nos primeiros contatos que tive com ele, não lhe notei a amargura, o vinco das criaturas marcadas para os grandes cometimentos e os desastres irreparáveis. Era o Lima Barreto da primeira fase: alegre, despreocupado da vida, sem grandes preocupações pecuniárias, não nos mostrava o fundo de sua alma, aquele surto irremediável para a tristeza

²³⁶ Lima Barreto. “Prefácio de B. Quadros”. Publicado, pela primeira vez, em *Vida Nova*, Rio de Janeiro, 25-1-1936. In: *Correspondência – Tomo II*, p. [9-11].

e a dor e o orgulho de ser negro, que mais tarde notei nele (...)²³⁷

Embora B. Quadros não houvesse notado inicialmente, a aparente “alegria” e a “despreocupação” do Lima Barreto da primeira década do século XX, ou, como Quadros denominou, da sua “primeira fase”, já continham seu tanto de “amargura” e de “sofrimento”. Basta que rememoremos a trajetória de tensões, vividas desde quando, aos seis anos de idade, ficara órfão de mãe, e em boa parte relatadas no primeiro capítulo desta dissertação. Por outro lado, um dos produtos mais felizes das rodas da “Americana” e do “Jeremias” foi o estreitamento da parceria com um de seus *habitués*, o melhor amigo Noronha Santos.

Nas ruas, nas calçadas, nos terraços, nas mesas dos cafés da “Avenida Central”, os “sem esperança” como Lima Barreto teimavam em permanecer e ocupar um espaço que se modificava e se especializava, como bem demonstrava a moda em geral e o vestuário feminino em particular:

De uns anos a esta parte, eu não vejo a avenida nem a Rua do Ouvidor com os olhos de cinco anos para trás. De forma que, sendo assim, não faço reparo nos “almofadinhas”, “melindrosas”, “entupidinhas” e outras criaturas que tanto preocupam os nossos estetas do cinema.

Contudo leio-lhes as crônicas e fico admirado com o desvelo que têm em tratar dessas cousas de vestuário das moças com ares de que está lançando a excomunhão maior com auxílio da fatal Grécia. (...)

Eu não sei quando eles têm razão, se é quando estimam as mulheres ultradecotadas nos grandes bailes e teatros, ou se é quando acham isto indecente no meio da rua.²³⁸

²³⁷ Id, *ibidem*, [10-11].

²³⁸ Lima Barreto. “Modas Femininas e Outras”. *Careta*, Rio, 13-9-1919. In: *Vida Urbana*, p. 176.

A distinção entre o espaço restrito dos interiores dos “bailes e teatros” e o espaço da rua foi percebida por Lima Barreto, através da análise das mudanças nos costumes imposta pela nova ordem da modernidade republicana. Pelo comentário irônico, podemos concluir que, na “Avenida Central”, a censura ao vestuário feminino, portanto às mulheres, era exercida com mais dureza no espaço público da rua. Para além da questão da moda feminina, observamos que Lima Barreto buscou refletir sobre a situação das mulheres e as mudanças que estavam em curso na sociedade de seu tempo:

(...) os costumes republicanos estão admitindo tanta coisa nova que tudo é possível acontecer.

Vejam os senhores, por exemplo, essas damas que encontro pelos bondes... Em vão tento namorá-las! Andam elas com uns chapéus de oleado de fazer medo a qualquer bombeiro em momento de ataque ao fogo; entretanto, elas vão bonitinhas, contentinhas de fazer um homem como eu, péssimo namorador, ficar embasbacado.

É possível que essas moças se julguem interessantes com semelhante cobertura? Não creio. Contudo elas vão alegres e satisfeitas. Como admitir uma coisa e outra?

Não sei.

Há ainda mais histórias extraordinárias nessa matéria de vestuário feminino. Algumas senhoras decotam-se abundantemente para passear na Rua do Ouvidor e na avenida. Os dias agora são frios e úmidos; e elas, por precaução, trazem um cobertor de peles.

Não seria melhor que elas não se decotassem e deixassem em casa o sobretudo de peles?

Não tenho nenhuma autoridade no assunto (...) ²³⁹

O tema da mulher é um dos mais freqüentes nos artigos e crônicas de Lima Barreto e mereceria, talvez, um trabalho exclusivo de pesquisa. Temeroso confesso das mulheres, um “péssimo namorador”, foi na posição de intelectual-negro, mais distanciado do objeto de análise, que Lima Barreto obteve maior êxito no tratamento da temática do feminino. Na

“Avenida Central”, ele expandiu sua reflexão, expôs com maior nitidez suas contradições, levantou questões e desenhou com riqueza de detalhes o cenário no qual as mulheres se movimentavam com crescente desenvoltura enquanto alguns homens como ele próprio pareciam cada vez mais intimidados.

Na passagem, o humor tomou o lugar da censura, predominante na citação anterior, ao comentar o uso pelas mulheres de vestuário ultradecotado nas ruas, quando “os dias agora são frios e úmidos” . Mais uma vez, estamos diante da crítica à modernidade importada, que impunha uma moda inadequada a um país tropical. Em outros tantos textos, encontramos marcas do estranhamento de Lima Barreto frente, por exemplo, aos movimentos feministas e à crescente violência contra a mulher na Capital Federal brasileira.

Em síntese, podemos dizer que três formações discursivas em disputa, no discurso barretiano, caracterizaram o espaço-tempo da “Avenida Central”. A primeira delas, chamada de “modernidade importada”, concretizou-se nas expressões “Rio-Paris barato” e “Buenos Aires de tostão”. A segunda formação discursiva considerou o “diploma abre-te Sésamo” e suas implicações em relação às discriminações várias, seja nas colocações e nas funções da administração, seja até mesmo na prática do futebol e dos esportes em geral. A terceira e última formação discursiva é a que distinguia a “Avenida Central” com os privilégios negados à “Vila Quilombo” e que, portanto, expunha na paisagem urbana da cidade do Rio de Janeiro das primeiras décadas do século XX as contradições na ordem republicana.

²³⁹ Lima Barreto. “Chapéus, etc.”. *Careta*, Rio, 24-7-1920. In: *Vida Urbana*, p. 235.

Em nossa análise do discurso barretiano, ao caracterizar o espaço-tempo da “Avenida Central”, encontramos marcas que revelaram com nitidez a experiência singular de Lima Barreto na posição de intelectual-negro. Deslocando-se e deslocado, negro em um ambiente intelectual que se constituía branco, Lima Barreto não apenas viveu como soube relatar sua vivência da “dupla exterioridade”²⁴⁰.

²⁴⁰ Tzvetan Todorov, *op. cit.*, p. 303.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A visibilidade maior do projeto de modernidade implantado pelas elites políticas republicanas na Cidade do Rio de Janeiro deu-se pela especialização dos espaços, cuja polarização emblemática encontrou-se expressa, nesse trabalho, pela contraposição entre a Vila Quilombo e a Avenida Central.

No início do século XX, as mudanças que se produziram na sociedade brasileira tiveram a cidade do Rio de Janeiro, capital da República, como cenário privilegiado. A proposta de modernização levada a efeito por Pereira Passos, produzindo a “*Belle Époque Tropical*”, acarretou o acirramento dos contrastes e dos confrontos sociais, contrastes e confrontos sobre os quais Lima Barreto refletiu em suas crônicas, artigos e cartas.

Com base na contraposição entre a Vila Quilombo e a Avenida Central, objetivadas nas duas grandes oposições, a sub-urbe e a urbe, emergiu a questão da “dupla exterioridade” em Lima Barreto e sua trajetória de deslocamentos entre a Vila Quilombo e a Avenida Central, “espaços especializados” que ganharam visibilidade no projeto de modernidade que as elites urbanas implementaram na Capital Federal, exibida como vitrine para o Brasil e para o mundo.

Indo e vindo do subúrbio para o centro urbano, foi através de sua trajetória que esse andarilho contumaz “soube” quanto pesava estar sempre fora do lugar em um circuito intelectual que era branco. De “modo ambulatório”, como ele próprio dizia, nosso ator do político circulou nos amplos e distintos espaços da cidade do Rio de Janeiro. Ao atuar e falar na imprensa entre os anos de 1902 e 1922, Lima Barreto atravessou fronteiras

demarcadas pela ordem republicana de então, fundando espaços, estabelecendo pontes em um itinerário de rupturas que prosseguiu produzindo o movimento de deslocamentos que caracterizou sua trajetória de tensões e frustrações: os “sonhos de posição” desfeitos, os de Amor não realizados, os de saber e erudição reduzidos, os de viagens não concretizados. Esta foi a matéria-prima para o discurso de Lima Barreto e, no espaço da escritura que ele nos legou, conseguimos realizar nosso sonho de pesquisadora em História, encontrando-nos em nosso objeto.

Na pesquisa que resultou na dissertação de Mestrado “Entre a Vila Quilombo e a Avenida Central: a dupla exterioridade em Lima Barreto” procuramos analisar que a trajetória de Lima Barreto foi marcada pela “dupla exterioridade”, em seu movimento de deslocamentos entre a Vila Quilombo e a Avenida Central, ora como um intelectual-negro, ora como um negro-intelectual no Rio de Janeiro, capital da República brasileira.

Consideramos uma das tarefas mais difíceis a seleção dos textos que deveriam compor o conjunto de citações da dissertação. Na análise das fontes, deparamo-nos com a extensão e sobretudo com a riqueza da produção de Lima Barreto: quatrocentos e vinte e um artigos e crônicas reunidos em cinco volumes, oitenta e oito interlocutores diferentes constituindo os dois volumes de sua correspondência, além da única conferência publicada.

Buscamos fazer uma descrição do conjunto das “posições” de “negro” e de “intelectual” simultaneamente ocupadas na temporalidade da Primeira República pela personalidade designada através do nome próprio de Afonso Henriques de Lima Barreto, “compreendido como uma individualidade biológica e socialmente instituída, e que

age(agiu) como suporte de um conjunto de atributos e atribuições que lhe permitem(permitiram) intervir como agente eficiente em diferentes campos”²⁴¹.

Entendemos que a pergunta de Gramsci: “Quais são os limites “máximos” da acepção de “intelectual”?”²⁴² poderia, no contexto que estudamos, ser ampliada para: Quais são os limites “máximos” da acepção de “negro-intelectual” ou de “intelectual-negro”?

Acreditamos que a resposta de Gramsci também contemplaria nossa questão ampliada, uma vez que, para ele, há um “erro metodológico” quando se quer “encontrar um critério unitário para caracterizar igualmente todas as diversas e variadas atividades intelectuais” (aqui, incluem-se aquelas próprias dos intelectuais orgânicos) “e distingui-las, ao mesmo tempo e de modo essencial, dos outros agrupamentos sociais”²⁴³. Ainda segundo Gramsci, devemos buscar o “critério de distinção” das atividades intelectuais no conjunto do sistema de relações no qual estas atividades (e, portanto, os grupos que as personificam) se encontram, no conjunto das relações sociais²⁴⁴.

Procuramos demonstrar que a análise da trajetória de deslocamentos de Lima Barreto no exercício da “dupla exterioridade” de negro e de intelectual tornou-se um caminho para o mapeamento de aspectos referentes às perplexidades presentes no conjunto das relações sociais e políticas implicadas no projeto das “transformações de toda ordem [que] compuseram um amplo quadro de mudanças que trouxe ritmos e impulsos novos à vida, e novas leituras, medos e representações às mentes”²⁴⁵ nas primeiras décadas do século XX na cidade-capital da República brasileira.

²⁴¹ Pierre Bourdieu.. “A ilusão biográfica”, op. cit., p. 190.

²⁴² Antonio Gramsci, op. cit., p. 6.

²⁴³ Id, ibidem.

²⁴⁴ Id, ibidem., p. 7.

²⁴⁵ Lená Medeiros de Menezes, op. cit., p.29.

Lima Barreto, este ator do político, contrapunha ao silenciamento o seu grito, necessário para que se fizesse ouvir a diferença de vozes, a heterologia caracterizadora da dupla exterioridade²⁴⁶. Se cada sujeito traça sua trajetória no descobrimento do outro, o que dizer de uma trajetória como a de Lima Barreto, fundada em uma história que carregava um eu e um outro, ou um outro e um eu, inconciliáveis, duplamente exteriores? “Viver a diferença na igualdade: é mais fácil dizer do que fazer” – escreve Todorov²⁴⁷. Para Lima Barreto, que viveu e disse, nada foi fácil.

Discutimos as diferenças e as aproximações que contrapunham as posições de negro-intelectual e de intelectual-negro, e tentamos demonstrar que, deslocando-se no espaço-tempo da Avenida Central, Lima Barreto vivenciou a dupla exterioridade enquanto intelectual-negro; e no espaço-tempo da Vila Quilombo este ator do político experimentou a dupla exterioridade como negro-intelectual. E deslocando-se, este ator do político carregava consigo a carga tensa e densa do vivido nas duas posições, de negro e de intelectual.

Percebemos que o discurso do escritor também colocou em evidência alguma coisa que estava subentendida nas margens (ou nas entrelinhas) do texto: o silenciamento sobre o negro presente no período republicano pós-abolição, quando a construção da identidade nacional se fazia pela alteridade entre o estrangeiro e o da terra – e branco²⁴⁸.

Pensamos que, ao vivenciar a experiência de pertencimento aos dois lugares de uma só vez, o de negro e o de intelectual, Lima Barreto encarnou a dupla exterioridade,

²⁴⁶ Tzvetan Todorov, op. cit., p. 304.

²⁴⁷ Id, ibidem, p. 302.

²⁴⁸ Lená Medeiros de Menezes, op. cit., p. 29.

alcançando uma condição comparável ao do exilado moderno, deslocando-se e deslocado nos espaços diferenciados, estrangeiro em sua própria terra.

Os espaços-tempo da Avenida Central e da Vila Quilombo estavam, de fato, apartados, reproduzindo uma “simbólica do poder”²⁴⁹. Nas situações implicadas em sua trajetória, Lima Barreto deslocou-se pela sociedade carioca, viveu de perto a questão local, pensou a questão nacional, refletiu sobre as relações internacionais e, ao empreender o movimento continuado de ir e vir nesse percurso, buscou compreender as diferenças e as oposições que se operavam tanto no tempo como no espaço em uma superfície bastante alargada, que incluía o subúrbio, a cidade, o país, o mundo.

Uma interpretação do contexto republicano que cabe acrescentar nessas considerações finais é a de que o pensamento cientificista estava colocado a serviço da reprodução da dominação e da manutenção da desigualdade. Tendo em vista que a consagração do trabalho livre compôs a modernidade da República recém-instalada em terras brasileiras, a estratégia posta em prática em nome do progresso continuou a ser a de trazer para o país o trabalhador imigrante europeu, com o silêncio recaindo sobre o ex-escravo, descartado do mesmo modo que Iracemas e Peris haviam anteriormente saído de cena em um contexto onde não mais se sustentavam as construções românticas indigenistas da identidade nacional. Uma vez que a afirmação de uma certa imagem da nacionalidade brasileira era o que mais importava no momento, tornava-se indesejável o debate que rompesse com o silenciamento sobre as “negras imagens” como constituidoras de uma imagem de nação que incluísse o povo.

²⁴⁹ Pierre Bourdieu. “Efeitos de lugar”, op. cit., p. 163.

Em uma perspectiva de distanciamentos e contrastes sócio-espaciais, a Vila Quilombo, como representação da sub-urbe, seria a depositária dos “costumes tradicionais”, da “pobreza” e dos “vícios da periferia”; e a Avenida Central exibiria a “linguagem da civilização”, o “luxo” e as marcas da “modernidade” que chegava.

Lima Barreto, entretanto, apresentaria um outro ponto de vista discursivo, no qual a Avenida Central representaria igualmente os “vícios mundanos”, as “suntuosidades republicanas”, a “lascívia das danças novas”, o “esnobismo” do diploma “abre-te Sésamo”, as “delícias transitórias” da “modernidade importada” dos “adventícios”, especialmente dos “norte-americanos”. A Vila Quilombo seria o espaço da “rememoração” dos “costumes populares”, dos “prazeres simples e suaves”, da “vida modesta”, dos “sonhos da vida roceira”...

As fronteiras entre esses espaços eram demarcadas por práticas de interdição, vigilância, controle e discriminação. A essas práticas opunham-se outras, que tentavam, mesmo de modo personalista ou disperso, como no caso de Lima Barreto, resistir, criticar, confrontar-se, enfim, estabelecer pontes ou simplesmente encontrar as pontes existentes e movimentar-se entre e nos espaços estabelecidos.

As relações entre os espaços urbano e suburbano nos quais Barreto circulou caracterizaram-se menos pelas continuidades e mais pelas oposições políticas. Através das motivações que levaram a família de Lima Barreto a se transferir para o subúrbio, podemos perceber a vivência constante de certas tensões próprias de uma “simbólica da distinção”.

Em sua trajetória de vida, Lima Barreto experimentou esse movimento de travessia, carregando para um espaço o que era próprio do outro e, desse modo, expondo-se – e também expondo em seu discurso – a complexidade daqueles novos tempos republicanos.

A residência no subúrbio obrigou Lima Barreto a se deslocar fisicamente entre a periferia e o centro, para manter os contatos com os círculos de poder da Avenida Central. As distâncias físicas retraduziam as distâncias sociais e políticas que marcaram o *habitus*, caracterizado pelas duas representações – a Vila Quilombo e a Avenida Central.

Entre a Vila Quilombo e a Avenida Central evidenciava-se um contraste espacial, mais nítido, e um contraste temporal, mais complexo. Assim, a Avenida Central é entendida na dissertação como uma representação da modernidade. Embora objetivada no espaço físico do subúrbio, a Vila Quilombo, uma criação que resulta do processo de especialização dos espaços implantado pela República, representa a memória, a raiz, a matriz colonial. São duas construções espaço-temporais atravessadas simultaneamente por Lima Barreto. De trem, de bonde ou, como ele próprio dizia, de “modo ambulatório”, nosso ator do político circulou nos amplos e distintos espaços da cidade do Rio de Janeiro, legando-nos uma obra de referência para o conhecimento de aspectos da História Política da cidade-capital brasileira no período da República Velha.

É hora de concluir... Lembremos da introdução da dissertação, quando, ao rememorar algumas passagens de nossa história pessoal, mencionamos a existência de lacunas e nossa intenção de preenchê-las com o discurso histórico. Pois bem. Nesse momento em que finalizamos o texto da dissertação, gostaríamos de falar sobre os desafios enfrentados e do prazer de enfrentá-los na tarefa de preenchimento daquelas lacunas, concretizadas em nossas hipóteses de trabalho.

Vejamos então. Desafiadora foi a tentativa de analisar Lima Barreto em uma nova perspectiva, que contemplasse seu tenso e intenso movimento de deslocamentos; mas gratificante foi poder reler de outro modo os escritos desse “carioca da gema” e, assim,

revisitar um pouco da complexa história de nossa sempre amada e “mui leal e heróica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro”.

Igualmente desafiadora foi a busca de caminhos inovadores para articular História Política e Análise do Discurso no tratamento das fontes, cuidando para não deslizarmos por um discurso perigosamente próximo do literário. Mais gratificante ainda foi o (re)encontro com o subúrbio, com as marcas do suburbano das primeiras décadas do século XX no Rio de Janeiro, marcas fortemente impressas no discurso de alguém que, como eu, e apesar de tudo, amou/ama o subúrbio carioca.

FONTES

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS (ABL)

Boletim da Academia Brasileira de Letras. N. 1. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. Setembro de 1897.

Estatutos, Rejimento Interno, Regulamento dos Concursos da Academia Brasileira de Letras. Rio de Janeiro: Typographia do Jornal do Commercio, 1913.

Atas para apresentação e julgamento das candidaturas de Lima Barreto.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO

Latas 19, 426 e 427. Coleção Visconde de Ouro Preto.

PERIÓDICOS

Revistas

RIO DE JANEIRO. *ABC*, 24-8-1918; 27-3-1920.

RIO DE JANEIRO. *Careta*, 7-8-1915; 11-12-1915; 13-9-1919; 22-11-1919; 20-3-1920; 24-7-1920; 15-1-1921; 1-7-1922; 29-7-1922; 26-8-1922.

RIO DE JANEIRO. *Lanterna (A)*, 26-1-1918; 23-3-1918.

RIO DE JANEIRO. *Revista Souza Cruz*, n. 58-59 (outubro e novembro de 1921).

Jornais

RIO DE JANEIRO. *Correio da Noite*, 28-12-1914; 26-1-1915; 3-3-1915; 11-3-1915.

RIO DE JANEIRO. *Gazeta de Notícias*, 2-1-1921; 7-2-1922.

RIO DE JANEIRO. *Gazeta da Tarde*, 4-5-1911.

RIO DE JANEIRO. *Imparcial (O)*, 21-4-1919.

RIO DE JANEIRO. *Jornal do Brasil*, 3-11-1922; 3-11-2002.

RIO DE JANEIRO. *Voz do Trabalhador (A)*, 15-5-1913.

Almanaque

ALMANAK LAEMMERT, 70^o anno, 1914.

Fac-símile

SÃO PAULO. *Voz do Trabalhador (A)*. Coleção fac-similar do jornal da Confederação

Operária Brasileira (1908-1915). Imprensa Oficial do Estado de São Paulo;
Secretaria de Estado de Cultura; Centro de Memória Sindical. 1985.

OBRAS DE LIMA BARRETO – LIVROS

LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Obras de Lima Barreto*. Vol. I: *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (Romance). 2ª ed. São Paulo: ed. Brasiliense, 1962.

LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Obras de Lima Barreto*. Vol. II: *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (Romance). 2ª ed. São Paulo: ed. Brasiliense, 1962.

LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Obras de Lima Barreto*. Vol. III: *Numa e a Ninfa* (Romance). 2ª ed. São Paulo: ed. Brasiliense, 1962.

LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Obras de Lima Barreto*. Vol. IV: *Vida e Morte de M.J.Gonzaga* (Romance). 2ª ed. São Paulo: ed. Brasiliense, 1962.

LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Obras de Lima Barreto*. Vol. V: *Clara dos Anjos* (Romance). 2ª ed. São Paulo: ed. Brasiliense, 1962.

LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Obras de Lima Barreto*. Vol. VI: *Histórias e sonhos* (Contos). 2ª ed. São Paulo: ed. Brasiliense, 1962.

LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Obras de Lima Barreto*. Vol. VII: *Os Bruzundangas* (Sátira). 2ª ed. São Paulo: ed. Brasiliense, 1962.

LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Obras de Lima Barreto*. Vol. VIII: *Coisas do Reino de Jambom* (Sátira). 2ª ed. São Paulo: ed. Brasiliense, 1962.

LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Obras de Lima Barreto*. Vol. IX: *Bagatelas* (Artigos). 2ª ed. São Paulo: ed. Brasiliense, 1962.

LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Obras de Lima Barreto*. Vol. X: *Feiras e Mafuás* (Artigos e Crônicas). 2ª ed. São Paulo : ed. Brasiliense, 1962.

LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Obras de Lima Barreto*. Vol. XI: *Vida Urbana* (Artigos e Crônicas). São Paulo: ed. Brasiliense, 1956.

LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Obras de Lima Barreto*. Vol. XII: *Marginália* (Artigos e Crônicas). 2ª ed. São Paulo: ed. Brasiliense, 1962.

LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Obras de Lima Barreto*. Vol. XIII: *Impressões de Leitura* (Crítica). 2ª ed. São Paulo: ed. Brasiliense, 1962.

LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Obras de Lima Barreto*. Vol. XIV: *Diário Íntimo* (Memórias). 2ª ed. São Paulo: ed. Brasiliense, 1962.

LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Obras de Lima Barreto*. Vol. XV: *O Cemitério dos Vivos* (Memórias). 2ª ed. São Paulo: ed. Brasiliense, 1962.

LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Obras de Lima Barreto*. Vol. XVI: *Correspondência Ativa e passiva – 1º tomo*. 2ª ed. São Paulo: ed. Brasiliense, 1962.

LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Obras de Lima Barreto*. Vol. XVII: *correspondência: Ativa e passiva – 2º tomo*. São Paulo: ed. Brasiliense, 1956.

LIMA BARRETO, A. H. de. *O Subterrâneo do Morro do Castelo: um folhetim de Lima Barreto*/ org. Beatriz Resende. 2ª ed. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 1997.

BIBLIOGRAFIA

1. Livros

ABREU, Maurício de Almeida. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. 2ª ed. Rio de Janeiro: IPLANRIO; J. Zahar, 1988.

_____. (org.) *Natureza e Sociedade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural, Divisão de Editoração, 1992. (Coleção Biblioteca Carioca, vol. 21).

AZEVEDO, André Nunes de (org.). *Rio de Janeiro. Capital e capitalidade*. Rio de Janeiro: UERJ, 2002.

AZEVEDO, Célia Marinho. *Onda negra, medo branco. O negro no imaginário das elites. Século XIX*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. [Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira]. 6ª ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto: 1881-1922*. 7ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1988.

BARTHES, Roland. *Aula*. [Trad. Leyla Perrone-Moisés]. São Paulo: Cultrix, 1989.

_____. *Mitologias*. [Trad. Rita Buongiorno]. 8ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1989.

_____. *O Rumor da Língua*. [Trad. Antônio Gonçalves]. Lisboa: Edições 70, 1984. (Col. Signos 44).

BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos: um Haussmann tropical. A renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX*. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade, 1990. (Biblioteca Carioca).

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. [Trad. José Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista]. São Paulo: Brasiliense, 1989 (Obras escolhidas; v. 3).

BOBBIO, Norberto, MATTEUCCI, Nicola e PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. [Trad. Carmen C. Varrialle, Gaetano Lo Mónaco, João ferreira, Luís Guerreiro Pinto Cacaís]. 5ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000, (2 v.).

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 2ª ed. São Paulo: Editora

- Cultrix, 1976.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa/RJ: Difel/Bertrand, 1989.
- _____. "Efeitos de lugar". In: _____(coord.). *A Miséria do mundo*. [Trad. Mateus S. Soares Azevedo, Jaime ^a Clasen, Sérgio H. de Freitas Guimarães, Marcus Antunes Penchel, Guilherme J. de Freitas Teixeira, Jairo Veloso Vargas. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997, p. 159-166.
- _____. *A Economia das Trocas Lingüísticas: O que Falar Quer Dizer*. [Trad. Sergio Miceli, Mary Amazonas Leite de Barros, Afrânio Catani, Denice Barbara Catani, Paula Montero, José Carlos Durand]. 2^a ed. São Paulo: EDUSP, 1998. (Clássicos; 4).
- _____. "A ilusão biográfica". In: FERREIRA, M. M. & AMADO, J. (orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. 3^a ed. Rio de Janeiro: FGV, 2000, p. 183-191.
- BRAIT, Beth. *Ironia em perspectiva polifônica*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.
- BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. [Trad. Magda Lopes]. São Paulo: Ed. da Universidade Estadual Paulista, 1992.
- CALIL, Carlos Augusto e BOAVENTURA, Maria Eugenia (orgs.). *Livro involuntário: literatura, história, matéria e memória*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993.
- CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. 4^a ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CARONE, Edgard. *A República Velha – Instituições e Classe Sociais*. 2^aed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.
- _____. *A República Velha – Evolução Política*. 3^aed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1971.
- _____. *A Primeira República (Texto e Contexto)*. 3^aed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1976.
- CARVALHO, Antônio Fernando de Bulhões e REBELO, Marques (Textos); MALTA, Augusto (Fotografias). *O Rio de Janeiro do Bota-abaixo*. 4^a ed. Rio de Janeiro: Salamandra; Secretaria Municipal de Cultura, 1997.
- CARVALHO, Carlos Delgado de. *História da cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1994.
- CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. 3^a ed., 6^a reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

- _____. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. 7ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- _____. *Brasil: "Nações imaginadas". Pontos e bordados: escritos de História e política*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- CARVALHO, Maria Alice Rezende de. *Quatro vezes cidade*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1994.
- CASTEL, Robert, WANDERLEY, Luís Eduardo W. e WANDERLEY, Mariangela Belfiore. *Desigualdade e a Questão Social*. São Paulo: EDUC, s.d.
- CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. [Trad. Ephraim Ferreira Alves]. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- _____. *A escrita da história*. [Trad. Maria de Lourdes Menezes]. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2000.
- CHALOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim. O cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural – entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- CHESNEAUX, Jean. *Devemos fazer tábula rasa do passado? Sobre a história e os historiadores*. [Trad. Marcos A. da Silva]. São Paulo: ed. Ática, 1995. COARACY, Vivaldo. *Memórias da cidade do Rio de Janeiro*. 3ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1988.
- COSTA, E. Viotti. *Da Monarquia à República: momentos decisivos*. 2ª ed. São Paulo: Ed. Ciências Humanas, 1979.
- COSTA, J. C.. *Contribuição à História das Idéias no Brasil*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- COUTINHO, Afrânio (dir.). *A Literatura no Brasil*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Sul Americana, vol.IV, 1969.
- CRULS, Gastão. *Aparência do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Ed., 1949. 2 vols.
- CURI, Maria Zilda Ferreira. *Um Mulato no Reino de Jambon: As Classes Sociais na Obra de Lima Barreto*. São Paulo: Cortez, 1981.
- DARNTON, Robert. *Boemia literária e revolução. O submundo das letras no Antigo Regime*. [Trad. Luís Carlos Borges]. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- DUNLOP, Charles J. *Os meios de transporte no Rio Antigo*. Rio de Janeiro: Ministério dos Transportes, Serviço de Documentação, 1972.
- _____. *Rio Antigo*. Rio de Janeiro: Editora Gráfica Laemmert Ltda., 1955, vol. I.

- ECO, Umberto. *Semiótica e filosofia da linguagem*. [Trad. Mariarosaria Fabris, José Luiz Fiorin]. São Paulo: Ática, 1991.
- EDMUNDO, Luís. *O Rio de Janeiro do Meu Tempo*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1957, vols. 1 a 5.
- ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. [Trad. Pola Civelli]. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1972. (Col. Debates, 52).
- FEVRE, Lucien. *Combates pela História*. [Trad. Leonor Martinho Simões]. Portugal: Editorial Presença, 1952, vol. I.
- FERNANDES, Florestan (org.). *Comunidade e sociedade no Brasil: Leituras básicas de introdução ao estudo macro-sociológico do Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Editora Nacional, 1975.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.
- FERREIRA, M. M. *Em busca da Idade de Ouro: as elites políticas fluminenses na Primeira República (1889-1930)*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Tempo Brasileiro, 1994.
- FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de. *Trincheiras de Sonho: ficção e cultura em Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. [Org. e trad. Roberto Machado]. 10ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1992.
- _____. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. [Trad. Salma T. Muchail; rev. Roberto C. de Lacerda]. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- _____. *A ordem do discurso*. [Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio]. 7ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.
- FREYRE, Gilberto. *Ordem e Progresso*. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2 vols.
- GERSON, Brasil. *História das ruas do Rio: e da sua liderança na história política do Brasil*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Lacerda Ed., 2000.
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. [Trad. Maria Betânia Amoroso]. 8ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- _____. *Mitos, emblemas e sinais; morfologia e história*. [Trad. Frederico Carotti]. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- _____. *A micro-história e outros ensaios*. [Trad. Antonio Narino]. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/ Bertrand Brasil, 1989.

- GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. [Trad. Maria. L. Machado]. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- GOMES, Angela de Castro, PANDOLFI, Dulce Chaves e ALBERTI, Verena (coord.). *A República no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: CPDOC, 2000.
- GRAMSCI, Antonio. *Concepção dialética da História*. [Trad. Carlos Nelson Coutinho]. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- _____. *Os intelectuais e a organização da cultura*. [Trad. Carlos Nelson Coutinho]. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.
- _____. *Literatura e vida nacional*. [Trad. Carlos Nelson Coutinho]. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- GUIMARÃES, Eduardo (org.). *História e sentido na linguagem*. Campinas, SP: Pontes, 1989.
- HOBBSAWM, Eric. *Sobre História*. [Trad. Cid Knipel Moreira]. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- HOLLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. 21ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.
- HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. [Trad. Jefferson Luiz Camargo]. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- IGLÉSIAS, Francisco. *Historiadores do Brasil: capítulos de historiografia brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Belo Horizonte, MG: UFMG, IPEA; 2000.
- ISER, Wolfgang. *O Ato de leitura: uma teoria do efeito estético*. [Trad. Johannes Kretschmer]. São Paulo: Ed. 34, 1996, v.1. (Col. Teoria).
- JOANILHO, André Luiz. *O corpo de quem trabalha: estratégias para construção do corpo do trabalhador*. Londrina: UEL, 1996, Col. “Histórias da República – Leituras a contrapelo”.
- LEENHARDT, Jacques e PESAVENTO, Sandra Jatahy (orgs.). *Discurso histórico e narrativa literária*. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 1998.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. [Trad. Bernardo Leitão et alii]. 4ª ed. Campinas, SP: ed. UNICAMP, 1996 (Col. Repertórios).
- _____. Documento/Monumento. Em: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Casa da Moeda Imprensa Nacional, 1985, vol. I, p. 94-106.
- _____. História. Em: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Casa da Moeda – Imprensa Nacional, 1985, vol. I, p. 219.

- LEVI, Giovanni. "Usos da biografia". In: FERREIRA, M. M. & AMADO, J. (orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. 3ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2000, p. 167-182.
- LOBO, Eulália Maria Lahmeyer. *História do Rio de Janeiro (do capital comercial ao capital industrial e financeiro)*. Rio de Janeiro: IBMEC, 1978.
- LÖWY, Michael. *Ideologias e Ciência Social: elementos para uma análise marxista*. 13ª ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. [Trad. Freda Indursky]. Campinas, SP: Pontes: Ed. da UNICAMP, 1989.
- _____. *Termos-chave da análise do discurso*. [Trad. Márico Venício Barbosa, Maria Emília Amarante Torres Lima]. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- MAIO, Marcos Chor e SANTOS, Ricardo Ventura (org.). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz/CCBB, 1997.
- MALTA, Augusto (fotografias), REBELO, Marques e BULHÕES, Antonio (textos). *O Rio de Janeiro do Bota-Abaixo*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Salamandra, 1997.
- MENEZES, Lená Medeiros e. *Os indesejáveis. Desclassificados da modernidade. Protesto, crime e expulsão na Capital Federal (1890-1930)*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1997.
- _____. *Os estrangeiros e o comércio do prazer nas ruas do Rio de Janeiro (1890-1930)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992.
- _____. "Nas trilhas do progresso: Pereira Passos e as posturas municipais (RJ, 1902-1906)". In: SOLLER, Maria Angélica e Matos, Maria Izilfida S. Matos (org.). *A cidade em debate*. São Paulo: Olho D'Água, 1999. P. 109-127.
- MORAIS, Regis de. *Lima Barreto: O Elogio da Subversão*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- NEEDEL, Jeffrey. *Belle Époque Tropical*. [Trad. Celso Nogueira]. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- NORONHA SANTOS, Francisco Agenor de. *As freguesias do Rio Antigo*. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1965.
- OLIVEIRA, Lúcia Elena Garcia de; PORCARO, Rosa Maria e ARAUJO, Tereza Cristina N. *O lugar do negro na força de trabalho*. Rio de Janeiro: IBGE, 1981.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 4ª ed. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 1997. (Col. Repertórios).
- _____. *Interpretação; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

- _____(org.). *Cidade atravessada: os sentidos públicos no espaço*. Campinas, SP: Pontes, 2001.
- PARDAL, Paulo. *Memórias da Escola Politécnica*. Rio de Janeiro: Biblioteca Xerográfica Xerox, 1984.
- PÉCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. [Trad. Eni Pulcinelli Orlandi]. Campinas, SP: Pontes, 1990.
- PECHMAN, Robert Moses (org.). *Olhares sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.
- PERROT, Michelle. *Os excluídos da história*. [Trad. Denise Bottmann]. São Paulo: Paz e Terra, 1988.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O Imaginário da Cidade. Visões literárias do urbano. Porto Alegre*: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.
- PINTO, L. A. Costa. *O negro no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1991.
- POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade*. Seguido de *Grupos Étnicos e suas fronteiras* de Fredrik Barth. [Trad. Elcio Fernandes]. São Paulo: Ed. UNESP, 1998.
- PRADO, Antonio Armoni. *Lima Barreto: o crítico e a crise*. Rio de Janeiro: Cátedra/Brasília: INL, 1976.
- REIS, José de Oliveira. *O Rio de Janeiro e seus prefeitos*. Evolução urbanística da cidade. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade.
- RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. [Trad. Dora Rocha]. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1996.
- RESENDE, Beatriz. *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1993.
- RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural, 1987. (Col. Biblioteca Carioca).
- ROCHA, Oswaldo Porto. *A Era das Demolições* e CARVALHO, Lia de Aquino. *Habitações Populares*. 2^a ed. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural, Divisão de Editoração, 1995. (Col. Biblioteca Carioca, vol. 1).
- SCHWARCZ, Lilia Moritz e REIS, Letícia Vidor de Sousa (orgs.). *Negras Imagens: Ensaios sobre Cultura e Escravidão no Brasil*. São Paulo: EDUSP: Estação Ciência, 1996.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

_____. *A Revolta da Vacina. Mentis insanas em corpos rebeldes*. São Paulo: Brasiliense, 1984. (Tudo é História, 89).

SODRÉ, Muniz. *Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

SODRÉ, Nelson Werneck. *Literatura e História no Brasil Contemporâneo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

_____. *História da Imprensa no Brasil*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1977.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. [Trad. Beatriz Perrone-Moisés]. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. *Nosotros y los otros*. [Traducido com la ayda del Ministerio Francês encargado de la Cultura y la Comunicación]. Mexico: Siglo Veintiuno, 1991.

VENTURA, Zuenir. *A cidade partida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história*. [Trad. Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp]. 4ª ed. Brasília: UnB, 1998.

2. Teses, Dissertações e Monografias

BARBOSA, Marialva. *Imprensa, Poder e Público (os Diários do Rio de Janeiro –1880-1920)*. Niterói, RJ, 1996. 404 p. Tese de doutorado, Curso de Pós- Graduação em História, Universidade Federal Fluminense (UFF).

PECHMAN, Robert M. *A gênese do mercado urbano de terras, a produção de moradias e a formação dos subúrbios no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, RJ, 1985. Dissertação de Mestrado, Curso de Pós-Graduação em Planejamento Urbano Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

RODRIGUES, João Paulo Coelho de Souza. *Dândis Tropicais – Boemia Literária na Belle Epoque Carioca*. Prêmio Carioca de Monografia, 2000.

3. Artigos

PADILHA, Sylvia F. “Da cidade velha à periferia”. *Revista do Rio de Janeiro*, (1): 15-23, Niterói: UFF, set./dez. 1985.

PECHMAN, Sérgio e FRITSCH, Lilian “ A reforma urbana e seu avesso: algumas

considerações a propósito da modernização do Distrito Federal na virada do século”. *Revista Brasileira de História*, 5 (8,9): 139-195, set. 1984/ abr.1985.

RABHA, Nina Maria de Carvalho E. “Cristalização e resistência no centro do Rio de Janeiro”. *Revista do Rio de Janeiro*, 1 (1): 35-43, Niterói: UFF, set./dez. 1985.

SOLIS, Sidney Sérgio F. e RIBEIRO, Marcus Vinicius T. “O Rio onde o sol não brilha: acumulação e pobreza na transição para o capitalismo”. *Revista do Rio de Janeiro*, 1 (1): 45-59, Niterói: UFF, set./dez. 1985.

4. Periódicos

ALMANAQUE SUBURBANO. Lima Barreto – o romancista dos humildes. Almanaque Suburbano: o seu melhor companheiro de viagem, Distrito Federal: 59, 1941.

CADERNOS IPUB / INSTITUTO DE PSIQUIATRIA DA UFRJ. – n. especial. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

REVISTA GUIA REX – Edição Carioca. Rio de Janeiro: Editora Revista Guia Rex Ltda. Ano XLVI, 1980.

COSTA, Cristiane. A fortuna acrílica de Lima Barreto: Seleta da obra em prosa do escritor desprezado em vida, e só agora valorizado, peca por deixar de fora estudos fundamentais. *Jornal do Brasil*, Idéias, Rio de Janeiro, 16-3-2002.

JANSEN, Roberta. “Mercado paga até 60% menos a negro”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27-8-2001.

LAMEGO, Valéria. “Críticas duras e pseudônimos”. Pobreza, loucura e alcoolismo. *Jornal do Brasil*, Caderno B, Rio de Janeiro, 2-7-2000.

SANTOS, Joaquim Ferreira dos. “O trem do tempo: Subúrbio vive com um pé no coreto da praça e outro no foyer do shopping”. *Jornal do Brasil*, Domingo, Ano 26, n. 1331: 17-22, 4-11-2001.

“Casas que entraram para a crônica”. *O Globo*, Rio de Janeiro, 31-12-2000.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)